

UNESP UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências
Campus de Bauru – SP

ANA LAURA BERETA DE GODOI

A PERSPECTIVA DOS(AS) ESTUDANTES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

BAURU – SP
2020

ANA LAURA BERETA DE GODOI

A PERSPECTIVA DOS(AS) ESTUDANTES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

BAURU – SP
2020



Godoi, Ana Laura Bereta de.

A perspectiva dos(as) estudantes sobre a não participação nas aulas de Educação Física / Ana Laura Bereta de Godoi, 2020

135 f. : il.

Orientador: Andresa de Souza Ugaya

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2020

1. Sedentarismo. 2. Dispositivos Eletrônicos. 3. Gênero. 4. Conteúdo. 5. Prática Pedagógica. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ANA LAURA BERETA DE GODOI

A PERSPECTIVA DOS(AS) ESTUDANTES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual Paulista – UNESP, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física – Área de Concentração em Educação Física Escolar.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

Data da defesa: 29/05/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya
Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Bauru

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Elaine Prodócimo
Universidade Estadual de Campinas, FEF – UNICAMP

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger
Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Bauru

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências
Unesp – campus de Bauru





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ANA LAURA BERETA DE GODOI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS.

Aos 29 dias do mês de maio do ano de 2020, às 09:00 horas, no(a) Faculdade de Ciência/Unesp Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA UGAYA - Orientador(a) do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, Profa. Dra. ELAINE PRODÓCIMO do(a) FEF-UNICAMP / Universidade Estadual de Campinas,, Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER do(a) Departamento de Educação Física / UNESP - Faculdade de Ciências de Bauru - SP, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de ANA LAURA BERETA DE GODOI, intitulada **A PERSPECTIVA DOS/DAS ESTUDANTES SOBRE A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final **APROVADA**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. ANDRESA DE SOUZA

Profa. Dra. ELAINE PRODÓCIMO

Profa. Dra. DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER

A defesa foi realizada via Google meet seguindo as orientações do Programa de Pós-graduação da universidade devido à Pandemia do Covid-19.

Faculdade de Ciências - Câmpus de Bauru -
Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, 17033360, Bauru - São Paulo



UFMG



A uma pessoa mais que especial em minha vida e que me faz uma falta absurda. Francisco Carlos Bereta (*in memoriam*), foi triste perder você, tio, no meio desse caminho, mas você foi e sempre será meu eterno Professor. Obrigada por sempre me mostrar o melhor da vida! Estará sempre em meu coração. Esta conquista é dedicada a você, “tio Tico”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, pela oportunidade, por ter me sustentado durante todo esse caminho me agraciando com saúde e intelecto, paciência e perseverança, pois sei que tudo que me é concedido primeiramente passa por Suas mãos.

Agradeço ao meu Filho, Marcos Daniel, razão do meu viver, obrigada por entender, compreender e junto comigo caminhar, me dando forças para chegar até aqui. Obrigada, filho, você é parte fundamental das minhas conquistas.

Aos meus Pais Tacilene e Joel por sempre me fazerem acreditar que seria possível e pelos conselhos, correções e carinho ao longo da vida.

À minha Irmã Mara, em especial, sem ela não seria possível, sei que não foi fácil, obrigada por acreditar.

À minha mais que amiga, companheira, incentivadora fiel, à minha Mulher Diana, por estar comigo nesse caminho, me compreender, apoiar, incentivar, entender meus medos, crises e ausências, com você ao meu lado esse caminho foi mais fácil e mais doce.

Agradeço à minha orientadora Dr.^a Andresa de Souza Ugaya que não me deixou desistir, que acreditou e lutou comigo, tendo a paciência de me orientar. Obrigada por sua experiência, por compartilhar seus saberes, pelas exigências, pelas ideias, pela amizade e vivência ao longo dessa jornada. Também agradeço aos membros dessa banca Dr.^a Elaine Prodócimo e Dr.^a Dagmar Hunger que desde minha qualificação se dispuseram a fazer parte desse trabalho. Agradeço pelas inúmeras e significativas contribuições.

Aos quinze irmãos, amigos, família do coração, aos(às) Quinze Desbravadores(as). Vocês são demais, foram muito importantes nessa conquista, obrigada por todas as contribuições, risadas e carinho ao longo dessa convivência, a cada um(a) meu muito obrigada, vocês são inspiração de garra e de superação. A todos os(as) Professores(as) do PROEF-Bauru, sou fã de cada um de vocês, obrigada por compartilhar cada palavra, cada saber, cada experiência: a vocês minha gratidão.

Aos(às) estudantes e professores(as) que fizeram parte dessa pesquisa, obrigada por cada contribuição.

GODOI, Ana Laura Bereta de. A perspectiva dos(as) estudantes sobre a não participação nas aulas de Educação Física 2020. 135 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2020.

RESUMO

As aulas de Educação Física, na escola, devem se constituir como um espaço de aprendizado e atender às necessidades educativas de todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Mas, infelizmente, o que temos observado é que os(as) estudantes têm deixado de participar das aulas desse componente cada vez mais cedo. Partindo dessa problemática, fizemos a seguinte pergunta: por que os(as) estudantes deixam de participar das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental anos finais? Com essa indagação, a presente pesquisa teve como objetivo identificar quais são os motivos que levam o(a) estudante a não participação das aulas do componente curricular Educação Física. A pesquisa de abordagem qualitativa se orientou pelo método descritivo. O público participante são estudantes de 6.º ao 9.º ano de quatro escolas estaduais do interior paulista. Para o levantamento de dados foram utilizados três instrumentos: questionário, observações sistemáticas anotadas em diário de campo e entrevista. Os dados foram analisados seguindo o referencial teórico de categorias temáticas proposto por Gomes (2002), pelo qual emergiram três categorias: Dispositivos eletrônicos e sedentarismo – revelou um alto índice do uso dos celulares e fones de ouvido durante as aulas, bem como o uso de dispositivos eletrônicos até altas horas da madrugada nas residências; Gênero – apontou que a não participação das meninas é maior e os motivos são inúmeros (inabilidade, exposição dos corpos, desvalorização, chacotas, etc.) e Práticas pedagógicas e conteúdos – evidenciou que conteúdos repetitivos, falta de planejamento, postura do(a) professor(a) e aulas livres são, muitas vezes, motivos que levam a não participação. São várias as oportunidades que temos para diminuir e superar a não participação e compreendemos que isso é algo complexo e demanda uma força de vontade de várias instituições sociais. Consideramos que esta investigação foi significativa por permitir (re)pensar o papel da Educação Física na escola e esperamos que ela incentive a comunidade escolar a discutir e buscar estratégias para o enfrentamento dessa problemática, bem como instigar a realização de novos estudos relacionadas ao tema.

Palavras-chave: Sedentarismo. Dispositivos eletrônicos. Gênero. Conteúdo. Prática pedagógica.

GODOI, Ana Laura Bereta de. **The students' perspective on the non-participation in Physical Education classes**. 2020. 135 f. Dissertation (Professional Master in Physical Education in the National Network) - UNESP, Faculty of Sciences, Bauru, 2020.

ABSTRACT

Physical Education classes at school must be a learning space and meet the educational needs of all people involved in the teaching and learning process. But, unfortunately, what we have observed is that students have stopped participating in the classes of this component earlier and earlier. Based on this problem, we asked the following question: why do students stop participating in Physical Education classes in elementary school? With this question, the present research aimed to identify the reasons that lead the student to not participate in the Physical Education curricular component classes. The research with a qualitative approach was guided by the descriptive method. The participating public is students from the 6th to the 9th years of four state schools in the interior of São Paulo. For data collection, three instruments were used: questionnaire, systematic observations noted in a field diary and interview. The data were analyzed according to the theoretical framework of thematic categories proposed by Gomes (2002), by which three categories emerged: Sedentary lifestyle and electronic devices - revealed a high rate of the use of cell phones and headphones during classes, as well as the use of electronic devices until the wee hours of the morning in homes; Gender - pointed out that girls' non-participation is greater and the reasons are innumerable (inability, exposure of bodies, devaluation, teasing, etc.) and Pedagogical practices and content - showed that repetitive content, lack of planning, the teacher's posture free classes are often reasons that lead to non-participation. There are several opportunities that we have to reduce and overcome non-participation and we understand that this is something complex and requires the will of several social institutions. We believe that this investigation was significant because it allowed (re) thinking about the role of Physical Education in school and we hope that it will encourage the school community to discuss and seek strategies to face this problem, as well as instigate the realization of new studies related to the theme.

Keywords: Sedentary lifestyle. Electronic devices. Genre. Content. Pedagogical practice.



LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Importância da Educação Física	49
Gráfico 2 – Importância Meninas (26)	49
Gráfico 3 – Importância Meninos (13)	49



LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados das escolas	31
Quadro 2 – Organização do levantamento de dados	34

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 – Dados gerais dos(as) participantes	33
Tabela 2 – Identificação dos(as) Estudantes por Escola	39
Tabela 3 – Dados da não participação das meninas	40
Tabela 4 – Dados da não participação dos meninos	41
Tabela 5 – Não Participação de Acordo com o Gênero.....	46
Tabela 6 – Não Participação de Acordo com o Ano	47
Tabela 7 – Planejamento	53
Tabela 8 – Você se sente bem na aula?	56
Tabela 9 – Educação Física e Formação	57
Tabela 10 – Não Participação	59

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	18
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 Breve contexto histórico da Educação Física Escolar	21
2.1 A não participação nas aulas de Educação Física	25
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	30
3.1 Contexto da pesquisa	30
3.2 Participantes	33
3.3 Instrumentos para o levantamento de dados	34
3.3.1 Questionário	35
3.3.2 Observação em campo.....	36
3.3.3 Entrevistas.....	37
3.4 Procedimentos para a análise de dados	38
4 ANÁLISE DOS DADOS	40
4.1 Dispositivos eletrônicos e sedentarismo	42
4.2 Gênero	46
4.3 Práticas pedagógicas e conteúdos	50
5 DISCUSSÃO DOS DADOS	59
6 CONSIDERAÇÕES	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	84
APÊNDICE A – Carta de Apresentação de Projeto de Pesquisa	84
APÊNDICE B – Termo Consentimento Livre e Esclarecido.....	85
APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.....	86
APÊNDICE D – Questionário Final	87
APÊNDICE E – Roteiro de observação de aula	90
APÊNDICE F – Diário de Campo	91



APRESENTAÇÃO

Desde cedo, aprendi a amar a Educação Física, pois fui criada nas quadras onde minha mãe, também professora de Educação Física, dava suas aulas. Assim sempre a acompanhava, cresci em meio às bolas, às brincadeiras, às aulas de ginástica e aos esportes, estes que me acompanharam e me acompanham até os dias de hoje.

Estudei em escolas públicas e particulares durante minha passagem no Ensino Fundamental e Médio, sempre me envolvendo demais com as aulas de Educação Física que eram minha grande paixão. Eu respirava esportes dentro e fora da escola, jogava handebol para o time da escola e basquetebol para o time da minha cidade Tupã, interior de São Paulo.

Desde muito pequena, sempre observei minha mãe ministrar as aulas e via no rosto dos(as) estudantes o entusiasmo pela prática. Cresci, e como minha mãe, fui em busca da tão sonhada faculdade de Educação Física e acabei realizando o sonho, na mesma faculdade que minha mãe se formou. Entrei em 2002 na antiga Escola Superior de Educação Física da Alta Paulista em Tupã (ESEFAP) vindo a me formar em 2005, trazendo comigo uma formação inicial e uma vontade tamanha de mudar o mundo, muitas expectativas, muitas inseguranças, algumas incertezas pelo caminho, mais a certeza que era na Educação Física que queria continuar e crescer.

Em 2004, sempre com o objetivo de terminar a faculdade e continuar na área, prestei um concurso do Estado de São Paulo para Professor de Educação Básica II em Educação Física, no qual foi aprovada e efetivada três anos depois. Em 2007. Iniciei minha trajetória no Município de Bom Sucesso de Itararé e depois me efetivei na Diretoria de Ensino de Apiaí na “E.E. Prof. Leopoldo Leme Verneque”, onde trabalhei por quatro anos. Após essa trajetória inicial, com a remoção, fui para a Diretoria de Itararé, trabalhando em três escolas diferentes de Ensino Fundamental I, II e Médio durante nove anos. Hoje, resido em São Paulo-Capital onde ministro aulas para o Ensino Fundamental I na “E.E. Judith Guimarães dos Santos”.

Trabalhei durante 13 anos com o Ensino Fundamental II e Ensino Médio, procurei melhorar minha prática buscando estratégias para incentivar os(as) estudantes a participarem das aulas de Educação Física, mas percebi que muitos, no decorrer dos anos, diminuía sua participação e motivação para as aulas e isso



sempre me incomodou. Mesmo buscando melhorar as aulas para incentivá-los(as), muitos se negavam a participar ou arrumavam atestado para não participar delas.

Com o passar dos anos, tendo um olhar mais crítico e experiente, fui percebendo que cada vez mais cedo os(as) estudantes mostravam o desinteresse pela Educação Física e isso me intrigava e me impulsionou a procurar em uma formação continuada a resposta que me ajudasse a entender o processo da não participação.

Então, em março de 2016, surgiu a oportunidade de fazer o processo seletivo para o Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF). Nessa época, minha irmã mais velha, Mara Helena, tinha acabado o Mestrado na Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) em Tupã e me deu todo o apoio na busca pelo meu. Vi nessa oportunidade a chance de crescimento e de reflexão sobre minhas práticas, também a oportunidade de entender o porquê dos(as) estudantes, com o passar dos anos, diminuírem a participação nas aulas.

Então, em agosto de 2016, fui aprovada no PROEF e um sonho que tinha de cursar uma Universidade Pública estava acontecendo. Agarrei com força essa oportunidade, mas como nem tudo são flores, devido a questões políticas e organizacionais, o tão esperado mestrado foi se afastando. Cheguei a achar que não seria dessa vez, mas em abril de 2018 o sonho começou e cá estou. A oportunidade de crescimento, de reflexão foi se abrindo à minha frente e, mesmo com muito medo, receio e ansiedade, fui em frente. Às vezes, achava que o mestrado não tinha sido feito para mim e pensava em desistir, mas a todo o momento meus colegas, os “15 Desbravadores”, a grande equipe de professores e minha orientadora, a Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya, me erguiam e a motivação por estudar o tema do afastamento dos(das) estudantes das aulas se mantinha.

Foi então que as aulas começaram e me vi rodeada por professores(as) qualificadíssimos e por muito conhecimento, algo que sempre sonhei, ficava perplexa com as aulas presenciais e também assustada, pois minha realidade de formação inicial em Educação Física era muito diferente de tudo que estava sendo apresentado. Tive muitas dificuldades em entender a dinâmica de algumas tarefas e disciplinas, principalmente a elaboração do pré-projeto, mas com perseverança, paciência e ajuda tudo foi se encaixando.

As disciplinas do PROEF fizeram refletir sobre a minha prática no chão da escola, a realidade escolar com seus desafios e alegrias, possibilitando entender mais

as relações estabelecidas entre seus sujeitos. Assim, pude olhar e enxergar, além da minha experiência, novas possibilidades de reflexão.

O ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e as interações entre os(as) colegas de vários polos com diversas realidades foi enriquecedor, pois ali conseguimos observar a Educação Física e suas realidades no Brasil. A troca de experiências positivas, negativas e as reflexões acerca do que nos era pedido em cada atividade foram enriquecedoras, e todo esse conhecimento, reflexões e experiências acabavam se fortalecendo nos encontros presenciais, nos quais a partilha de experiências e os conhecimentos de nossos professores(as) selavam o aprendizado.

Na disciplina “Problemáticas da Educação Física” tive a oportunidade de conhecer, discutir e analisar sobre os problemas que enfrentamos no dia a dia escolar como o “rola a bola”, a relação entre a teoria e a prática pedagógica, as legislações e as dificuldades enfrentadas pela Educação Física. Pude compreender um pouco mais sobre o afastamento e sua legislação, um tema pertinente à minha pesquisa.

Já a pauta de “Seminários de Pesquisa em Educação Física” abordou uma temática para mim muito complicada, quando cursei minha faculdade não tive a oportunidade de entrar em contato com conceitos básicos de metodologia científica, pois, quando me formei em 2005, não tive que apresentar um trabalho de conclusão de curso (TCC). Quando deparei-me com esse componente fiquei perdida e se não fosse pela ajuda de meus(minhas) queridos(as) amigos(as) e minha orientadora, acho que não conseguiria. Mas foi um grande aprendizado e descobri com muita dor que não preciso ter certeza de que tudo está certo. Tive muita dificuldade de escrever no início, ainda tenho, e de entender todo o processo de um projeto de pesquisa e a pesquisa em si, porém no decorrer da disciplina e do curso fui me destravando com o auxílio das atividades, textos e de minha orientadora que sempre me aconselhou: “não tenha medo de errar, é só escrevendo que você vai entender o processo”.

Nas aulas sobre os temas “Escola, Educação Física e Planejamento” e “Metodologia do Ensino da Educação Física”, consegui aprofundar e refletir sobre as funções sociais da escola e da Educação Física, questões sobre planejamento, projeto político pedagógico, avaliações, estratégias, didáticas, metodologias, enfim, o dia a dia do(a) professor(a) dentro da sala de aula. Isso me ajudou a planejar de forma mais organizada e contextualizada as minhas aulas, olhar de diferentes formas o processo de avaliação. Interagi e debati, com meus colegas de escola, sobre essas questões colocando sempre meu ponto de vista. Valoroso foi perceber que as



interações entre professor(a) e estudante e as dinâmicas desse processo de aprendizado, conteúdos, metodologias e estratégias promovem uma aula mais dinâmica. As atividades no ambiente virtual, os fóruns e as interações entre os colegas do mestrado, trouxeram experiências que pude aplicar dentro das minhas aulas com um novo olhar e uma nova perspectiva e assim estes conteúdos (através dos textos e das aulas presenciais) contribuíram muito a delimitar meu projeto de pesquisa.

O tópico “Educação Física no Ensino Fundamental” foi a que separou os(as) estudantes por linha de pesquisa, isso possibilitou uma grande troca de experiências, e com isso pude observar sobre as principais dificuldades nesse nível de ensino, o que foi de grande ajuda para que eu tivesse a oportunidade de refletir mais sobre meu tema de pesquisa e buscar informações e experiências com meus colegas. As atividades propostas foram enriquecedoras e levaram em conta as manifestações da cultura corporal do movimento e os processos de ensino e aprendizagem.

“Escola, Educação Física e Inclusão” foi um dos assuntos que mais me chamou a atenção, pois tenho muita dificuldade com esse tema e o processo de ensino. Na escola, já trabalhei com uma estudante com deficiência física (cadeirante), um estudante com deficiência auditiva e fala (surdo e mudo) e uma estudante com deficiência visual (cegueira) e sempre tive muita dificuldade para inclui-los(as) e propor aos mesmos uma aula com qualidade. Por isso, esta etapa me ajudou a entender os processos da inclusão e como deveriam acontecer. Outra contribuição foi entender a exclusão e seu processo nas relações entre estudantes e professores(as) e estudantes e estudantes; o preconceito; *bullying*; gênero entre outros fatores que desencadeiam a exclusão e autoexclusão que são muito pertinentes ao meu projeto de pesquisa. As atividades e os fóruns foram riquíssimos, cheios de exemplos lindos de inclusão que levarei comigo para assim proporcionar uma aula que contemple a inclusão de todos.

Durante todas as disciplinas, o crescimento profissional se fez presente e pude refletir, analisar e aplicar variadas atividades, reconhecer e entender os principais desafios da Educação Física Escolar.

Hoje, já na reta final, ainda tenho algumas inseguranças sobre como escrever, muitas vezes o medo me trava, mas quando paro, olho para trás, reflito sobre a professora que eu era e a que estou me tornando e comparo todo o crescimento pessoal e intelectual que adquiri, então sigo em frente, pois sei que tenho muito ainda a aprender. Amo a Educação Física e sei que superar desafios é necessário. Quero,

através de toda essa jornada, contribuir um pouco para que a minha amada Educação Física seja mais reconhecida e valorizada dentro do ambiente escolar.

Durante o PROEF, descobri amigos(as) verdadeiros(as), aqueles(as) que não nos deixam para trás, que se preciso nos colocam à frente. Aqui conheci pessoas extraordinárias que lutam por seus ideais. Cito aqui minha querida orientadora e amiga que tem uma grande importância nesse processo todo, Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya. Aqui lutei, sofri e chorei, ah como chorei, mas sai mais forte e com mais vontade de enfrentar as problemáticas do chão da escola dentro das aulas de Educação Física.



1 INTRODUÇÃO

Durante os treze anos de trabalho em diferentes contextos escolares, observo que nos últimos anos há o aumento gradativo de estudantes que se recusam a participar das aulas de Educação Física. Essa situação é percebida por mim desde o ciclo II do Ensino Fundamental e acentua-se no Ensino Médio. Essa não participação ocorre de duas formas: na primeira o(a) estudante entra e sai das atividades e na segunda ele(a) deixa de participar da aula toda ficando nas arquibancadas ou nos arredores da quadra.

Com essa problemática latente no ambiente escolar, diversos(as) autores(as) têm se debruçado a estudá-la: Betti e Liz (2003), Brandolin (2015), Darido (2004), Jaco (2008), Oliveira (2006) entre outros.

O estudo de Darido (2004) realizado em 13 escolas de Ensino Fundamental (EF) e Ensino Médio (EM) na cidade de Rio Claro, contou com a participação de 1172 estudantes e objetivou investigar o processo inicial de não participação nas aulas. Nesta, os dados revelaram que os(as) estudantes são mais participativos nos primeiros anos do EF decaindo a participação conforme a idade e os ciclos escolares vão avançando.

Em uma investigação, Jaco (2008) entrevistou 82 estudantes que se encontravam fora da aula e identificou que vários eram os motivos da não participação: falta de habilidades para o jogar, constrangimentos, aulas sem direcionamento, desinteresse pelas atividades, local inadequado e que a maioria não participativa era de meninas entre outras.

Assim, o objetivo dessa pesquisa foi identificar e analisar quais são os motivos que levam o(a) estudante a não participação nas aulas do componente curricular Educação Física, buscando responder a questão: por que os(as) estudantes deixam de participar das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II?

Essa pesquisa fundamentou-se na abordagem qualitativa que, segundo Appolinário (2011), um dos pressupostos é resolver problemas ou necessidades concretas e imediatas.

O contexto da pesquisa contemplou quatro escolas públicas de Ensino Fundamental II de dois municípios do interior de São Paulo, abrangendo um total inicial de 198 estudantes de 6.^o ao 9.^o anos.



Aos(às) estudantes foram entregues os Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) – (Apêndice B) e o Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) – (Apêndice C) para os(as) estudantes e suas famílias assinarem e permitirem a participação.

Os instrumentos de levantamento de dados utilizados foram: questionário, observações sistemáticas com anotações em diários de campo e entrevista.

Para a definição do público da referida pesquisa foi utilizado o questionário e a partir das respostas foram revelados 39 estudantes não participativos(as). O passo seguinte foi realizar as observações em aulas e registrar, a partir de um roteiro, as notas em diário de campo. Para finalizar esse levantamento, foram realizadas entrevistas com os(as) estudantes não participantes.

A análise dos dados consistiu em um agrupamento de ideias e de expressões com base nas informações obtidas e a partir do procedimento sistemático de leitura cuidadosa, descrição dos conteúdos e identificação dos “núcleos de sentido” ou asserções orientadas pelo objetivo da pesquisa. De acordo com Gomes (2002, p. 88):

A categorização tanto pode ser realizada previamente, exigindo um conhecimento sólido por parte do pesquisador para encontrar um esquema classificatório adequado do assunto a ser analisado, como pode surgir a partir da análise do material de pesquisa.

Os dados foram analisados e, através de seus núcleos de sentido, organizados em três categorias temáticas: Sedentarismo e o uso de tecnologias; Gênero e Práticas pedagógicas e conteúdos.

Para Dell-Masso, Cotta e Santos (2018, p. 3), “a análise qualitativa permite a interação com as pessoas, os fatos, os locais e o objeto que está sendo pesquisado, extraindo significados visíveis e alguns invisíveis, que são perceptíveis somente quando se têm uma atenção sensível do pesquisador”.

A análise e discussão dos dados revelaram que a não participação dos(as) estudantes ocorre por vários motivos, e muitos desses foram apontados em pesquisas realizadas anteriormente, entre os resultados estão: conteúdos repetitivos; postura docente; situações de exclusão e autoexclusão, gênero, o uso dos celulares entre outros.

Acredita-se que essa pesquisa possa servir de incentivo para a comunidade escolar analisar e discutir a não participação dos seus(suas) estudantes nas aulas de Educação Física, buscando estratégias de enfrentamento dessa problemática.

Ademais, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Bauru e encontra-se cadastrada na Plataforma Brasil sob o número 19585319.5.0000.5398, cujo parecer está registrado sob número 3.634.470.



2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Breve contexto histórico da Educação Física Escolar

A Educação Física é um componente curricular que vem ao longo do tempo passando por inúmeras transformações. No Brasil, a Educação Física foi introduzida na escola em 1851 com a Reforma Couto Ferraz¹ que apresentou à Assembleia as bases para a reforma do ensino primário e secundário no Município da Corte. Em 1854, após três anos, a sua regulamentação foi expedida, tornando obrigatórias a ginástica no primário e a dança no secundário (BETTI, 1991).

Em 1882, em uma nova reforma feita por Rui Barbosa, havia uma recomendação para que fosse oferecida a prática da ginástica para ambos os sexos nas Escolas Normais em parte da cidade do Rio de Janeiro e nas Escolas Militares. Só a partir da década de 1920, com as reformas educacionais, que vários estados incluíram a Educação Física que, até então, era chamada de Ginástica (BETTI, 1991).

Com a reformulação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) ocorrida em 1971, Lei n.º 5.692, a obrigatoriedade da Educação Física foi ampliada para todos os níveis e ramos de escolarização, sendo facultativa nos seguintes casos: estudar em período noturno e trabalhar mais de 6 horas diárias; ter mais de 30 anos de idade; estar prestando serviço militar e ser fisicamente incapacitado (BRASIL, 1971).

Ainda em 1971, por meio do Decreto n.º 69405 de 01 de novembro de 1971, a Educação Física passou a ser concebida como “[...] atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, psíquicas e sociais do educando, constituindo um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional” (BETTI, 1991, p.104).

¹ A chamada Reforma Couto Ferraz SOUZA, Ramona Halley Rosário. Políticas educacionais nos Oitocentos: a Reforma Couto Ferraz e seu impacto sob a instrução pública primária na corte imperial na década de 1850. 2011. Foi implantada pelo Ministro Luiz Pedreira do Couto Ferraz em 1854, conforme mencionado anteriormente, se deu graças às contribuições acerca da instrução, de um projeto elaborado por Luiz Pedreira do Couto Ferraz e por Justiniano José da Rocha¹, ambos membros do Partido Conservador, bacharéis em Direito e monarquistas à época. Essa Reforma implantou o *Regulamento da Instrução Primária e Secundária da Corte* no Município da Corte e serviria de base para mudanças nas leis nesses níveis da instrução em todo o Império. A intenção da implantação da reforma era melhorar e ampliar a instrução no Município da Corte e fazer com que isso se repetisse em todo o Império. Após a aprovação do projeto da reforma pela Câmara dos deputados e pelo Senado, foi assinado o Decreto Nº. 630 de 17 de fevereiro de 1851, que a autorizava. Disponível em: <https://bemvin.org/politicas-educacionais-nos-oitocentos-a-reforma-couto-ferraz-e.html>. Acesso em: 25 maio 2020.



Para Impolceto e Darido (2018), o termo atividade fez com que a Educação Física fosse relacionada à prática, excluindo uma reflexão teórica, pois pressupunha que ela não possuía um corpo de conhecimentos próprio. Seus objetivos e propostas educacionais seguiram durante muito tempo os objetivos da nação, primeiramente na formação de indivíduos fortes e ágeis, passando pela busca de atletas que representassem o país nas competições internacionais (BETTI, 1991).

Segundo Darido (2003), as mudanças na Educação Física, a partir da década de 1980, envolveram diversas transformações a partir de debates e pesquisas acadêmicas nas universidades e práticas pedagógicas inovadoras. A partir desse momento, os debates sobre as práticas pedagógicas na Educação Física ganharam novos movimentos e tendências que buscaram romper com os pressupostos que estavam instituídos.

Foi então que, em 1996, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, houve uma reformulação que a tornou um componente curricular da Educação Básica (GUIMARÃES *et al.*, 2001), assim, todos os seus conhecimentos, práticos e teóricos, devem estar atrelados ao projeto político pedagógico (PPP) da escola.

Contudo, segundo Gaya (1994, p. 3), “a Educação Física se consubstancia numa pedagogia, ou seja, numa disciplina normativa que se concretiza através de uma prática pedagógica com objetivos formativos”.

De acordo com Brasil (2000), tudo que o ser humano faz é parte de um contexto cultural, ou seja, ele é produtor e reproduzidor de cultura.

Nesse sentido, Vago (2009, p. 27) afirma que:

A escola é um lugar de culturas porque seus protagonistas - os adultos, os jovens, os adolescentes e as crianças são produtores de culturas: cultura infantil, cultura juvenil, cultura adulta. São também produzidos nas culturas em que estão envolvidos: sua condição de classe, seu pertencimento étnico, seu gênero, a escolha de sua sexualidade, são marcas de suas histórias, significantes para a suas vidas. Na escola tais protagonistas também encontram (e inventam) maneiras de produzir seus modos de ser e de estar, de partilhar sentimentos, experiências. Os tempos e espaços da escola constituem campos de possibilidades para exercerem sua condição de seres de cultura, ao se relacionarem entre si, ao aprender, problematizar e usufruir diversos saberes tratados na escola, compartilhando um patrimônio que a todos pertence.

Conforme nos colocam Galvão, Rodrigues e Neto (2005, p. 34), “compreendemos que a Educação Física é uma prática pedagógica que trata da Cultura Corporal de Movimento”, que é entendida como uma produção da cultura



humana que está em constante transformação (GALVÃO; RODRIGUES; NETO, 2005). Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) também a entendem como uma área de conhecimento da Cultura Corporal de Movimento e como o componente curricular que integra o(a) estudante a essa cultura.

A dança, a luta, o jogo, o esporte e a ginástica, entre outras manifestações corporais, foram incorporadas como conteúdo da Educação Física, pois têm em comum a representação corporal de diferentes culturas humanas (GALVÃO; RODRIGUES; NETO, 2005).

Para Galvão, Rodrigues e Neto (2005, p. 28) “não são só as regras, a técnica, a tática e o aprendizado desses conteúdos que são o foco dos estudos, mas o contexto que acontece a sua prática”.

Dentro da Cultura Corporal de Movimento, essas manifestações consistem em conteúdos que devem ser vivenciados e elaborados em todas as suas dimensões: conceitos, procedimentos e atitudes. Devem ser propostas diversas vivências, garantindo a participação de todos(as) os(as) estudantes nas aulas do componente curricular (GALVÃO; RODRIGUES; NETO, 2005).

Segundo Libâneo² (1994 *apud* SILVA; MOREIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 8):

[...] os conteúdos de ensino são o conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagogicamente e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos em sua prática de vida.

Torna-se notório que se deve ensinar os conteúdos, preparando o(a) estudante como futuro cidadão que transformará, produzirá e reproduzirá, partilhando assim todas as formas culturais da atividade física (BETTI³, 1991 *apud* BETTI, 2009, p. 39). O(a) discente não deve só aprender a fazer, porém deve aprender a aprender (PEREIRA; MOREIRA, 2005). Ele(a) é um produtor de cultura, podendo construir, reconstruir e transformar o seu entorno e a sociedade de forma mais ampla.

Para Montenegro e Montenegro (2004, p. 252), “[...] podemos dizer que muito mais que transmitir conhecimentos e habilidades por meio de objetivos limitados, um processo de formação deveria orientar os sujeitos no sentido de saber utilizá-los [...]”.

² LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

³ BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**: a Educação Física na escola brasileira de primeiro e segundo graus. São Paulo: Movimento, 1991.



O papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem dos alunos afim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem (LIBÂNEO, 2018, p. 7).

O(a) estudante necessita de uma aprendizagem efetiva, assim a didática é a disciplina usada pelo(a) professor(a), que vai garantir essa aprendizagem, pois através dela, o(a) professor(a) estuda os processos de ensino em que há a combinação de objetivos, conteúdos, métodos, formas de organização das aulas, orientando e dando direção as suas aulas (LIBÂNEO, 2018).

A partir desse conhecimento e do papel do(a) professor(a), o(a) estudante tem a chance de analisar, interpretar, desenvolver, praticar, reinventar, reestruturar e produzir novos conhecimentos. Para se alcançar esse desenvolvimento, o planejamento é um aspecto pedagógico que deve ser levado a sério pelo(a) docente que, conhecendo os conteúdos e as necessidades dos(as) estudantes, tem a oportunidade de planejar de forma comprometida e responsável.

Para Brasil (1999), o planejamento deve ser dinâmico e atender as necessidades e interesses dos(as) estudantes.

Segundo Bossle (2002), o planejamento é uma construção responsável por orientar e dar a direção ao(a) professor(a), para que assim a sua prática seja coerente com aquilo que está sendo proposto.

Para Libâneo (2018), o(a) docente precisa, também, saber lidar com a subjetividade de seus(suas) estudantes, entender seus motivos, suas linguagens e percepções, sua vida.

Sanches Neto e Betti (2008, p. 16) afirmam:

O principal critério é a pertinência dos conteúdos à própria realidade vivenciada pelos alunos e professores, que deve ser objeto de problematização e diálogo entre eles, visando obter, a partir da interação com os próprios conteúdos, um entendimento dela cada vez mais amplo e complexo.

O(a) professor(a) é peça fundamental de todo esse processo, sendo imprescindível que “compartilhe com os alunos sua proposta, suas intenções, seus conhecimentos e, sem dúvidas, suas preocupações” (GALVÃO; RODRIGUES; NETO; 2005, p. 35), pois representa peça-chave para que os(as) estudantes considerem a Educação Física um componente curricular motivador (MARTINS JUNIOR, 2000).



Assim, Martins Junior (2000) corrobora:

Ao se conscientizar de sua importância como motivador, cada professor de Educação Física estará fortalecendo a luta para o reconhecimento dessa disciplina, não como mera coadjuvante da escola, mais de importância fundamental no rol das disciplinas formativas do currículo (MARTINS JUNIOR, 2000, p. 116).

Vago (2009) apresenta que a Educação Física e a prática docente devem garantir ao (à) estudante o direito de conhecer, de provar, de criar, recriar e inventar, de viver e produzir essa cultura enriquecendo a experiência humana e aprendendo a entender o mundo e agir nele.

Para que a Educação Física Escolar alcance o seu real papel formador, o(a) professor(a) deve estar atento(a) ao desenvolvimento dos conteúdos através de um planejamento coerente com as necessidades dos contextos dos(as) estudantes, ao uso de metodologias e estratégias motivantes e a comunidade escolar deve cuidar para que isso aconteça de fato.

2.1 A não participação nas aulas de Educação Física

A Educação Física é um direito de todas as pessoas que passam pela escola, afinal, ela é parte integrante do Currículo Escolar (RANGEL *et al.*, 2005).

Segundo Betti (2009), o(a) estudante deve ter o direito formal às aulas de Educação Física, assim seu direito de participação plena deve ser respeitado. Entretanto, de acordo com Rangel *et al.* (2005):

Nem sempre fazer parte do currículo significa que essa disciplina consiga oferecer igualdade de oportunidade a todos. Da mesma forma como muitos alunos não conseguem permanecer na escola, muitos não conseguem participar de uma aula de Educação Física (RANGEL *et al.*, 2005, p. 37).

Essa participação que é direito do(a) estudante, acaba por ser negligenciada, pois, muitas vezes, ele(a) é deixado(a) de lado, nesse processo, fato que resulta na não participação e no prejuízo de processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Vale ressaltar que para Bordenave e Diaz (1994), a participação é o caminho que o(a) estudante encontra para a satisfação de realizar atividades, dominar,



conhecer a si mesmo e o mundo, a natureza, envolvendo e interagindo, a auto expressão, o desenvolvimento do pensamento, o criar e o recriar, todavia:

Quando um/a aluno/a deixa de participar das atividades de aula, não as vivenciando com seu corpo e movimento, não ocorrem situações de aprendizado eficazes daquele conteúdo, ou seja, um aprendizado que possibilite que esses alunos e alunas apropriem-se dos conteúdos específicos da educação física (o Jogo, a Ginástica, a Luta, o Esporte, a Dança) e sejam capazes de ter autonomia em suas práticas, tendo compreensão sobre estas (JACO, 2012, p. 41).

Assim, muitos são os prejuízos no desenvolvimento do(a) discente quando deixam de participar das aulas se autoexcluindo ou sofrendo uma exclusão por parte dos(as) colegas.

Na pesquisa realizada na França por Caviglioli⁴ (1976, *apud* BETTI; LIZ, 2003, p. 135), buscou-se compreender a opinião de 106 estudantes sobre a Educação Física e foi constatado que existia uma imagem valorizada do componente curricular que se modificava com o avançar da idade. Dos 11 aos 13 anos, os(as) estudantes relataram entusiasmo e espontaneidade e dos 14 aos 16 anos disseram ser mais reservados e menos ativos. Nessa ficou evidenciado uma taxa de participação em torno de 90% na faixa dos 11 aos 13 anos, caindo para 83% dos 15 aos 16 anos.

O estudo de Darido (2004), realizado em 13 escolas de Ensino Fundamental (EF)⁵ e Ensino Médio (EM)⁶, da cidade de Rio Claro, contou com a participação de 1172 estudantes e objetivou investigar o processo inicial de não participação dos(as) estudantes nas aulas e revelou que:

[...] os alunos são bastante participantes na 5.^a série, com quase 90% de presença nas aulas, passando para 57,7% no 1.^o ano do EM. Um dado contundente é a passagem quase inexpressiva do total de alunos “que nunca” participam das aulas, menos de 1% na 5.^a e 7.^a séries para quase 20% dos alunos do 1.^o ano do EM (DARIDO, 2004, p. 70).

⁴ CAVIGLIOLI, B. **Sport et adolescents**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1976.

⁵ O Ensino Fundamental é dividido em dois ciclos: Anos Iniciais, que correspondem às classes do 1.^o ao 5.^o ano, e os Anos Finais, do 6.^o ao 9.^o ano. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/ensino-fundam.ental>. Acesso em: 14 mar. 2020.

⁶ O Ensino Médio é a última etapa da Educação Básica. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96). Disponível em: <https://www.infoescola.com/educacao/ensino-medio>. Acesso em: 14 mar. 2020.



Segundo Darido *et al.* (2018, p. 3), “apesar da percepção positiva dos alunos, é notório que alguns acabam se afastando das aulas de Educação Física na escola de uma forma geral quando avançam os ciclos escolares”.

Em contrapartida, esta não participação é vista de três maneiras: a primeira se caracteriza pelo(a) estudante não participar desde o início da aula e a segunda é aquela em que os(a)s estudantes começam participando e em um determinado momento deixa a aula ou vice-versa e por último entram e saem da aula por diversas vezes.

Pereira e Moreira (2005) realizaram uma pesquisa em duas escolas da cidade de São Paulo, especificamente com 446 estudantes do Ensino Médio e levantaram, através das (80) oitentas aulas de Educação Física observadas, que em 46% delas não houve participação efetiva dos(as) estudantes e em 37% essa não participação ocorria logo no início da aula.

Somando a esses resultados, o estudo de Brandolin *et al.* (2015), em 10 escolas de Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro com 1.084 estudantes, teve como objetivo identificar a importância e satisfação acerca dos componentes curriculares em ordem decrescente. O resultado apontou que a Educação Física fica em 1.º lugar com 38,7% como o componente que mais gera satisfação, já no quesito importância, ela apareceu em 3.º lugar com 10,5%.

Esses dados vêm ao encontro do que Darido (2004) apontou acerca da Educação Física apresentar-se como o componente curricular preferido pelos estudantes cuja preferência distribuiu-se em: 7.º ano com 49,7% dos(as) estudantes, seguido do 5.º ano com 48,1% e 1.º ano do Ensino Médio com 44%. Porém, em relação à importância, revelou-se que 10% dos(as) estudantes do 7.º ano a consideravam assim; no 5.º ano, o percentual foi de 8,2% dos(as) estudantes e na 1.ª série do Ensino Médio, cerca de 8,7% dos(as) discentes classificaram-na como importante.

Oliveira (2006, p. 10) objetivou “compreender como as diferenças são significadas e representadas pelos ‘atores sociais’ que compõem o universo simbólico das aulas de educação física” e constatou que os não participantes eram sempre os(as) mesmos(as) estudantes. O pesquisador conclui que:

O fato da não participação na aula dava-se principalmente pela vergonha da exposição. Meninos e meninas tinham vergonha de praticar a aula, fosse por características físicas que as próprias transformações morfofuncionais da



adolescência começavam a ficar evidentes, ou pela avaliação que “não levam” jeito para o esporte (OLIVEIRA, 2006, p. 51).

Darido (2004, p. 62) notou que os(as) estudantes mais habilidosos, participam das aulas e sempre estão engajados nas atividades propostas pelo(a) professor(a) que por sua vez, valoriza os mais habilidosos e afasta os(as) estudantes que mais necessitam de atenção no processo de ensino e de aprendizagem.

Jaco (2008) entrevistou estudantes do 8.^o e 9.^o anos de quatro escolas públicas de Campinas-SP e ouviu quem estava de fora das atividades propostas. Foi indagado um total de 82 estudantes, desses 67 eram meninas (81,7%) e 15 meninos (18,3%). Muitas foram as justificativas, a saber: a) Questões pessoais: 36 (45,1%) estudantes apontaram como motivos o não saber jogar, escutar reclamações dos colegas, sentir-se constrangido, desmotivação, falta de vontade; b) Metodologia de aula: 21 (25,6%) disseram não ter o que fazer, aulas não direcionadas, não ter vaga, não gostar das atividades; c) Questões de saúde: 12 (14,6%) apresentaram atestado de saúde; d) Questões sociais: 7 (8,5%) relacionaram aos grupos de amigos não participarem ou estarem fora das atividades, ou não se dar bem com o grupo que participa; e) Postura do professor: 3 (3,6%) dos(as) estudantes relataram não gostar da forma como o professor se coloca em aula e f) Estrutura: 3 (3,6%) reclamaram da quadra descoberta e do sol.

Assim, vimos que a não participação está relacionada há inúmeros motivos: relações interpessoais, processos didático-pedagógicos e fatores externos. Outros dois pontos podem ser destacados: o primeiro é que, na maioria das vezes, aqueles(as) que não participam são sempre os(as) mesmos(as) e o segundo é que a não participação feminina é maior que a masculina. Segundo Brandolin *et al.* (2015, p. 605):

Se tomarmos as variáveis, sexo, cor e atraso escolar, observamos que apenas o sexo parece exercer influência sobre a satisfação dos alunos com as aulas de educação física no ensino médio, alunos do sexo masculino apresentam três vezes (210%) mais chances de estarem mais satisfeitos com as aulas de educação física do que os alunos do sexo feminino [...]. Devemos refletir como a escola mantém em certa medida a cultura da masculinidade no espaço da educação esportiva e da fruição do corpo.

Em pesquisa realizada por Betti e Liz (2003, p. 139) “a Educação Física ocupa o sexto lugar na ordem de importância para as alunas” e para Albuquerque *et al.*

(2009) uma das dificuldades encontradas nas aulas constitui a autoexclusão das meninas no Ensino Médio.

Para Merida *et al.* (2006), o desinteresse dos(as) estudantes pode, muitas vezes, estar relacionado à atuação do(a) professor(a) e a seus métodos, conteúdos e relacionamentos e, por isso, tais fatores podem ser determinantes na participação ou não participação.

Segundo Pereira e Moreira (2005, p.123), “o fato dos alunos deixarem a aula durante sua execução, pode vir ao encontro à sua falta de motivação e interesse diante dos conteúdos e estratégias inadequados, mesmo que essa não seja uma justificativa aceitável”

Conforme nos apontam Rangel *et al.* (2005), há muitos estudantes que mesmo permanecendo na escola, não conseguem participar de uma aula de Educação Física e vários podem ser os motivos como a falta de espaços suficientes para realizar as atividades, a falta de material, a falta de habilidade motora, os interesses dos(as) estudantes entre outros.

A não participação faz-se presente no universo escolar e deve ser considerada uma problemática, por isso acreditamos que buscar soluções de enfrentamento é urgente para garantir o acesso e a participação de todos(as) os(as) estudantes na aula.



3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

São inúmeros os desafios dentro da Educação que são enfrentados dia após dia pela comunidade escolar e estes demandam pesquisas capazes de contemplar todas essas informações complexas e analisá-las em sua multiplicidade de fatores (DAL-FARRA; LOPES, 2013).

A presente pesquisa é de natureza qualitativa que, segundo Appolinário (2011), tem como pressupostos a resolução de problemas ou de necessidades concretas e imediatas.

No universo da escola, a escolha da pesquisa qualitativa permite descrever a complexidade de determinado problema e compreender e classificar os processos dinâmicos, as mudanças, as variáveis e particularidades dos docentes, gestores e alunos que se incluem nesse contexto. (DELL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2018, p. 3)

A pesquisa também se classifica como descritiva que, segundo com Triviños⁷ (1987 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 35), “exige do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinadas realidades. O pesquisador deve observar o fenômeno e descrever sem inferir em suas variáveis (APPOLINÁRIO, 2011).

Para Gil (2008, p. 28), “são inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados”. Assim, salienta Gil (2008), esse tipo de pesquisa tem como foco estudar características de determinados grupos como sexo, estado de saúde física e mental, escolaridade, opiniões, atitudes e crenças, entre outros.

3.1 Contexto da pesquisa

O projeto da presente pesquisa foi apresentado para a Diretoria de Ensino de Itararé que autorizou sua realização. Essa Diretoria atende um total de nove mil e setenta e quatro (9.074) estudantes distribuídos em vinte e nove (29) escolas

⁷ TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.



estaduais, abrangendo o Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Entregamos uma carta de solicitação (Apêndice A), com informações gerais sobre a pesquisa para quatro escolas de Ensino Fundamental II, sendo três no município de Itararé e uma em Bom Sucesso de Itararé, as quais autorizaram a realização. A escolha das escolas usou como critério aquelas que possuíam turmas de 6.^o a 9.^o anos com aulas às terças-feiras e às sextas-feiras, pois eram os dias disponíveis para realizar o levantamento de dados. Abaixo, no Quadro 1, apresentamos as informações de cada escola:

Quadro 1 – Dados das escolas

ESCOLA	MUNICÍPIO	TURMAS	PROFESSOR(A)
A	Bom Sucesso de Itararé	6. ^o B, 7. ^o A, 8. ^o A e 9. ^o A	PA
B	Itararé	6. ^o C e 7. ^o B 6. ^o A	PB1 PB2
C	Itararé	9. ^o A	PC
D	Itararé	8. ^o B e 9. ^o B	PD

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, apresentamos algumas informações sobre cada unidade escolar e as siglas que serão usadas para identificá-las no decorrer da análise de dados.

A escola A, situada no município de Bom Sucesso de Itararé, conta com uma área adaptada para voleibol sem cobertura e uma quadra oficial coberta. Possui materiais disponíveis, porém poucas bolas boas para uso e não possui aulas concomitantes. São dois os professores responsáveis pela Educação Física e um deles participante da pesquisa, o qual será identificado como professor A (PA). O PA tem 31 anos, é categoria O⁸ e é seu primeiro ano na rede⁹. As aulas ocorrem basicamente de duas maneiras: aulas livres e aulas dirigidas, essas últimas apresentam uma parte teórica e outra prática. Na teórica, os conteúdos são aqueles

⁸ Sistema de classificação dos professores na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

⁹ Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.



pertencentes ao Caderno do Aluno¹⁰ e ao Caderno do Professor¹¹, na prática em quadra o foco é o esporte, assim como nas aulas livres.

As escolas localizadas no município de Itararé serão identificadas com as letras B, C e D e seus(as) professores(as), respectivamente.

A escola B está inserida na periferia da cidade, possui uma quadra coberta fechada lateralmente e poucos materiais disponíveis. A escola tem três professores e dois fizeram parte dessa pesquisa e serão identificados como PB1 e PB2. A quadra é dividida para que as aulas ocorram. O (PB1) tem 34 anos, é categoria O, atua na rede há oito anos. Suas aulas são teóricas e práticas, sendo essas algumas dirigidas, outras livres. O conteúdo abordado é baseado no Caderno do Aluno através do qual explica os exercícios oralmente e solicita trabalhos. Nas aulas em quadra, os conteúdos predominantes são os esportes dirigidos ou livres. Ele utiliza do seu próprio material e aqueles que estão disponíveis na escola. A PB2 tem 30 anos, é categoria O e está na rede há cinco anos. Suas aulas são teóricas e práticas, sendo as teóricas focadas no Caderno do Aluno e usa como estratégias vídeos e debates; já nas aulas em quadra, o conteúdo predominante são os jogos (queimada) e esportes dirigidos e livres. O material utilizado é o da escola.

Localizada também na periferia, a escola C tem uma quadra coberta oficial e um espaço adaptado para realização das aulas que não ocorrem simultaneamente e há materiais disponíveis. Ela conta com três professoras de Educação Física, sendo uma delas participante dessa pesquisa e será nomeada C (PC). Ela tem 32 anos, atua na rede há seis anos e é efetiva¹². A maioria das aulas práticas são livres e focadas nos esportes; a parte teórica é contemplada em forma de trabalho escrito solicitado aos(as) estudantes com base no Caderno do Aluno e do Professor. O material utilizado são os materiais que a escola disponibiliza.

Por fim, a escola D é de Ensino de Tempo Integral¹³ e está imersa na periferia da cidade. Tem uma quadra coberta fechada estilo ginásio, uma quadra de vôlei de

¹⁰ Material pedagógico produzido por especialistas da Educação para cumprir o conteúdo estabelecido no Currículo Oficial do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/ensino-medio>. Acesso em: 14 mar. 2020.

¹¹ Caderno do Professor: O Caderno do Professor é um material distribuído para professores de 5.^a a 8.^a série do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=1218. Acesso em 14/03/2020.

¹² Professor Efetivo: Professor concursado efetivado pelo Estado.

¹³ Escola que funciona em um regime integral onde o estudante permanece até 9 horas e meia e, além dos conteúdos obrigatórios do currículo, os mesmos têm ainda as eletivas, que são escolhidas de acordo com seu objetivo.



areia, um espaço adaptado para basquete de rua e uma mini quadra de voleibol e todos eles estão disponíveis para o uso fora das aulas pelos(as) estudantes em seus horários livres. Não ocorrem aulas concomitantes, os materiais são diversos e existe uma Sala Ambiente¹⁴ para a Educação Física. A escola conta com uma professora de Educação Física que será identificada como D (PD) que tem 48 anos, é efetiva e está aguardando a aposentadoria. Os conteúdos seguem o Caderno do Aluno com explicações e trabalhos na parte teórica e na prática as aulas são livres, sendo o esporte o conteúdo principal.

3.2 Participantes

O primeiro procedimento para definir o público participante foi realizado no início do segundo semestre de 2019. Entregamos duzentos e setenta e três (273) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B) para estudantes dos 6.º ao 9.º ano do Ensino Fundamental e tivemos o retorno de cento e noventa e oito (198). Para aqueles(as) que concordaram em participar, entregamos o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (Apêndice C) e o questionário para ser respondido. A partir dos dados iniciais levantados, foi definido o público participante da pesquisa que foram os trinta e nove (39) estudantes que responderam que não participavam das aulas ou que participavam às vezes.

Tabela 1 – Dados gerais dos(as) participantes

ANOS	ESCOLAS	TOTAL GERAL	(continua)	
			MENINAS	MENINOS
6.º A	A	18	9	9
6.º C	B	27	17	10
6.º A	B	22	14	8
7.º A	A	15	7	8
7.º A	B	16	12	4
8.º A	A	28	12	16

¹⁴ Sala própria para Educação Física onde a professora ministra suas aulas, essa sala é utilizada por todas as turmas de Educação Física e é exclusiva para as aulas.



Tabela 1 – Dados gerais dos(as) participantes

ANOS	ESCOLAS	TOTAL GERAL	MENINAS	(conclusão)
				MENINOS
8.º B	D	21	10	11
9.º A	A	16	8	8
9.º A	C	17	7	10
9.º B	D	18	9	9
Total		198	105	93

Fonte: Elaborado pela autora.

3.3 Instrumentos para o levantamento de dados

Toda a pesquisa demanda instrumentos para a realização do levantamento de dados. Segundo Barbosa (2008):

A decisão sobre que instrumento utilizar, como, onde e quando aplicar, etc., pode ser complexa, dependendo do porte e abrangência do projeto. Por outro lado, projetos de menor porte, como os que se desenvolvem dentro do limite da escola, podem ser monitorados e avaliados com dados obtidos a partir de instrumentos simples e de baixo custo (BARBOSA, 2008, p. 1).

Utilizamos de três instrumentos para o levantamento dos dados: questionário, observações em aulas e entrevistas com os(as) estudantes que não participavam ou participavam às vezes das aulas. O Quadro 2 apresenta como se deu a organização:

Quadro 2 – Organização do levantamento de dados

ESCOLA	ANO/TURMA	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	(continua)
			A
	7.º A	Questionário/entrevista	
	8.º A	Questionário/entrevista	
	9.º A	Questionário/observações/entrevista	

Quadro 2 – Organização do levantamento de dados

(conclusão)

ESCOLA	ANO/TURMA	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS
B	6.º A	Questionário/observações/entrevista
	6.º C	Questionário/observações/entrevista
	7.º B	Questionário/entrevista
C	9.º A	Questionário/observações/entrevista
D	8.º B	Questionário/entrevista
	9.º B	Questionário/observações/entrevista

Fonte: Elaborado pela autora.

Como observado no quadro acima, foram utilizados o questionário, observação e entrevista com os 6.º e 9.º anos; para os 7.º e 8.º anos foram o questionário e a entrevista. Priorizamos a observação na entrada e na saída do Ensino Fundamental II, já que não havia tempo disponível para fazê-la como todos os anos.

3.3.1 Questionário

O primeiro instrumento utilizado foi um questionário contendo onze perguntas fechadas. O questionário, segundo Dell-Masso, Cotta e Santos (2018, p. 6), “é um dos instrumentos de pesquisa mais conhecidos para a coleta de dados, sendo constituído de questões abertas e/ou fechadas, versando sobre um determinado tema de pesquisa”.

O primeiro passo foi a realização de um estudo piloto com vinte e duas (22) questões, aplicado a 54 estudantes de 6.º a 9.º ano de uma escola estadual, o qual serviu de base para as alterações que se seguiram, visto que os(as) estudantes não responderam algumas questões claramente e reclamaram que o mesmo era longo. Então, realizamos uma revisão que resultou em uma nova versão, a qual foi utilizada para o levantamento dos dados iniciais.

O questionário foi composto por onze questões que estão apresentadas no Apêndice D, o qual foi aplicado pela pesquisadora e por professores(as) de outro componente curricular para os(as) estudantes que trouxeram o TCLE e o TALE assinados. Foi a partir das respostas do questionário que levantamos os(as)



estudantes que não participavam ou participavam às vezes das aulas, formando o público participante dessa pesquisa.

3.3.2 Observação em campo

O segundo instrumento foi a observação em campo que:

[...] usada como o principal método de investigação ou associadas a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. “Ver para crer”, diz o ditado popular” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26).

De acordo com o mesmo autor Ludke e André (1986), para se descobrir aspectos novos de um problema as observações se transformam em um instrumento de grande eficiência.

Para realizar a observação, “o roteiro deve contemplar pontualmente o que se quer observar especificando o espaço e/ou relações entre as pessoas” (DELL-MASSO; COTTA; SILVA, 2018, p. 6).

O roteiro de observação (Apêndice E), contemplou especificamente os pontos a serem observados durante a aula. Todas as observações foram anotadas em diário de campo que, segundo Neto (2002):

O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e análise do objeto estudado (NETO, 2002, p. 63).

O roteiro de observação (Apêndice E) serviu como base para realizar as observações que tinham como propósito registrar o comportamento e atitudes dos(as) estudantes durante as aulas, suas interações com os(as) colegas e professores(as), como também, as práticas pedagógicas, atitudes e o comportamento dos(as) professores(as). As observações foram realizadas às terças e às sextas-feiras de 20 de setembro a 29 de novembro de 2019, totalizando dois meses e oito aulas em cada



turma dos 6.^o e 9.^o anos das quatro escolas e não houve dificuldades nesta etapa da pesquisa.

3.3.3 Entrevistas

O terceiro instrumento caracterizou-se pela entrevista que objetiva “obter informações verbais de uma parcela representativa de uma população” (DYNIEWICZ¹⁵, 2009 *apud* DEL-MASSO; SANTOS, 2018, p. 10) e, especificamente nessa pesquisa, foram entrevistados os trinta e nove estudantes que responderam não participar das aulas ou participar às vezes.

Adotamos a postura de uma conversa mais informal que buscou ofertar segurança para que os(as) estudantes pudessem responder as questões sem receios Assim para Ander-Egg¹⁶ (1978 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 197), “há a liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder”.

As entrevistas ocorreram no horário das aulas de Educação Física, pois a direção não deu autorização para fazer em outro momento. O contato com os(as) estudantes não participantes ocorreu com um pouco de dificuldade para que eles se expressassem. Foi perguntado se poderiam conceder uma entrevista falando o porquê de não participarem das aulas. As entrevistas ocorreram nas arquibancadas ou nos arredores da quadra, foram gravadas pelo celular, cada estudante recebeu um número de identificação e a respectiva letra da escola que frequentava. Elas tiveram uma duração, em média, de dois a cinco minutos e observou-se que aqueles(as) que se sentiam mais à vontade falaram mais, outros(as) que se sentiam retraídos falaram menos. Senti um pouco de dificuldade no início para que os(as) estudantes falassem, pois, os(as) mesmos(as) ficavam receosos(as) de que o(a) docente ficasse sabendo ou a escola, mais fui explicando que seriam identificados por número e suas escolas apareceriam como letras. Logo, após essa conversa, alguns estudantes contribuíram

¹⁵ DYNIEWICZ, Ana Maria. **Metodologia da pesquisa em saúde para iniciantes**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2009. 207 p.

¹⁶ ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. Ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.



e falaram mais sobre a não participação. Para finalizar essa etapa, todas elas foram transcritas para uma melhor análise e discussão.

3.4 Procedimentos para a análise de dados

Segundo Minayo¹⁷ (1992 *apud* Gomes, 2002, p. 69), as três finalidades na fase de análise de dados são compreender os dados coletados, confirmar ou não as questões da pesquisa e ampliar o conhecimento do tema.

Os dados levantados através dos questionários, entrevistas e observações foram submetidos à análise categorial temática proposta por Gomes (2002). O autor conclui que “a palavra *categoria*, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si” (2002, p. 70, grifo do autor).

Segundo Gomes (2002):

[...] podemos destacar duas *funções na aplicação da técnica*. Uma se refere a *verificação de hipóteses e/ou questões*. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas, e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito as *descobertas do que está por trás dos conteúdos manifestos*, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir dos princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa (GOMES, 2002 p. 74, grifo do autor).

Para Dell-Masso, Cotta e Santos (2018, p. 3), “a análise qualitativa permite a interação com as pessoas, os fatos, os locais e o objeto que está sendo pesquisado, extraindo significados visíveis e alguns invisíveis, que são perceptíveis somente quando se têm uma atenção sensível do pesquisador”.

Nesta perspectiva, foram identificados os núcleos de sentido dos dados levantados e identificamos três categorias temáticas para análise: Dispositivos eletrônicos e sedentarismo; Gênero e Práticas pedagógicas e conteúdos.

¹⁷ MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro, HUCITEC-ABRASCO, 1992.



Para a análise dos dados, as escolas foram identificadas pelas letras A, B, C e D e os(as) professores(as) com a inicial P e a letra correspondente da instituição a qual pertence. No caso da escola B, por ter dois professores participantes, a identificação ficou PB1 e PB2. Os anos do ciclo foi identificado com a letra correspondente da turma. Assim, temos como exemplo C-9.^oA-PC (escola C, 9.^o A e professor C).

Já os(as) estudantes foram identificados(as) por numeração contínua como mostrado na Tabela 2:

Tabela 2 – Identificação dos(as) Estudantes por Escola

ESCOLA	NUMERAÇÃO	TOTAL POR ESCOLA
A	1 a 12	12
B	13 a 21	9
C	22 a 28	7
D	29 a 39	11
Total		39

Fonte: Elaborada pela autora.

Usamos a letra Q para identificar o questionário, E para a entrevista, M para masculino, F para feminino e DC para diário de campo. Como exemplo, representamos QC-25M para questionário da escola C, estudante 25, masculino.

A seguir, apresentamos uma análise percentual da não participação por ano/turma, escola e gênero, para posteriormente adentrarmos na análise das três categorias temáticas, a saber: Dispositivos Eletrônicos e Sedentarismo; Gênero e Prática Pedagógica e Conteúdo.



4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta etapa do trabalho, iniciamos a análise dos dados levantados através dos três instrumentos da pesquisa que foram o questionário, as observações e entrevistas.

Para uma melhor compreensão dos 39 estudantes que não participam das aulas, as tabelas a seguir apresentam informações de acordo com a escola, o ano e o gênero.

Abaixo, na Tabela 3, é possível observar dados da não participação das meninas.

Tabela 3 – Dados da não participação das meninas

ANOS	ESCOLAS	TOTAL GERAL	MENINAS	NÃO PARTICIPANTES	%
6.º A	A	18	9	0	-
6.º C	B	27	17	6	35,2
6.º A	B	22	14	2	14,2
7.º A	A	15	7	2	28,5
7.º A	B	16	12	0	-
8.º A	A	28	12	3	25
8.º B	D	21	10	0	-
9.º A	A	16	8	3	37,5
9.º A	C	17	7	3	42,8
9.º B	D	18	9	7	77,7
Total		198	105	26	24,7

Fonte: Elaborado pela autora.

O que podemos verificar na Tabela 3, é que a menor a participação das meninas (14,2%) aparece na B-6.ºA-PB2. Já a maior porcentagem de não participação (77,7) aparece na D-9.ºB-PD. Outro dado que fica evidenciado é que as maiores porcentagem de não participação (77,75%; 42,8% e 37,5%) estão concentradas nos anos finais do Ensino Fundamental.

A porcentagem da não participação dos meninos pode ser observada na Tabela 4, apresentada a seguir:



Tabela 4 – Dados da não participação dos meninos

ANOS	ESCOLAS	TOTAL GERAL	MENINOS	NÃO PARTICIPANTES	%
6.ºA	A	18	9	1	11,1
6.ºC	B	27	10	0	-
6.ºA	B	22	8	0	-
7.ºA	A	15	8	0	-
7.ºA	B	16	4	1	25
8.ºA	A	28	16	3	18,7
8.ºB	D	21	11	2	18,1
9.ºA	A	16	8	0	-
9.ºA	C	17	10	4	40
9.ºB	D	18	9	2	22,2
Total		198	93	13	13,9

Fonte: Elaborado pela autora.

Na Tabela 4, identificamos que a menor não participação dos meninos (11,1%) está na A-6.ºA-PA e a maior não participação (40%) ocorre na C-9.ºA-PC. As maiores porcentagens de não participação aparecem na C-9.ºA-PC (40%), na B-7.ºA-PB1 (25%) e na D-9.ºD-PD (22,2%). Vemos que as maiores taxas de não participação dos meninos também se concentram nos anos finais do Ensino Fundamental.

Foi possível identificar na D-9.ºB-PD que a diferença na porcentagem de não participação das meninas (77,7%) em relação aos meninos (22,2%), o que corresponde a 55,5 pontos percentuais, é bastante significativa.

O que vislumbramos nas Tabelas 3 e 4 é que a porcentagem total de meninas que não participam (24,7%) é quase o dobro dos meninos (13,9%). Esse dado confirma o que foi apresentado na revisão de literatura que a não participação é maior entre o gênero feminino.

Dando continuidade à análise, partindo do referencial proposto por Gomes (2002), apresentamos as três categorias temáticas: Dispositivos Eletrônicos e Sedentarismo; Gênero e Prática Pedagógica e Conteúdo.



Vale considerar que, primeiramente, trazemos a análise das categorias (itens 4.1, 4.2 e 4.3) para em sequência, no item 5, focarmos na discussão destas com os(as) autores(as) que debruçaram sobre o objeto de estudo dessa pesquisa.

4.1 Dispositivos eletrônicos e sedentarismo

De acordo com os questionários, quando indagados sobre o porquê da não participação, algumas respostas nos remetem à preguiça e não gostar de aulas práticas como relatado a seguir “porque eu tenho preguiça e não gosto das aulas práticas” (QC-27F). Outros(as) estudantes nos revelam o cansaço: “às vezes estou passando mal ou cansado” (QA- 01M) ou o não estar disposto, como vemos a seguir “porque às vezes eu não estou disposto” (QC-25M). Sabemos que a falta de atividade física afeta muito os(as) adolescentes e ocasiona um comportamento sedentário, levando os(as) mesmos(as) a não terem disposição e a adquirirem assim hábitos não saudáveis. Alguns(as) estudantes relataram que gostavam de ficar tranquilos(las) e não de se movimentar, preferiam conversar com as amigas ou amigos e ainda que não tinham vontade de fazer nada, como vemos a seguir:

[...] Porque às vezes dá preguiça e eu fico conversando com minhas amigas [...]
[...] (QB1-16F).

[...] Porque eu gosto de ficar tranquila [...] (QA-03F).

[...]Porque ultimamente eu estou com preguiça de fazer qualquer coisa [...]
(QD-32M).

[...] Preguiça, tem que se movimentar muito [...] (QD-34F).

É fato que o que se revelou preocupante, e pode estar relacionado ao comportamento sedentário, é a dor ou doenças como fator da não participação. Alguns(as) revelaram sentir dores como vemos a seguir: “porque às vezes eu estou com dor” (QA-04M). Esse motivo aparece no questionário dos(as) estudantes do 9.º ano também: “tem vezes que estou com dor, daí não participo” (QC-37M); “não posso, tenho muitas doenças” (QC-22M). Os(as) professores(as) relataram que esses(as) mesmos(as) estudantes, quando indagados, não conseguiram falar sobre suas dores e muitos não apresentaram atestado. Essa condição apresentada pode ser uma



consequência de um comportamento sedentário ou apenas uma desculpa para não participarem nas aulas.

Com as observações e entrevistas realizadas, pudemos constatar um número maior da não participação do que os dados do questionário nos forneceram. Elas nos revelaram que, apesar de responderem que participam, efetivamente não é o que ocorre. Em geral, diziam que estavam com preguiça e seguiam, sentados, deitados, mexendo no celular, jogando cartas, cantando ou só observando as aulas práticas e teóricas.

[...] a mesma foi direcionada ao esporte do dia, Basquetebol; 4 alunos ficaram sentados, sendo 1 menino (diagnóstico de cardiopatia leve), 3 meninas e muitos alunos entravam e saíam das atividades e iam jogar uno com o menino que não participa da aula. Já as 3 meninas ficavam isoladas no canto da quadra conversando e mexendo no celular, muitas vezes deitadas no colo uma da outra. O uso do celular se fez presente durante toda aula, tanto nos alunos que participavam, que as vezes saíam para olhar o celular, ou durante o jogo olhavam no dispositivo, ou faziam uso de fones de ouvido, quanto os que não participavam, a professora os repreendia mais sem sucesso, e o uso de celular e uno ocorriam durante a aula. As meninas apresentavam sinais de sonolência e apatia [...] (DC VII - 18/10/2019, 9.º A).

[...] aula direcionada handebol, 2 meninas não participaram da aula permaneceram sentadas, conversando, mesmo com o professor pedindo com que elas participassem pois valia nota, as mesmas negaram relatando que estavam com preguiça [...] (DCIV- 04/10/2019, 6.º B).

[...] aula teórica, tema organização de festivais, durante a explicação da professora sobre o assunto, 2 meninas estavam deitadas em sua carteira dormindo e 4 estavam mexendo no celular, e 7 meninos com fone de ouvido, a professora continuou a explicação pediu para que guardassem o celular mais não obteve resultado após a teoria os alunos foram dispensados para quadra para finalizar com atividades livres, nesse momento 8 meninas ficaram sentadas mexendo no celular e conversando e 4 meninos ficaram conversando e com fone de ouvido observando a aula [...] (DC VI-08/11/2019, 9.º B).

Nas entrevistas descritas, confirmamos que a preguiça e o cansaço são os motivos frequentes que levam os(as) estudantes a não participarem das aulas o que foi confirmado com os dados do questionário e das observações. Vejamos os trechos a seguir:

[...] preguiça, não gosto de atividades físicas [...] (EB2- 21F).

[...] fico até tarde no computador e não gosto tenho preguiça de fazer atividade física [...] (EB2-20F).

[...] preguiça, não gosto muito [...] (EB1-13F).



[...] cansaço, só isso [...] (EA-01M).

[...] porque às vezes eu estou com preguiça, prefiro ficar sentado, correr soa cansa [...] (EA-05M).

[...] não gosto de exercícios, cansa [...] (EA-10F).

[...] porque não estou disposta, tenho preguiça [...] (EC-24F).

[...] porque tenho preguiça, não gosto muito das aulas práticas como disse [...] (EC-27F).

Notamos que o número de estudantes não participativos aumenta quando há divisão do espaço da quadra ou quando as aulas são livres¹⁸, aumentando assim o uso de celular, fone de ouvido e jogos de cartas, ou dos(as) estudantes que cantam ou só observam a aula.

Em outros diários de campo encontramos:

[...] aula do 6.º ano A dividida com outra turma da escola 8.º ano, 11 alunos não participaram, sendo 7 meninas e 4 meninos. Alguns alunos entravam e saíam do jogo de futsal, mas esses 11 alunos não participaram do início ao final da aula. Alguns permaneceram sentados, 1 menino deitado ao lado da quadra, 3 sentados conversando e 2 meninas deitadas no colo de outras. O uso do celular se fez presente na mão de 2 meninos e 2 meninas, que não participavam das aulas [...] (DC IV - 04/10/2019, 6.º A).

[...] aula do 6.º ano C dividida com o 9.º ano, aula livre futsal e handebol, 12 alunos não participaram da aula sendo, 8 meninas e 4 meninos, algumas meninas estavam deitadas e quando o professor B1 foi perguntar, falaram que estavam com preguiça, o mesmo as repreendeu e pediu que sentassem e participassem, mas mesmo assim as mesmas continuaram sentadas, sem fazer uso de celular, os meninos estavam sentados conversando e um deles desenhando [...] (DC VII - 18/10/2019, 6.º C).

O que também foi confirmado nas entrevistas a seguir:

[...] só participo das aulas que sou obrigada, quando a aula é livre ou dividida prefiro ficar sentada [...] (EB1-17F).

[...] só não participo das aulas livres não gosto, muita bagunça [...] (EB1-19M).

As entrevistas também nos revelaram que o uso de dispositivos eletrônicos utilizado até altas horas da noite em suas casas pode vir a contribuir para que esse comportamento ocorra, como vemos nos trechos a seguir:

¹⁸ Aulas em que o(a) professor(a) deixa os(as) estudantes fazerem o que querem, não havendo uma mediação e nem um conteúdo ensinado.



[...] preguiça, sono mesmo, fico até tarde no computador [...] (EA-01M).

[...] fico até tarde no computador e não gosto tenho preguiça de correr [...] (EB1-17F).

[...] preguiça, estou cansado pois fico no celular até tarde, não gosto de atividades físicas [...] (EA-04M).

[...] gosto de ficar tranquila, tenho preguiça, estou cansada, durmo tarde fico no celular [...] (EA-03F).

[...] sono, fico assistindo televisão e celular até tarde [...] (ED-29F).

Os dados nos mostraram que o uso de dispositivos eletrônicos como celular, televisão e computador repercute nas atividades desses(as) estudantes que revelam que estão cansados(as) ou com preguiça para participar das aulas de Educação Física.

Notamos que há diferenças entre os(as) estudantes dos 6.º aos 9.º anos em relação ao uso de celular, vimos que o número de estudantes que não querem participar e ficam no celular aumenta nos 9.º anos em comparação ao 6.º como observado no diário de campo a seguir:

[...] aula livre 6.º ano A, sem atividades dirigidas, 4 alunos não participaram 3 meninas não participaram ficando a aula toda sentadas e 1 menino ficou pra fora mexendo no celular, apesar de o professor chamar a atenção o mesmo não guardou o aparelho [...] (DC III-01/10/2019- 6.º A).

Essa situação piora quando observamos o 9.º ano, pois os(as) estudantes parecem não se importar com a cobrança do professor e acabam utilizando muito mais o celular. Vejamos a seguir: [...] voleibol, já de início quatro meninos se recusaram a participar, ela insistiu falou que valia ponto mais os alunos não participaram, ficaram jogando uno e mexendo no celular com os colegas, havia muita risada e conversa em nenhum momento prestaram atenção no que acontecia em quadra [...] (DC IX-25/10/2019-9.ºA). Situação que é confirmada nos registros em diário de campo:

[...] aula direcionada 6.º ano C, voleibol, atividades com bola, 4 alunos não participaram ao todo, 2 meninos e 2 meninas, os mesmos não fizeram uso de celular na aula, mais permaneceram sentados conversando [...] (DC VI - 11/10/2019- 6.ºC).

[...] aula livre sem conteúdo específico 9.º ano A, (6) alunos não participaram e outros 5 entravam e saíam das atividades a todo momento, para mexer no celular, dos 6 alunos quatro eram meninas e dois meninos, todos faziam uso de seus aparelhos celulares [...] (DC XII-12/11/2019-9.ºA).



A preguiça, o não gostar de aulas práticas, o cansaço, as dores, o uso dos dispositivos eletrônicos, de forma muitas vezes livres dentro da aula o seu uso em excesso fora da escola e o comportamento sedentário são relatados pelos(as) estudantes nos questionários e entrevistas e confirmados nas observações e se tornam motivo de preocupação e análise nesse estudo.

4.2 Gênero

A não participação de meninos e meninas sempre foi algo muito debatido entre os(as) docentes e estudiosos da área como Darido (2004), Betti e Liz (2003), Jaco (2008) entre outros. Os dados do questionário revelaram que há uma diferença entre a não participação de meninos e de meninas como nos mostra a Tabela 5 a seguir:

Tabela 5 – Não Participação de Acordo com o Gênero

NÃO PARTICIPANTES	TOTAL	PORCENTAGEM (%)
Meninas	26	66,66%
Meninos	13	33,34%
Total	39	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Observamos que o número de meninas que dizem não participar das aulas de Educação Física dobra quando comparados aos meninos e quando analisamos os números separados por ano, observamos que essa não participação das meninas se inicia lá no 6.º ano, sendo maior que os meninos no 6.º, 7.º e 9.º anos, foi observado, no 8.º ano, o número de meninos superior ao número de meninas, essa variável pode estar ligada ao número de estudantes, pois tanto no 7.º ano e 8.º anos, só duas turmas fizeram parte da pesquisa, todavia quando focamos o 9.º ano, voltamos a ver o número de meninas dobrar em relação aos meninos. Como observado na Tabela 6 abaixo.



Tabela 6 – Não Participação de Acordo com o Ano

ANOS	MENINAS	MENINAS %	MENINOS	MENINOS %
6.º	8	88,88%	1	11,1%
7.º	2	66,66%	1	33,3%
8.º	3	37,5%	5	62,5%
9.º	13	68,42%	6	31,5%
Total	26	100%	13	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Estes dados nos mostram que os meninos são mais participativos nos dois primeiros anos do Fundamental II, respectivamente o 6.º e 7.º ano, e sua não participação vai aumentando gradativamente nos anos finais 8.º e 9.º ano. Já as meninas apresentaram um número alto de não participação no 6.º ano, uma diminuição da taxa no 7.º e 8.º ano (esse resultado pode ser devido ao 7.º e 8.º anos possuírem uma turma a menos), e novamente um aumento no último ano, ou seja, no 9.º ano.

Não há diferenças significativas nos motivos entre os meninos e meninas, no entanto, nas observações e entrevistas foi possível identificar que quando as aulas são livres, a não participação das meninas é maior do que a dos meninos: “nas aulas divididas e livres não participo” (EB1-15F). Quando as aulas são direcionadas, a não participação dos meninos fica mais evidente: “eu até participo, mais quando a aula na quadra é com atividade do caderno do aluno não tenho vontade, daí tento ficar sentado, me escondo” (EA-06M). As anotações no Diário de Campo também nos ajudaram a perceber essa diferença. [...] Aula sobre ginástica artística 6.º ano A, 5 alunos não participaram da aula, sendo 4 meninos e 1 menina, os meninos resistiram ao tema proposto e queriam futsal, já as meninas sentiram um pouco de vergonha mais participaram de toda a aula [...] (DC V - 08/10/2019 – 6.ºA).

[...] Aula sobre ginástica artística 6.º ano A, 5 alunos não participaram da aula, sendo 4 meninos e 1 menina, os meninos resistiram ao tema proposto e queriam futsal, já as meninas sentiram um pouco de vergonha mais participaram de toda a aula [...] (DC V - 08/10/2019 – 6.º A).

[...] aula livre 6.º ano A, sem atividades dirigidas, professor fez chamada e os alunos desceram a quadra, houve futsal, voleibol, 7 alunos não participaram sendo 5 meninas e 2 meninos [...] (DC I - 24/09/2019 – 6.º A).



[...] aula mista com várias atividades na quadra mais sem ser dirigida, (8) alunos não participaram sendo 6 meninas e 2 meninos, em nenhum momento a aula foi dirigida pela professora [...] (DC IX -25/10/2019 – 9.º B).

[...] aula dirigida, festival-quadra, os alunos estavam organizando as apresentações, 10 alunos não participaram sendo 1 menina e 9 meninos que ficaram apenas olhando seus colegas organizarem as apresentações, a professora os repreendeu, mas mesmo assim, não houve participação [...] (DC XIV - 22/11/2019 – 9.º B).

Além disso, algumas meninas revelaram não gostar de aulas práticas e que só participavam de atividades nas salas, como descrito a seguir: *“não gosto, só participo das atividades na sala” (QD- 33F)* e *“porque não gosto muito de praticar aulas práticas, são só atividades para os meninos” (QD- 34F)*. Outro apontamento se refere ao fato delas não se sentirem “confortáveis” ou “bem” durante a aula prática, como citado a seguir: *“sempre fico desconfortável, quase nunca participo” (QC-26F)*; *“porque não me sinto bem com algumas atividades tenho vergonha” (QD-36F)* e *“às vezes não me sinto confortável participando” (QD-39F)*. Essas afirmações foram confirmadas nas entrevistas:

[...] não gosto de participar, não me sinto bem no meio dos meninos, eles tiram sarro da gente, tenho peitos grandes, não gosto [...] (ED-36F).

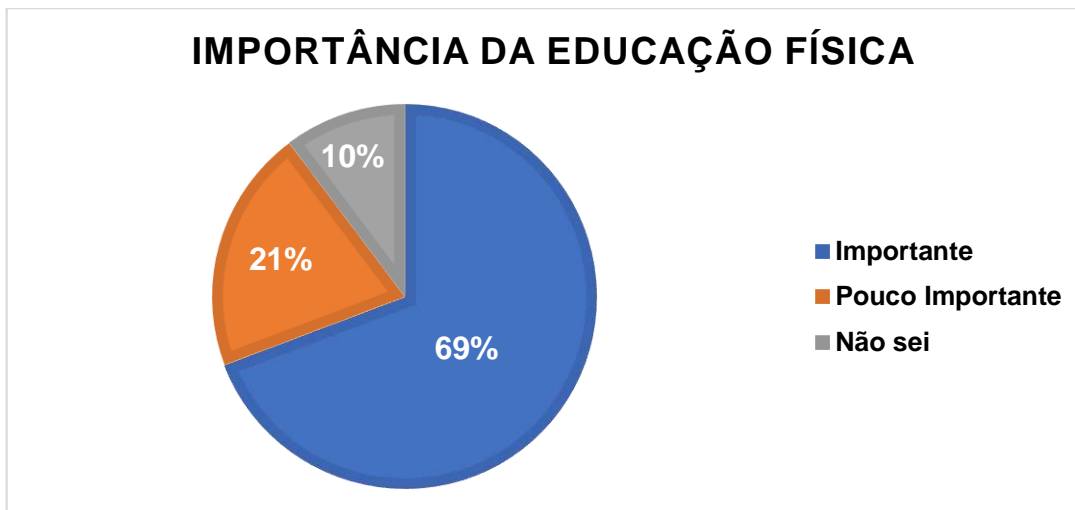
[...] não gosto, me sinto desconfortável, não sei explicar [...] (EC-26F).

[...] fico muito em exposição, não gosto de me movimentar, não me sinto confortável, não tenho coordenação, o corpo fica a mostra, ah não sei kkk [...] (ED-39F).

O grau de importância da Educação Física entre os(as) estudantes é um fator que devemos levar em conta para que possamos analisar os dados com maior clareza, os dados nos forneceram informações importantes, tanto no geral como separados por gênero. Vejamos a seguir na Gráfico 1.



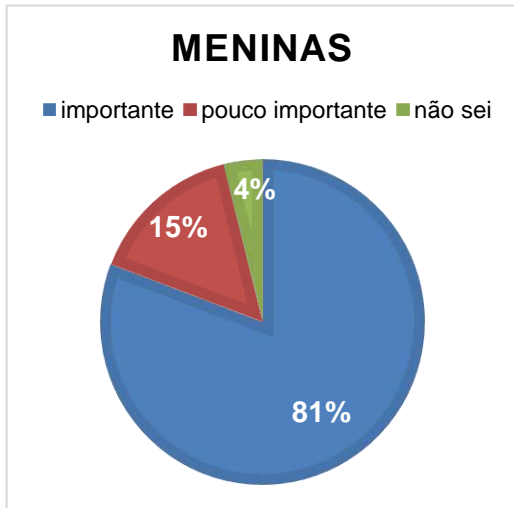
Gráfico 1 – Importância da Educação Física



Fonte: Elaborado pela autora.

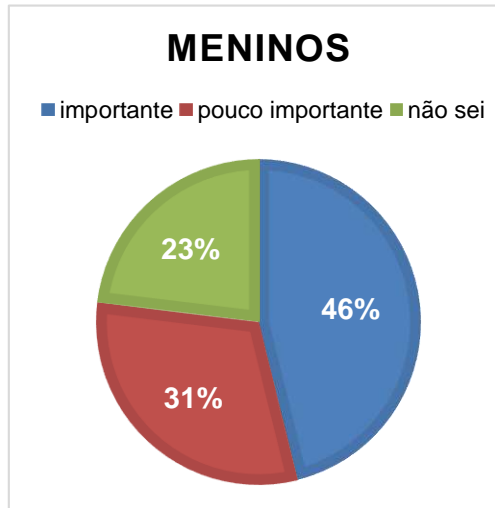
A diferença de opiniões entre meninos e meninas sobre a importância da Educação Física é apresentada nos Gráficos 2 e 3.

Gráfico 2 – Importância Meninas (26)



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 3 – Importância Meninos (13)



Fonte: Elaborado pela autora.

Ficou evidenciado que os(as) estudantes consideram a Educação Física importante, principalmente para as meninas, que na análise por gênero dobram na porcentagem (81%), o que torna mais discrepante é que são as meninas as que menos participam da aula de Educação Física, apesar de acharem a mesma importante. Quanto aos meninos, mais da metade (54%), apesar de participarem



mais, não consideram a Educação Física importante ou não sabem opinar sobre essa importância.

A questão do gênero se faz muito presente nesse estudo quando comparamos o comportamento de meninas e meninos nas aulas bem como seus motivos para a não participação, as questões relacionadas à vergonha, ao não se sentir bem nos remetem a questões sociais.

4.3 Práticas pedagógicas e conteúdos

As práticas pedagógicas, os conteúdos e a postura dos(as) docentes influenciam diretamente na não participação dos(as) estudantes conforme veremos a seguir.

Os dados nos mostraram que os(as) estudantes têm acesso aos conteúdos do componente curricular da Educação Física, principalmente em aulas teóricas, pois usam o Caderno do Aluno, o qual intercala os conteúdos a serem vivenciados tanto na teoria quanto na prática. Eles(as) nos revelam através dos dados do questionário que “aprendi a jogar vários jogos que não tinha visto ainda” (QB1-17F); “táticas de jogo e estratégias” (QD-32M); “aquecimentos, exercícios, regras de jogos, alguns esportes, aprendi sobre esportes de outros países, controle de peso, massa corporal, dança” (QD-35F), entre outros elencados abaixo:

[...] Regras e estratégias em jogos como vôlei e futebol [...] (QC-28M).

[...] Vôlei, futsal, bandeirinha, pingue-pongue, corridas, salto em altura ou distância, basquete [...] (QA-03F).

[...] Basquete, futsal e queimada [...] (QB1-14F).

[...] Futebol, basquete. etc. [...] (QB2-21F).

As respostas acima evidenciam que os(as) estudantes relatam que aprenderam variados conteúdos. No 9.º ano, a descrição da quantidade dos conteúdos é maior do que nos anos anteriores como “ginástica, regras do basquete, regras do futsal e futebol, queimada, aquecimento, regras e cultura da capoeira, ginástica rítmica” (QD-34F); “sobre basquete, a diferença entre jogo e esporte, judô, vôlei, futsal” (QC-26F). “diversas coisas como gêneros musicais (hip-hop), diversidade de culturas e regras



de jogos, desde a sua origem até a sua prática em sala de aula. “Aprendi sobre vários esportes como basquete, futebol, vôlei e várias brincadeiras como queimada, pique bandeira e etc.” (QD-37F); “Jogos virtuais, como funcionam na vida real, arte, lutas, danças, arremesso de dardo” (QA-11F). As diferenças entre as respostas dos anos iniciais para as do 9.º ano podem estar atreladas às vivências tidas nos anos anteriores, à criticidade e à forma como os conteúdos são trabalhados.

Um fator preocupante sobre os conteúdos, que aparecem nas entrevistas e questionários, são os relatos de “não lembro ou não aprendo nada” como citado a seguir: “não lembro, nada de importante” (QA-08M); “nada” (QB2-20F). Esses dados são confirmados nos trechos das entrevistas abaixo:

[...] não aprendo nada, sempre é o mesmo conteúdo [...] (EA-07F).

[...] nada, já disse, nada, não aprendo nada, sempre é a mesma coisa [...] (EB2-20F).

[...] não participo, não presto atenção quando é prática, não lembro [...] (EA-11F).

[...] nada de interessante, nada [...] (EB1-18F).

Assim as a palavras, “mesmo conteúdo”, “mesma coisa”, foram identificadas nas respostas do questionário quando responderam à questão seis (6) “O que faz você não querer participar das aulas de Educação Física?”. Muitas respostas apresentaram como motivo o fato de os conteúdos serem repetitivos, aulas iguais ou que não chamam atenção, conforme relatos abaixo:

[...] Porque eles dão o mesmo conteúdo [...] (QB2-21F).

[...] É que é sempre o mesmo conteúdo [...] (QB1-14F).

[...] O conteúdo que a professora passa, repetitivo [...] (QD-39F).

[...] Aulas iguais, sempre a mesma coisa [...] (QA-05M).

[...] Poucas atividades que chamam a atenção [...] (QA-12F).

Nas entrevistas, os estudantes reforçam essa situação:

[...] as aulas são repetitivas, só futsal, ou volêi não tem nada de diferente [...] (EC- 22M).

[...] conteúdos sempre iguais na quadra, não gosto de futsal [...] (EA-06M).



O que podemos observar é que essa reclamação está presente em todos os anos e em todas as escolas. Os(as) estudantes relatam o futsal, vôlei ou outro esporte como atividades repetitivas, o que deixa claro que o conteúdo esportivo é o mais vivenciado, principalmente nas aulas livres. Esses dados podem ser confirmados através do questionário e das respostas:

[...] Muitos esportes, futsal e vôlei [...] (QA-05M).

[...] Vôlei e pingue pongue (tênis de mesa) [...] (QA-09M).

[...] Futsal e vôlei [...] (QB1-13F).

[...] Vários esportes, aulas livres [...] (QC-23M).

[...] Handebol, basquete, futsal [...] (QB1-18F).

Em todas as escolas foram observadas aulas livres e nelas, o conteúdo esportivo se fazia presente através do futsal, vôlei, handebol, basquetebol que foram os mais praticados. De fato, estes não eram trabalhados de forma contextualizada e aconteciam de acordo com que os(as) estudantes queriam no momento: “[...] aula com conteúdo livre, futsal, não houve direcionamento, os(as) alunos(as) apenas se juntaram conforme interesse, o(a) professor(a), simplesmente apitou o jogo e marcou o tempo entre as equipes, sete alunos não participaram sendo dois meninos e cinco meninas [...]” (DCII- 27/09/2020-6.º A). Em outra observação, os(as) estudantes dividiram a quadra entre eles com vários esportes acontecendo ao mesmo tempo como “[...] aula livre sem direcionamento, professora pegou o material, bolas de vôlei, futsal e basquete, os alunos após a chamada desceram pra quadra, e se dividiram nos esportes, basquete, futsal e vôlei, ficando em pequenos grupos, muitos entravam e saíam da quadra, a professora só observava, oito alunos não participaram, ficaram sentados, sendo cinco meninas e três meninos [...]” (DC IV-04/10/2019-9.º B).

Quando analisamos criteriosamente estes dados, fica evidenciado que nas aulas livres a maioria dos conteúdos embasa-se em esportes e que muitos desses acontecem de maneira inapropriada, pois não possuem nem seu formato de jogo garantido e quando se elege um só esporte para toda a sala, muitos(as) estudantes ficam sem participar, principalmente as meninas por não gostarem do esporte ou por outros motivos como observado em diário de campo a seguir: “[...] aula livre, futsal, aula não dirigida nem contextualizada, quatorze alunos não participaram, sendo dez



meninas e quatro meninos que ficaram mexendo no celular, sentados e conversando entre si [...]” (DC V-08/10/2019-9.º A).

Foi constatado, também, que os(as) estudantes observam e sabem quando o(a) professor(a) planejou as aulas. Na pergunta dez (10), buscou-se levantar se os(as) estudantes percebiam se a aula fora planejada e os dados estão expostos na Tabela 7:

Tabela 7 – Planejamento

PLANEJAMENTO	MENINOS	MENINAS	TOTAL	TOTAL%
Sim	7	13	20	51,2%
Não	3	4	7	17,9%
Às vezes	2	9	11	28,2%
Nunca	1	0	1	2,5%
Total	13	26	39	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Indubitavelmente, os(as) estudantes percebem quando o(a) professor(a) planeja ou não as aulas: “ela sempre explica o que vamos fazer, principalmente quando é teórica”. (QC-24F); “porque quando a aula é teórica a gente percebe que a professora planejou o que a gente vai aprender” (QA-07F) e “ela traz o notebook com a matéria” (QD-29F). Ao analisarmos essas frases, conclui-se que, na maioria das vezes, esses planejamentos são feitos para as aulas teóricas. Exemplo: “[...] aula teórica em sala, professor trabalhou o conteúdo de ginástica rítmica, explicando o mesmo na sala [...]” (DCII 27/09/2019 – 6.º C) e “[...], a aula foi teórica e o tema foi organização de campeonatos esportivos [...]” (DCXIII 19/11/2019 – 9.º A).

Nas aulas práticas, constatou-se por meio das observações que em sua maioria não são planejadas: “[...] aula iniciou em quadra sem direcionamento, os alunos se organizaram e jogaram futsal, um menino não participou, quatro entravam e saíam das atividades e três meninas ficaram só na arquibancada conversando. Não houve por parte da professora uma proposta de atividades, ela apenas controlou o tempo e o material [...]” (DCII 27/09/2019 – 9.º A). Esse não planejamento também foi relatado nas respostas do questionário:



[...] Porque dá a mesma coisa sempre na quadra [...] (QB1-16F).

[...] A gente que faz a aula prática, fazemos o que gostamos [...] (QB1-19M).

A maioria das aulas não planejadas embasa-se em conteúdos repetitivos, livres e em esportes que os meninos escolhem: “Às vezes, porque quase sempre é futebol e queimada” (QB1-18F); “não, às vezes, aqui tem um tempo para cada esporte” (QB1-15F) e “não sei, sempre futebol” (QA-04M). Nos diários de campo este fato também foi descrito:

[...] aula prática livre, handebol e queimada divididas entre meninos e meninas por tempo [...] (DCIX 25/10/2019 – 6.º C).

[...] aula prática, livre, futsal e vôlei, sem direcionamento [...] (DCI 24/09/2019 – 9.º A).

Através dessas informações levantadas, foi possível entender que as aulas planejadas são, em sua maioria, as aulas teóricas, pois seguem o Caderno do Professor e o Caderno do Aluno. Na quadra, as aulas que ocorreram, geralmente foram livres, sem direcionamento ou contextualização e predominaram os conteúdos esportivos e repetitivos.

A postura do(a) professor(a) e como a mesma influencia a participação ou não nas aulas, também foram observadas. Essa postura foi levantada a partir dos seguintes trechos: “eu acho que o professor devia incentivar os alunos a participar mais da aula e ter paciência em ensiná-los” (QA-10F); “ele é muito bravo, tenho medo de errar, não gosto de participar” (QA-08M); “a professora muitas vezes está desanimada e desanima a gente, principalmente pois é sempre o mesmo conteúdo” (QD- 30F) e “tem que estar realmente com vontade de dar aula para nós, daí é legal” (QC-23M). Como constatamos, a postura docente influencia diretamente na motivação dos(as) estudantes, pois percebem sua vontade e seu compromisso: “quando o professor se mostra animado, acaba contagiando o aluno, que se empenha mais a participar” (QD-34F). Os excertos das entrevistas também confirmam isso:

[...] quando o professor se mostra animado, acaba contagiando a gente e a gente se empenha na aula [...] (ED-34F).

[...] se o professor não incentiva, a gente não se sente na obrigação de participar ou realizar a atividade, [...] (ED-39F).



[...] a professora é legal, incentiva, mas eu não gosto de participar [...] (EC-27F).

[...] quando o professor é bravo, não gosto de participar, mas quando ele é gente boa aí às vezes participo [...] (EA- 08M).

[...] quando é muito bravo não tenho vontade de participar, se for legal a gente fica mais à vontade [...] (EB1-13F).

Quanto as estratégias usadas em aula, encontramos a participação por pontos e a punição (se não houver colaboração, não tem saída na próxima aula). Essas foram usadas pelos(as) professores(as) para tentarem forçar a participação ou então para que os(as) estudantes prestassem atenção nos conteúdos teóricos:

[...] aula direcionada ao esporte Basquetebol, mas só jogo simples, a professora falou para os alunos, que quem participasse ganharia o ponto da aula, mas essa participação deveria ocorrer por pelo menos 20 minutos, ela insistiu para alguns alunos participarem, e jogou junto com eles, mesmo assim, não houve a participação de todos, um menino permaneceu sentado e cinco meninas não entraram em quadra. Após esse tempo, ela marcou em sua caderneta o número de quem participou, e o restante da aula os alunos, foram jogar futsal e algumas meninas vôlei [...] (DC VI 11/10/2019 – 9.º A-EC).

Essas estratégias são reveladas pelos(as) estudantes: “mesmo a professora falando que eu não vou ganhar ponto se não participar, eu não vou participar, não me interessa o que ela passa” (QD-31M); “[...] não participo nem quando ameaça que não vou ganhar ponto [...] (EB1- 16F) e “[...] é chato, quando ela fala que não vamos para quadra se não colaborar e depois não dá nada que a gente gosta, só basquete, não participo [...]” (EC- 23M).

Portanto a didática, as estratégias e a postura usadas pelos(as) professores(as) são uma problemática a ser discutida quando nos referimos a não participação em aula.

Os sentimentos dos(as) estudantes durante a aulas também foi relatado. As respostas da pergunta onze (11) do questionário “Você se sente bem na aula de Educação Física?” podem ser verificadas na Tabela 8:



Tabela 8 – Você se sente bem na aula?

RESPOSTAS	MENINO	MENINA	TOTAL	TOTAL %
Sim	7	15	22	56,41%
Não	2	1	3	10,25%
Às vezes	4	8	12	30,78%
Nunca	0	2	2	5,12%
Total	13	26	39	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Ao analisarmos esses dados, nota-se que quinze (15) meninas e sete (7) meninos se sentem bem nas aulas de Educação Física, somando juntos mais da metade (56,41%) do total de participantes. Mas quando analisamos separadamente esses dados, algo nos chama a atenção. Ficou evidenciado que alguns(as) estudantes não se sentem bem e, às vezes, não participam devido a sofrerem constrangimento pelos demais colegas da sala. Meninos e meninas alegam se sentir chateados, desconfortáveis, inaptos a participar devido aos constrangimentos provocados por parte de colegas.

[...] porque têm pessoas que ficam querendo se aparecer e acabam machucando a gente [...] (QA-12F).

[...] porque eles me zoam muito [...] (QB1-14F).

[...] eu não gosto os meninos chamam as meninas de ruim [...] (QB1-16F).

[...] eu sempre penso que é uma aula a menos pois sempre que vou pra quadra nunca sou escolhido, ou tiram sarro de mim [...] (QD-31M).

[...] não me sinto confortável meus amigos me zoam por não saber ou não conseguir fazer determinado exercício ou jogada principalmente no vôlei [...] (Q-D-37F).

Somado a este fato, também professores(as), muitas vezes, provocam o constrangimento ou não corrigem uma situação de constrangimento realizada por um(a) estudante, como veremos a seguir:

[...] Porque sou gordo e os alunos me zoam, e nem chamar a atenção dos colegas o professor chama, me chateia [...] (QA-05M).



[...] Porque o professor e os amigos tiram sarro quando faço algo errado [...] (QA-11F).

[...] os meus colegas tiram sarro e o professor faz de conta que não vê [...] (EB1-14F).

[...] eles se acham superiores os meninos, e as meninas nunca têm sua vez, e nunca é feito nada pra mudar isso [...] (EB1-16F).

[...] ser zoada sempre é desconfortável e o professor muitas vezes nem vê o que acontece fica sentado, quando reclamo fala pra eu não ligar [...] (E-D-37F).

Tais dados se revelam interessantes e estão muitas vezes entrelaçados à postura do(a) professor(a) e como ele(a) reage às situações de constrangimento sofridas pelos(as) estudantes nas aulas.

A importância das aulas de Educação Física na formação foi apontada no questionário e nas entrevistas e registrada na pergunta três (3) do questionário “O que você pensa sobre as aulas de Educação Física na sua formação?”. As respostas são apresentadas na Tabela 9.

Tabela 9 – Educação Física e Formação

GRAU DE IMPORTÂNCIA	MENINOS	MENINAS	TOTAL	TOTAL %
Muito importante	1	3	4	10,25%
Importante	5	16	21	53,86%
Pouco importante	4	4	8	20,51%
Não importante	0	1	1	2,56%
Não sei	3	2	5	12,82%
Total	13	26	39	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Constatou-se que vinte e cinco (25) estudantes (64,1%) consideram a Educação Física importante ou muito importante para a sua formação, enquanto catorze (14) ou 35,9% responderam ser “pouco importante”, “não importante” ou “não sei”. Destes catorze, (14), nove (9) estudantes (64,28%) são do 9.º e apontam a Educação Física como pouco importante.

[...] Eu acho que têm outras matérias mais importantes que deveriam ser abordadas, não acho essencial, deveria ter mais matérias diferenciadas e



cada um deveria escolher a partir do que quer pra vida e o que acha interessante [...] (QC-26F).

[...] Não há conteúdo relevante que usarei pra frente é só futsal, basquete e vôlei, não vou ser treinador [...] (QC-23M).

[...] Depende se você quer se formar para ser professor de Educação Física, isso pode ser muito importante para a sua carreira, mais se você quiser se formar em outra coisa, isso não vai ser importante, você não precisa participar das aulas de Educação Física pra arrumar um emprego [...] (QD-31M).

[...] Porque na profissão que quero me formar não vou levar nenhuma dessas habilidades que aprendi [...] (QD-33F).

[...] Porque não usarei na minha vida, ainda mais na profissão que quero exercer não tem nada a haver com isso [...] (QD-36F).

[...] Seria só para um conhecimento geral, não para um projeto de vida [...] (QD-34F).

Ao refletir sobre essas respostas, observamos que no 9.^o ano há um questionamento sobre a importância da Educação Física para a formação dos(as) discentes, visto que não há uma associação do componente curricular com os projetos futuros dos(as) estudantes.

Essas respostas são importantes, pois a não participação ocorre principalmente no ensino fundamental II e se intensifica no Ensino Médio sendo essa uma das possibilidades dessa intensificação.

Além dos motivos apontados, outros vários nos levam a compreender essa intensificação na não participação como os conteúdos, estratégias, postura do(a) professor(a), projeto futuro, discriminação por falta de habilidade ou por não atender a um determinado padrão de corpo.

A seguir, será traçada uma discussão sobre a análise apresentada acima e um diálogo com os referenciais teóricos que apresentam como problematização a não participação nas aulas de Educação Física.



5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme as análises das três categorias: Dispositivos Eletrônicos e Sedentarismo, Gênero e Prática pedagógica e Conteúdo, partimos para a discussão destas dialogando com autores(as) que se debruçam acerca da problemática.

A não participação nas aulas de Educação Física é um problema que vem aumentando. Ela sempre esteve ligada ao Ensino Médio, mas esse cenário tem mudado. Hoje, muitos(as) professores(as) presenciam a não participação nos primeiros anos do Ensino Fundamental, ainda que discreta, mas, a partir dos dados levantados, pudemos perceber que alguns(as) estudantes se negam a participar de certas atividades ou da aula como um todo.

Na Tabela 10, apresentamos os dados da não participação por ano que foram analisados levando em conta três turmas do 6.º, duas turmas do 7.º; duas turmas do 8.º ano e três turmas do 9.º ano.

Tabela 10 – Não Participação

ANOS	TOTAL	TOTAL (%)
6.º	9	23,09%
7.º	3	7,69%
8.º	8	20,51%
9.º	19	48,71%
Total	39	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados acima nos revelam que a não participação é maior no 6.º e no 9.º ano, sendo que no 9.º ano, a porcentagem de não participação dobra em relação ao 6.º ano. Portanto, indiscutivelmente, no final do Ensino Fundamental, ou seja, no 9.ºano, a não participação aumenta, ainda que a amostragem não tenha sido a mesma em termos de número de turmas.

Essa não participação nas aulas foi observado por Pereira e Moreira (2005) em um estudo realizado em duas escolas da zona Leste de São Paulo, o qual constatou que das 80 aulas observadas, aproximadamente em 46% não houve uma efetiva participação dos(as) estudantes. Para a presente pesquisa, observei 36 aulas em



quadra, sendo algumas livres e outras com conteúdo direcionado. Desse total, em 32 constatei a não participação de pelo menos um ou mais estudantes, o que corresponde a 88,88% das aulas em quadra nas quais não houve participação, muitos(as) se negaram a participar desde o início ou saíram no decorrer delas. Os dados de Pereira e Moreira (2005) foram levantados no Ensino Médio, em contrapartida, quando analisados os dados da presente pesquisa, observamos que a não participação ocorre também no ciclo II do Ensino Fundamental.

Esses afastamentos se dão por inúmeros motivos, como visto nas análises de dados explicitados em não gostar de atividades práticas; não gostar da Educação Física; estarem cansados; com preguiça; sem vontade de fazer nada; fazerem uso de celulares; conversar ou jogar cartas com amigos; sentirem-se desconfortáveis ou com vergonha, sofrerem discriminações, falta de interesse ou repetição de conteúdos trabalhados, estratégias usadas em aula e a postura do(a) professor(a).

De acordo com os dados, as meninas são as que menos participam. De um total de 39 estudantes, 26 (ou seja 66,66%) eram meninas que relataram a não participação. Esse fato também foi observado em um estudo feito por Jaco (2012) ao revelar que o número de meninas que não participavam era maior que o de meninos. Dos oitenta e dois (82) estudantes entrevistados, sessenta e sete (67) eram meninas (81,70%) e quinze (15), meninos (18,30%).

Foi constatado, nessa pesquisa, que muitas meninas não se sentiam confortáveis, não gostavam de atividades práticas e muitas participavam só de atividades teóricas. Muitas vezes isso se refere ao fato de sentirem vergonha da visibilidade corporal, pela falta de habilidade e, muitas vezes, por se sentirem incapazes.

Durante muito tempo, a Educação Física diferenciou as atividades para homens e mulheres, vistas como frágeis e delicadas. Um decreto de Lei publicado em abril de 1941, Lei n.º 3.199, tratava da organização dos esportes no Brasil e em um dos seus artigos, mais especificadamente o de n.º 54, citava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos, incompatíveis com as condições da sua natureza” (BRASIL, 1941, p. 7452). Elas não participavam dos mesmos exercícios dados aos homens, isso gerava uma diferenciação que se tornou natural dentro da área por um período. Para Aldeman (2003):



[...] as práticas físicas permitidas se restringiam àquelas que se conciliavam com as ideias que prevaleciam sobre a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos. Houve um receio grande em relação ao exercício físico para as meninas (ALDEMAN, 2003, p. 446).

Jaco (2012) afirma que as atividades eram separadas e direcionadas moldando e educando o corpo, os movimentos, os limites e capacidades de homens e mulheres de maneiras diferentes. Essa diferenciação entre homens e mulheres, vistas ao longo dos séculos e que vemos hoje dentro da Educação Física escolar relacionada a uma maior não participação feminina, pode ser um resíduo cultural e social dessa diferenciação.

As meninas relataram que se sentiam menos aptas a participar de algumas atividades, sentiam vergonha de se movimentar ou intimidadas pelos meninos. Daolio¹⁹ (1995 *apud* SOUZA JUNIOR, 2018, p. 8, grifo do autor) traz uma contribuição para essa discussão:

Em seu célebre texto *A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas*, Daolio (1995) ilustra tal cenário com um exemplo de sua prática docente, na qual durante uma partida de voleibol mista uma menina se autocritica dizendo: “Por que eu sou uma anta?”, ao não conseguir receber um saque. O autor acredita que por trás desta frase esconde-se o descontentamento de todas as meninas pela inferioridade motora em comparação aos meninos. Deste modo, Daolio salienta que, na média, os homens são mais atirados fisicamente, se arriscam mais, ousam mais que as meninas, o que os torna (na média) menos propensos que elas a se tornarem “antas”. Na realidade a conjugação entre estímulos à ousadia física e oferta de um leque maior de experiências motoras aos meninos compõem o cenário que os torna menos propensos a serem considerados inaptos às práticas corporais de uma maneira geral.

“Essa construção cultural dos corpos masculinos e femininos não pode ser analisada como algo estanque no tempo e lugar, deve-se considerar os componentes social e histórico, pois cada grupo social constrói a sua imagem de masculino e feminino” (SOUZA JUNIOR; DARIDO 2003, p.144). Para o autor, a construção cultural diferenciada dos corpos, ao longo dos séculos, molda meninos e meninas, assim leva os meninos a se tornarem mais hábeis e ousados que as meninas (SOUZA JUNIOR, 2018).

Nesse ínterim, meninos continuam recebendo mais estímulos para as práticas corporais, enquanto as meninas continuam se sentindo inábeis, com medo de errar,

¹⁹ DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In ROMERO, E. (org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 99-108.



de serem expostas e julgadas. Infelizmente, continuam tendo vergonha de si mesmas e, conseqüentemente, participando menos das aulas de Educação Física na escola.

Essa não participação das meninas foi revelada na análise. Ao observar suas falas, percebemos que elas se sentem desvalorizadas, não vistas, desconfortáveis com seus corpos, com a aula, com os conteúdos tidos como masculino, com as atitudes dos meninos e chateadas pela falta de atitude dos(as) professores(as) que não fazem nada para que não haja essa discriminação e desvalorização. Fontana (2001) relata a desvalorização vivida nas aulas de Educação Física na década de 1960, em que ela sofria e era corrigida publicamente por não ser tão hábil e não conseguir fazer os movimentos exigidos e tidos como padrão afirmando que, devido as correções públicas, acabou acreditando que tinha um corpo atrofiado, inadequado e sem concerto. Essa fala da autora, apesar de ser vivida em 1960, não está distante do que algumas meninas vivenciam em aula atualmente. Como vimos, o sarro, a zombaria, a superioridade dos meninos, a percepção negativa do próprio corpo, o ser ignorado pelo(a) professor(a) são alguns dos motivos que fazem com que as meninas acabem se afastando das aulas.

Segundo Souza (2006), essas diferenças se fazem presentes no cotidiano escolar e se fazem perceber através dos comportamentos de meninos e meninas nas confusões, nas intrigas, nas disputas de poder na escola, no silêncio e na omissão de quem ensina. Isso é o que vemos quando meninos dominam a aula impondo seu esporte favorito; quando meninas reclamam das discriminações e não são ouvidas; os olhares; as risadas e a correção vexatória de um(a) colega ou professor(a) em um movimento feito errado.

Observei que, a maioria das aulas sem planejamento, resumia-se em um “rola bola”²⁰, muitas vezes marcado pela imposição dos meninos e pelas habilidades corporais e técnicas esportivas. Conseqüentemente, as meninas e os meninos menos habilidosos são deixados de lado. De acordo com Sabo (2002):

O esporte é um espaço estratégico para o estudo das masculinidades e das relações de gênero. O esporte e a masculinidade vinculam-se intimamente nas sociedades ocidentais, desde as Olimpíadas gregas e os tempos romanos até as ordens modernas e pós-modernas de gênero. Culturalmente, o esporte tem sido um terreno onde a masculinidade se comprova, uma ‘escola’ na qual se aprende a valorizar o ‘ser homem’ (*manhood*) e a desvalorizar o ‘ser mulher’ (*womanhood*), um espaço cultural onde, muito

²⁰ Aulas sem conteúdos direcionados, nas quais o(a) professor(a) solta a bola e os(as) estudantes fazem o que querem.



frequentemente, os meninos e os homens aprendem a se enaltecer desvalorizando os homens fisicamente mais fracos e as mulheres (SABO, 2002, p. 34).

Em um estudo feito por Betti e Liz (2003) sobre as perspectivas de alunas no Ensino Fundamental na Educação Física, foi constatado que elas declaram gostar menos das atividades esportivas. Também fizeram referência à interação social e à divisão de quadras com os meninos, apontando que essa divisão desmotiva, pois a preferência deles em relação aos conteúdos são diferentes.

Como ressalta Jaco (2012), a forma de participar das aulas, de se motivar e demonstrar suas habilidades são diferentes, como é diferente a distinção entre ensino e aprendizado, o que resulta em possibilidades corporais diferenciadas e isso interfere na aproximação da participação ou não das aulas de Educação Física. A visão de corpos frágeis e uma masculinidade exacerbada manifestada nas práticas esportivas, muito presentes nas aulas livres, contribuem para esse cenário da não participação das meninas e de meninos, que não se “encaixam” nesse padrão. Nesse sentido, a Educação Física acaba ganhando um tom esportivo, generalista e excludente.

Ressalta-se dentro desse cenário que:

O professor precisa estar atento e deve estimular a reflexão sobre a reatividade das concepções associadas ao masculino e feminino, ao respeito mútuo entre os sexos e o respeito as muitas e variadas expressões do feminino e do masculino. A concepção de coeducação deve estar realmente presente na aula assim, meninos e meninas devem vivenciar as mesmas práticas, discutindo e entendendo as questões das diferenças e buscando as melhores soluções (DARIDO *et al.*, 2001, p. 26).

De acordo com esse estudo, a não participação, também recai sobre os conteúdos trabalhados. Para Moreira e Pereira (2011, p. 222), o interesse pelo componente curricular decresce “[...] com a idade escolar, muito em função da pouca variabilidade de estratégias de ensino e conteúdo [...]”.

A pouca diversidade de conteúdo e a frequência de aulas livres relatadas nas entrevistas, nos questionários e observadas em campo, evidenciaram que os(as) estudantes não participam porque não gostam do conteúdo, não acham interessante porque as aulas são sempre iguais e não despertavam interesse.

O que notei nas aulas de Educação Física foi a pouca diversidade de conteúdos, sendo em sua maioria, esportivos e livres, o que vai contra o que é recomendado pelos PCNs (BRASIL, 1998) que destacam as brincadeiras, jogos,



esportes, ginásticas, lutas, atividades rítmicas e expressivas, conhecimento sobre o corpo como de grande importância para a formação. Assim, a falta de diversidade de conteúdos gera um descontentamento em alguns(as) estudantes que ao não verem sentido no que está sendo ensinado, não se sentem motivados a participar.

O esporte, como foi visto, é um dos principais conteúdos nas aulas de Educação Física, porém muitos(as) revelam não gostam de participar, acham chato terem só esse conteúdo. Segundo Kunz (2004), o esporte não deve ser reduzir a movimentos padronizados e ser conteúdo central das aulas, precisa ir além, trabalhar a socialização, desenvolver a criatividade, a expressão e a comunicação, a autonomia de forma ampla na Educação Física, não se prender ao rendimento mais ser contextualizado, pois o esporte pelo esporte, como conteúdo central fechado em padrões de movimentos e rendimentos, impedem os objetivos amplos que a Educação Física possibilita. Para Vago (2009), esportes como conteúdo exclusivo causa um analfabetismo cultural nos estudantes, por isso é preciso superar e oferecer aos estudantes uma vivência cultural mais ampla.

O esporte tratado livremente, como citado pelos(as) estudantes nessa pesquisa, acaba por se caracterizar como um “rola bola”, pois não há direcionamento. São os(as) próprios(as) estudantes que se organizam e o(a) professor(a) fica com as funções de distribuir o material, marcar o tempo, apitar o tempo e gerenciar os(as) estudantes na volta à sala, o que acaba por não se caracterizar um processo de ensino e aprendizagem e sim um passar de tempo.

Um estudo feito no Ensino Médio por Chicati (2000) revela que:

Acredita-se que esse seja um dos grandes motivos para que os alunos do ensino médio se afastem das aulas dessa disciplina, visto que os mesmos conteúdos sendo ministrados todas as aulas podem fazer com que os alunos, que já não possuem tanto interesse pelas mesmas, os tenham cada vez menos, e os que se interessam, percam-no gradativamente (CHICATTI 2000, p. 103).

Como visto nessa pesquisa, esse motivo antes visto no Ensino Médio, tem repercutido cada vez mais cedo no Ensino Fundamental. Para Darido (2018), os(as) professores devem se empenhar em ensinar os conteúdos, diversificar as práticas corporais e intervir nelas. Então, faz-se necessário que deixem o papel de espectadores(as) e entrem em cena. Acredita a autora que:



Para facilitar a adesão dos alunos às práticas corporais, seria importante diversificar as vivências experimentadas nas aulas, para além dos esportes tradicionais (futebol, voleibol ou basquetebol). Na verdade, a inclusão e a possibilidade das vivências das ginásticas, dos jogos, das brincadeiras, das lutas, das danças podem facilitar a adesão do aluno na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação. É importante ressaltar também que a Educação Física na escola deve incluir tanto quanto possível todos os alunos nos conteúdos que propõem adotando para isto estratégias adequadas (DARIDO, 2001, p. 56).

O planejamento das aulas foi outra questão que se apresentou para ser discutida. A análise dos dados apontou que os(as) estudantes percebem quando as aulas são planejadas ou não. Muitos disseram que as teóricas são planejadas, mas que as aulas práticas, em geral, não passam por esse processo e os apontamentos feitos registram que a bola é dada assim é sempre o mesmo conteúdo e não há organização.

Percebemos nas observações realizadas que o planejamento se concretizou nas aulas teóricas, mas não nas aulas realizadas em quadra, confirmando a percepção dos(as) estudantes. “Penso que aconteça também o que chamaria de “vício” do professor de Educação Física na questão do planejamento de ensino, que é o fato de considerar que seu tempo de experiência como professor substitui o planejamento [...]” (BOSSLE, 2002, p. 37).

O(a) professor(a), por achar que sua experiência dá conta, negligencia o planejamento, assim, aulas sem conteúdos diversificados e sem direcionamento acabam por levar ao “rola bola” o que resulta na existência de vários problemas, dentre esses, a não participação:

Materializada geralmente na forma de uma aula “rola bola”, a principal característica desta forma de atuação é a falta de intervenção do professor durante a aula, que se expressam em situações como: os alunos escolherem a atividade a realizar na aula, em geral levando aos meninos jogarem “bola” e as meninas, voleibol ou queimada, ou, cada vez com mais frequência, ficarem conversando ou “mexendo” no celular; os alunos que não desejam realizar a aula ficam tranquilamente sentados conversando (algumas vezes, com o próprio professor), esperando dar o tempo de subirem para outra aula; os meninos costumam ser mais ativos e participarem dos jogos; e as meninas acabam se excluindo das aulas ou por não se considerarem habilidosas o suficiente, ou por medo de exporem o corpo, ou por receio de ficarem suadas; os mais habilidosos têm a chance de escolherem os times e decidirem quem joga ou não joga; em casos mais extremos, não é raro, o professor se ausentar da aula, deixando que os alunos se “auto-organizem” (GONZÁLEZ, 2018, p. 4).



O planejamento deve ser algo incorporado em todas as aulas, pois “[...] é uma construção orientadora da ação docente que como processo organiza e dá direção a prática coerente com os objetivos a que se propõe” (BOSSLE, 2002, p. 31).

De acordo com Moreira (2008, p. 45), “a ação de planejar requer consciência do que se deseja fazer, o conhecimento da realidade deve ser o ponto de partida para a elaboração do planejamento”. A partir do momento que o(a) professor(a) se permite conhecer o(a) estudante, suas vontades e limitações, seu planejamento se torna mais significativo. “Planejar é interação com a natureza e com os demais, é saber suas necessidades, e concretizá-las de forma racional” (BOSSLE, 2002, p. 32).

Segundo Martins Junior (2000), ninguém consegue praticar as mesmas atividades ver os mesmos conteúdos anos após anos e cabe à figura do(a) professor(a) motivar o(a) aluno(a) através de conteúdos novos e interessantes e à Educação Física na escola introduzir e integrar o(a) estudante na cultura corporal de movimento, produzindo-a, transformando-a e resignificando-a em benefício próprio e para o coletivo (BETTI, 1998). Portanto, o “professor de Educação Física deve auxiliar o aluno a compreender seu sentir e seu relacionar-se na esfera da cultura corporal de movimento” (BETTI, 1998, p. 19).

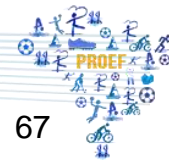
Para Betti²¹ (1999 *apud* BETTI; LIZ, 2003, p. 135), a visão dos(as) estudantes, seus pontos de vistas e valores devem ser levados em consideração pelos(as) professores(as), constituindo-se em um dos princípios pedagógicos que deve orientar a Educação Física.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 2000), o conhecimento deve ser contextualizado e, por isso, esse é o recurso que a escola tem para retirar o(a) estudante da condição de espectador passivo nas aulas.

Em outras palavras, a atividade deve se adequar ao aluno e não o aluno a atividade. O/a professor/a que se mantiver rígido em atividades que não despertem o interesse do aluno, termina por afastá-lo da disciplina, auxiliando na formação dos não praticantes de atividade físicas (DARIDO, 2004, p. 78).

Além de conteúdos repetitivos, falta de planejamento, alguns(as) estudantes revelam que a postura do(a) professor(a) e dos colegas é algo que incomoda, dá

²¹ BETTI, Mauro. Educação Física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 20, n. 2-3, p. 84-92, 1999.



medo, vergonha e fazem se desinteressar pela aula, assim, quando podem, acabam não participando da aula.

O estudo feito por Betti e Liz (2003) revelou que o(a) professor(a):

[...] O Professor, presença necessária e vital para os alunos, também recebeu muitas críticas relacionadas ao “jeito” de conversar com os alunos, a falta de paciência e diálogo, seu interesse e desinteresse não passam despercebidos pelos alunos, em alguns casos o modo de tratamento do professor para com os alunos é responsável pela permanência ou não dos alunos nas aulas (BETTI; LIZ, 2003, p. 136).

Esses dados foram apontados nessa pesquisa quando os(as) estudantes relataram também a postura do(a) professor(a) como motivo da não participação como citado na análise de dados. Essa postura é levada em conta e suas ações estão a todo o momento sendo avaliadas.

Afirmam Guimarães *et al.* (2001, p. 19) que “O professor atua como ponto de orientação que os alunos devem observar, pois ele é o início e o fim do que se há para fazer. Ele representa não só a autoridade adulta e a necessidade de ordem e disciplina, como também valores e conhecimento”.

As interações observadas entre estudantes e estudantes; o(a) professor(a) e o (a) estudante; o(a) estudante e o (a) professor(a) são construídas diariamente. Assim para os autores Souza, Leitão e Prodócimo (2016), essas vivências repercutem no comportamento individual e geram relações de vínculo e poder entre os sujeitos, muitas delas instituídas pela sociedade. Essas relações desenvolvem habilidades para lidar com sentimentos, adversidades e diferenças. Neste caso estando configuradas na figura do(a) professor(a), podendo ser observada no cuidado e afeto ou muitas vezes na imposição arbitrária e no descuido ao estudante e as aulas.

Essas relações sociais e de poder são identificadas nas entrevistas e podem ser sentidas nas observações. Nas aulas dos 6.^o e 7.^o anos foi constatado que o momento em que o(a) professor(a) entra na sala, os(as) estudantes comemoravam sua chegada, em algumas salas de forma discreta, em outras com certa ansiedade. Nas entrevistas, houve relatos que quando o(a) professor(a) é animado(a), anima a turma, quando incentiva e tem paciência, todos(as) participam mais. Afirmam que quando é bravo(a), acabam não participando por medo de errar e ouvir gritos, além disso, percebem quando ele(a) está com vontade de dar aula ou não.



Vemos que a postura do(a) professor(a) é analisada pelo(a) estudante e reflete em sua prática pedagógica. Quando se sentem contagiados e incentivados, acabam por priorizar a participação; quando são ignorados, se desinteressam. Um(a) estudante estimulado(a), que percebe o(a) professor(a) comprometido, acaba por ter mais interesse na aula. O estímulo facilita o processo de autonomia dos(as) estudantes e esse deve vir do(a) professor(a), facilitando a autonomia nas práticas de atividades físicas (RANGEL-BETTI, 1992).

Um estudo realizado por Darido (2004) com estudantes do 5.º, 7.º anos e 1.º do Ensino Médio mostrou que 6% relataram xingamento pelos(a)s professores(as) e 2,2% que o(a) docente exercia algum tipo de punição. Afirma a autora que a postura que envolve xingamentos tem diminuído ao longo dos anos, mas que a postura rígida ainda é presente e está sendo trocada por uma de acomodação. Também aponta que mais de 30% dos(as) estudantes do Ensino Médio relatam que os(as) professores(as) não cobram nada, o que evidencia uma postura acomodada e descompromissada com o processo de ensino e aprendizagem.

Para Souza, Leitão e Prodócimo (2016),

[...] observa-se que, as práticas tradicionais da Educação Física escolar esportivistas foram, em parte, substituídas por um esvaziamento de intencionalidades pedagógicas, e são caracterizadas pelas práticas nas quais não há intervenção do professor, em que os alunos estão livres para fazerem o que quiserem, sem conteúdo ou planejamento das aulas [...] (SOUZA; LEITÃO; PRODÓCIMO, 2016, p. 68).

Essas posturas geram situações discriminatórias, excludentes e de não participação. Nas aulas livres, a lei do mais forte ou do mais popular impera, sendo que este privilegia os colegas nos jogos em detrimento de outros(as) estudantes. As falas dos(as) estudantes não participantes evidenciaram que são alvo de risadas e chacota; passam por zoações e xingamentos; nunca são escolhidos; sofrem com cobranças por não executar com habilidade os movimentos, muitas vezes com gritos e palavrões; nunca possuem vez garantida de participar nos jogos e que, muitas vezes, o(a) professor(a) presencia essas situações, mas não executa nenhuma ação pedagógica para minimizar esses conflitos.

De acordo com Darido, González e Ginciene (2018), a formação dos times e a permanência dos vencedores acabam por aumentar o sentimento de insucesso dos estudantes que não são escolhidos primeiro, os quais acabam ficando em times mais



fracos e jogando menos tempo. Somando-se a isso, as situações constrangedoras durante a participação em uma jogada ou movimento não perfeito, faz com que os(as) mesmos(as) deixem de participar por se sentirem incapazes.

As interações durante as aulas de Educação Física são necessárias e é através delas que a afetividade e a interação social são permitidas e ocorrem de forma intensa (DARIDO *et al.*, 2001). Essas interações geram várias emoções que são vividas e sentidas de maneira diferente, o que é essencial para o aprendizado. Mas o comportamento excludente de muitos(as) estudantes que não possuem uma participação cooperativa, que zombam dos menos habilidosos, que provocam desentendimentos, fazem com que muitas outras pessoas deixem de participar e até mesmo não gostar das aulas de Educação Física (BETTI; LIZ, 2003).

Como apontado pelos(as) estudantes, tais constrangimentos não são provocados somente pelos colegas, mas, infelizmente, de uma forma mais grave, também pelo(a) professor(a).

As situações de exclusões, discriminações e constrangimento vem, muitas vezes, de quem deveria ensinar valores e atitudes de respeito mútuo, o que certamente colabora para as frustrações e prejudica o processo de ensino e aprendizagem. Essa relação professor(a) e estudante é apontada por Martins Junior (2000):

Muitas vezes, a necessidade de competência é perturbada pela incompetência, pela imaturidade e pela inacessibilidade, o que constitui um fechamento a comunicação; a necessidade de maturidade emocional e de comunicação professor-aluno é frustrada pela imaturidade do professor como pessoa e pela sua dificuldade de se comunicar com os alunos [...] (MARTINS JUNIOR, 2000, p. 111).

O(a) professor(a) deve ter a capacidade de trabalhar e interagir com os(as) estudantes, mostrar as diferenças, de forma a levar a compreensão de que todos têm suas habilidades e direitos. De acordo com Darido *et al.* (2001, p. 23), “o professor deveria mostrar aos alunos que todos estão na escola usufruindo do mesmo direito de educação e movimento e que nem por isso necessitam ser iguais”. Quando os(as) estudantes conseguem reconhecer os limites e possibilidades uns dos outros, surge o respeito mútuo e assim podem se expressar sem medo de serem ridicularizados. (DARIDO *et al.*, 2001).



Cabe ao(à) professor(a), segundo Guimarães *et al.* (2001, p. 20) “[...] ter atitude de tomar a iniciativa para poder proporcionar, situações, que, dentro de seu planejamento prévio, aproveitaria as oportunidades de educar, formar ou desenvolver valores e atitudes consideradas desejáveis”.

Situações de trabalho coletivo, cooperação e diálogo geram um maior conhecimento mútuo, que visa o bem-estar de todos e devem ser trabalhadas pelos(as) professores(as) (GUIMARÃES *et al.*, 2001).

De acordo com Martins Junior (2000) “[...] das principais influências que o professor exerce nos alunos, destaca-se a necessidade que o aluno tem de amor, compreensão e amizade, enquanto atitudes como agressividade e a prepotência, são consideradas frustração para o aluno” (p.111).

A tarefa de ensinar, socialmente atribuída ao(a) professor(a), é importante na formação dos estudantes, pois transmite valores, normas, padrões, comportamentos, quando essas interações e ensinamentos são permeadas por relações equilibradas e sadias que possibilitam um ambiente mais confortável, o que facilita o processo de ensino e aprendizagem (SOUZA; LEITÃO; PRODÓCIMO, 2016).

Como apontado pelos(as) estudantes dos 9.º anos, entre os motivos da não participação está a falta de sentido sobre o que é aprendido nas aulas de Educação Física, pois não acham relevante, existem matérias mais importantes, acreditam que deveriam escolher o que aprender e que não veem projetos futuros na Educação Física, que só faria sentido caso fossem se tornar profissionais da área.

Ao se aproximar do Ensino Médio, novas prioridades surgem e os(as) estudantes consideram que a Educação Física não vai acrescentar muito ao futuro, ao passo que se inicia o processo de vislumbrar uma profissão, o mercado de trabalho e, também, muitos nessa idade já começam a trabalhar para ajudar em casa ou prover seu próprio sustento. Então, ao se tornarem mais críticos, passam a entender que aulas livres, vazias de conteúdo, sem direcionamento, sem contextualização, além de serem chatas e desmotivadoras, passam a ser perda de tempo e atrapalham seus projetos futuros.

Darido (2004) observou um crescimento dos(as) estudantes que relatam não aprender nada nas aulas. A porcentagem de 2,3 no 5.º ano do EF salta para 13,7% no 1.º do EM. Ela acredita que isso se deve à percepção dos(as) estudantes que se tornam mais críticos ou a incapacidade e deficiência das escolas em lidar com os interesses de jovens, ou ambas as opções.



Assim, aulas livres, sem direcionamento e propósito, somados à falta de vontade de praticar atividades físicas, à preguiça e ao cansaço, à exclusão por parte dos(as) colegas, à vergonha, aos constrangimentos, às questões de gênero, a um maior uso dos celulares na escola e nas aulas são fatores que merecem atenção, pois essas ações desencadeiam atos e percepções, que levam ao processo de não participação.

Nas observações das aulas, pude notar que muitos(as) estudantes que não participavam, usavam fone de ouvido conectado ao celular. Esse comportamento foi visto em todas as escolas, tanto nas aulas práticas quanto nas teóricas e agravou-se na aula livre.

No 6.º ano, os(as) estudantes possuem um pouco de medo e acabam não utilizando ou guardam o aparelho com mais facilidade quando repreendidos pelo(a) professor(a), já no 9.º ano, o uso é mais recorrente.

Segundo Saueressig *et al.* (2015):

[...] o desenvolvimento tecnológico ocorrido nos últimos anos tem aumentado e facilitado o acesso pessoal aos dispositivos eletrônicos. O uso desses dispositivos (computadores, tablets, celulares e jogos eletrônicos) tem transformado o cotidiano dos adolescentes, tornando-se parte central em suas vidas, seja para fins de socialização, diversão, aprendizagem ou trabalho, ampliando o interesse dos adolescentes (SAUERESSIG *et al.*, 2015, p.129).

O que se percebe é um comportamento cada vez menos ativo e mais sedentário e esse comportamento pode estar vinculado ao uso abusivo desses aparelhos como está exposto nas análises de dados. Segundo Darido (2004), apesar dos(as) estudantes terem a prática esportiva como atividade preferida em todas as faixas etárias da sua pesquisa, ela percebeu, também, um aumento das atividades predominantemente sedentárias como assistir à TV, jogar videogame e usar o computador.

Darido (2004) salienta, ainda, que:

[...] se por um lado o avanço tecnológico tem contribuído para disponibilizar um maior número de informações e para oferecer um maior conforto a população, através de máquinas e equipamentos eletrônicos, e meios de locomoção, por outro lado esse fenômeno é responsável por um estilo de vida menos ativo e mais sedentário (DARIDO, 2004, p. 75).



O comportamento sedentário é compreendido por Lourenço *et al.* (2018):

[...] como qualquer atividade realizada durante o tempo acordado nas posições sentada, deitada ou reclinada e de demanda energética igual ou inferior a 1,5 METs²², e tem sido encarado como emergente comportamento de risco para a saúde de adolescentes (LOURENÇO *et al.*, 2018, p. 24).

“Existe alta prevalência de comportamentos de risco à saúde em crianças e adolescentes, dentre esses riscos se destacam os níveis insuficientes de atividade física” (SILVA *et al.*, 2009, p. 300) e isso ficou evidente na presente pesquisa, visto que, muito(as) estudantes preferem ficar sentados(as) conversando, observando ou usando os celulares a participar das aulas.

Esse excesso de utilização de dispositivos eletrônicos, tanto nas aulas quanto em casa, tem como consequência estudantes preguiçosos que se queixam cansaço e dores e, muitas dessas queixas, podem estar associadas ao comportamento sedentário e ao uso abusivo desses dispositivos. Afirmam Saueressig *et al.* (2015, p. 135) “nos países desenvolvidos é evidente que o tempo de uso de dispositivos eletrônicos é bastante elevado e aumenta o risco de dores musculoesqueléticas”.

Como visto, a facilidade de acesso a esses dispositivos aumenta a não participação nas aulas, por isso seu uso na escola deve ser ressignificado e repensado.

Os alunos possuem, na maioria das vezes, opinião formada sobre a Educação Física baseados em suas experiências pessoais anteriores. Se elas forem marcadas por sucesso e prazer, o aluno terá, provavelmente, uma opinião favorável quanto a frequentar a aula. Ao contrário, quando o aluno registrou várias situações de insucesso, e de alguma forma se excluiu ou foi excluído, sua opção será pelo afastamento das aulas ou a passividade perante as atividades (COSTA²³, 1997 *apud* DARIDO, 2004, p. 77).

O que ficou perceptível é que, às vezes, os(as) docentes ficam distantes, sem interação com os(as) estudantes e acabam por não compreender suas necessidades acerca da Educação Física. Assim, conhecer os reais interesses, planejar as aulas, diversificar os conteúdos, rever atitudes e proporcionar experiências que venham a

²² **MET** (do inglês “Metabolic Equivalent of Task”) é uma medida para estimar o custo energético da atividade física, independente do peso, em que 1 **MET** = 1 kcal/kg/h. É também conhecida como “energia normalizada”. Disponível em: <https://info.dacadoo.com/pt-br/f-a-q/o-que-significa-met/>. Acesso em: 14 mar. 2020.

²³ COSTA, C. M. Educação física diversificada, uma proposta de participação. *In*: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., São Paulo, 1997. **Anais** [...]. São Paulo: Escola de Educação Física e Esporte, 1997. p. 47.

ser significativas, são ações que podem contribuir para a diminuição da não participação.

A partir dos dados concluídos, nota-se que a não participação nas aulas de Educação Física ocorre por um conjunto de fatores e ela deixará de ser um problema quando professores(as), estudantes, gestores e escola assumirem a responsabilidade de seus papéis e buscarem juntos soluções para transformar a realidade apresentada.



6 CONSIDERAÇÕES

É notório que aquilo que antigamente era uma prática ou problema somente do Ensino Médio, passou a ser observado também no Ensino Fundamental II: a não participação nas aulas de Educação Física.

Partindo dessa problemática, elaboramos a seguinte pergunta: “Por que os(as) estudantes deixam de participar das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II?”. Com essa indagação, a presente pesquisa teve como objetivo identificar quais são os motivos que levam o(a) estudante a não participação das aulas do componente curricular Educação Física.

A não participação tem sido um tema investigado por diversos autores como Chicati (2000), Betti e Liz (2003), Darido (2004), Pereira e Moreira (2005), Albuquerque *et al.* (2009). Muitos elementos mencionados pelas pesquisas realizadas e citadas anteriormente também foram confirmados nesse estudo.

A partir dos dados e análises, elaboramos três categorias temáticas que nos ajudam a compreender a não participação.

Quanto à categoria “Dispositivos Eletrônicos e Sedentarismo”, apontamos o uso indiscriminado do celular pelos(as) estudantes que não participam das aulas. Além disso, os dados revelaram que eles(as) faziam um uso excessivo desse dispositivo e da televisão em suas casas até altas horas da madrugada, o que provoca cansaço, conseqüentemente, a preguiça e a falta de disposição para participar das aulas. Fato é que esse comportamento sedentário está muito presente no cotidiano dos(as) estudantes que também afirmaram não gostar de atividades físicas. A pesquisa não conseguiu inferir se é a facilidade com que o celular pode ser usado nas aulas que leva os(as) estudantes a não participarem ou se o dispositivo é usado devido à falta de interesse e de motivação com os conteúdos ensinados. Esse é um dado que precisa ser investigado mais profundamente. Compreendemos que o uso de celular deve ser ressignificado na escola e, principalmente, nas aulas de Educação Física. Sabemos que o aprendizado das novas tecnologias pode trazer muitos benefícios para a Educação, mas é preciso que sejam traçados objetivos para essa utilização e com responsabilidade e criatividade, o celular pode ser aproveitado de forma benéfica para todas as pessoas envolvidas em processo educativo.

Na categoria “Gênero”, identificamos que a não participação das meninas é maior e vários foram os motivos apontados por elas como não se sentirem



confortáveis devido a exposição de seus corpos; conteúdos considerados repetitivos e “masculinos”; medo e insegurança causados pela falta de habilidade; o comportamento excludente e, muitas vezes, agressivo por parte dos colegas e, em alguns momentos, dos(as) professores(as) e o não reconhecimento de seus esforços. As meninas precisam ser respeitadas, sem discriminações, precisam ter a segurança para arriscarem mais, ousarem mais e isso não pode ser negado a elas ou negligenciado pelos(as) professores(as). Um ponto que se faz relevante é a investigação do porquê alguns meninos também não participarem da aula. Apesar de ser em número inferior, este fator necessita ser analisado com mais atenção.

Também se torna urgente discutir sobre gênero, feminilidades e masculinidades, refletir sobre atitudes, comportamentos e valores que se apresentam enraizados em nossa sociedade, conseqüentemente, na escola, e analisar como esses elementos afetam o entendimento e a percepção que temos sobre corpo, práticas corporais e Educação Física.

Na categoria “Práticas Pedagógicas e Conteúdos”, pudemos compreender que os conteúdos repetitivos, as aulas livres e sem planejamento não incentivam a participação e provocam uma desvalorização do componente curricular. Como visto na análise, no 9.º ano há um questionamento sobre a importância da Educação Física por parte dos(as) estudantes, visto que não veem sentido e significado no que é ensinado, bem como, uma disassociação do componente curricular com seus projetos futuros. A postura do(a) professor(a) e sua prática pedagógica também afastam o(a) estudante que muitas vezes se vê excluído(a), discriminado(a) tanto por seus colegas como pelo(a) próprio(a) professor(a). Foi perceptível uma troca de papéis, na qual, em muitas situações, os(as) estudantes escolhiam o que iam fazer e a forma que se organizariam. Já a função dos(as) professores(as) se resumia em fornecer os materiais, verificar o tempo, apitar o jogo, fazer a chamada e controlar alguns desentendimentos. Esses papéis invertidos levam a uma Educação Física que não funciona, a uma aula sem contextualização e fria de aprendizado. Há a necessidade de se entender os diferentes papéis entre os(as) professores(as) e os(as) estudantes, caso contrário, sempre teremos uma lacuna a ser preenchida.

Ressaltamos que, de acordo com os estudos de Darido (2004), Pereira e Moreira (2005), a Educação Física é vista como o componente curricular que gera mais satisfação pelos(as) estudantes, mas no quesito importância, ela fica entre as últimas, o que foi confirmado através dos dados desta investigação. Precisamos estar



mais atentos à participação do(a) estudante, entendê-lo(a), compreendê-lo(a) em suas necessidades e em suas limitações; precisamos rever nossas responsabilidades de professores(as) comprometidos(as) com a Educação Física, assim, quem sabe, poderemos igualar o nível de importância ao nível de prazer. E esse prazer deve ser construído e ressignificado a cada ano, a cada novo ciclo.

Acreditamos que são várias as oportunidades que temos para diminuir e superar a não participação. Uma delas diz relação a uma atitude mais cuidadosa do corpo docente no que diz respeito ao planejamento, às estratégias, à diversificação de seus conteúdos e uma postura mais comprometida e respeitosa com os(as) estudantes. Outra tem relação com o(a) estudante ser conscientizado(a) de seu papel dentro da aula, da escola e da sociedade e essa responsabilidade cabe à comunidade escolar como um todo. Ele(a) necessita se reconhecer como aprendiz e também ser incentivado(a), olhado(a) e respeitado(a), pois se sentindo mais seguro(a), talvez seja capaz de se arriscar mais, sem se sentir constrangido(a) e/ou discriminado(a). E por último, entendemos que a escola, gestão, secretarias e diretorias de ensino devem investir na formação continuada do(a) professor(a) que merece ser visto(a), escutado(a), atendido(a) em suas necessidades e também respeitado(a).

Compreendemos que este fato é complexo e demanda uma força de vontade de várias instituições sociais. Cada situação deve ser analisada e dialogada pela gestão escolar, corpo docente e discentes, levando em consideração as características de cada turma e de cada estudante, para que assim seja possível diminuir a não participação que vem, cada dia mais, enchendo as arquibancadas e arredores da quadra.

Pensamos ser fundamental que sejam feitos outros estudos dentro dessa temática para que possamos compreender cada vez mais os motivos da não participação tanto na perspectiva do(a) estudante quanto na do(a) professor(a), pois todos têm sua responsabilidade dentro dessa problemática.

Esperamos ter ofertado nossa parcela de contribuição tendo, através dessa pesquisa, instigado as comunidades escolares a analisar seus contextos e buscar soluções que possam minimizar essa realidade da não participação nas aulas de Educação Física.



REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Igor Valença de *et al.* Dificuldades encontradas na Educação Física Escolar que influenciam na não-participação dos alunos: reflexões e sugestões. **Revista Digital**, Buenos Aires, Año 14, n.136, set. 2009. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd136/dificuldades-encontradas-na-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 15 out. 2019.
- ALDEMAN, Mirian. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v11n2/19131.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 320 p.
- BARBOSA, Eduardo F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais**. Educativa: Instituto de Pesquisa e Inovações Educacionais, 1998. Disponível em: http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: Esporte, televisão e Educação Física**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998 (Coleção Fazer/Lazer).
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.
- BETTI, Mauro; LIZ, Marlene Terezinha Facco. Educação Física Escolar: a perspectiva de alunas do ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/08MBetti.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- BETTI, Mauro. **Educação Física Escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2009. 344 p. (Coleção Educação Física).
- BORDENAVE, Juan Enrique Díaz. **O que é participação**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 84 p.
- BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física-uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2635>. Acesso em 17 jun. 2019.
- BRANDOLIN, Fábio; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A Percepção dos alunos sobre a Educação Física no Ensino Médio. **Revista Educação Física/UEM**, v. 26, n. 4, p. 601-610, 4. trim. 2015. Disponível em:



www.scielo.br/pdf/refuem/v26n4/1983-3083-refuem-26-04-00601.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

BRASIL, Decreto-lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941 artigo 54. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial [da] União**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1941. Seção 1, p. 7452 (Retificação). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 13 fev. 2020.

BRASIL, Decreto n.º 69405 de 01 de novembro de 1971. Estabelece a Educação Física concebida como atividade. **Lex**: coletânea de legislação: edição federal, Brasília, 1971. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm. Acesso em: 13 fev. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 5692/71 de 11 de agosto de 1971. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128525/lei-de-diretrizes-e-base-de-1971-lei-5692-71>. Acesso em: 21 fev. 2020.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física**, 3.º e 4.º ciclos, v. 7, Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf. Acesso em: 21 fev. 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio - Parte I** Brasília, MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, set. 2000. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/revista-educacao-fisica-uem-2000-n1-v11/>. Acesso em 30 nov. 2019.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 67-80, set./dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.14572/nuances.v24i3.2698>. Acesso em: 08 fev. 2020.

DARIDO, Suraya Cristina *et al.* A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://files.cursoeducacaofisica.webnode.com/200000047-421dd43179/PCNS%20E%20A%20EDUCAÇÃO%20FÍSICA.pdf>. Acesso em: 12. jun. 2019.



DARIDO, Suraya Cristina. A Educação Física na Escola e o processo de formação dos não praticantes de atividades física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**; São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551>. Acesso em: 28 set. 2019.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na Escola: conteúdos, suas dimensões e significados. *In*: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, p. 51-75, 2012. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2019.

DARIDO, Suraya Cristina; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; GINCIENE, Guy. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138389/mod_resource/content/1/index.html#. Acesso restrito. Acesso em: 06 nov. 2019.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Maria Aparecida Pereira. **Análise Qualitativa e Análise Quantitativa em pesquisa científica**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso restrito. Acesso em: 24 ago. 2019.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; SANTOS, Maria Aparecida Pereira; COTTA, Maria Amélia de Castro. **Instrumentos e técnicas de pesquisa**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso restrito. Acesso em: 24 ago. 2019

FONTANA, Roseli A. Cação. O Corpo Aprendiz. *In*: CAVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia (org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 41-52.

GALVÃO, Zeneide; RODRIGUES, Luiz Henrique; NETO, Luiz Sanches. Cultura Corporal do Movimento. *In*: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (org.). **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 25-36.

GAYA, Adroaldo. **Mais afinal, o que é Educação Física. Movimento** (ESEFID/UFRGS), v. 1, n. 1, p. 29-34, 1994. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2012/15398>. Acesso em: 21 nov. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. *In*: MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80



GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Educação Física Escolar: entre o "rola bola" e a renovação pedagógica.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138386/mod_resource/content/3/index.html. Acesso restrito. Acesso em: 2 nov. 2019.

GUIMARÃES, Ana Archangelo *et al.* **Educação Física Escolar: Atitudes e valores.** **Motriz**, v. 7, n. 1, p. 17-22, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n1/Guimaraes.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2019.

IMPOLCETO, Fernanda Moreto; DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138388/mod_resource/content/1/index.html. Acesso restrito. Acesso em: 28 nov. 2019.

JACO, Juliana Fagundes. **Educação Física escolar e gênero: diferentes maneiras de participar das aulas.** Orientadora: Helena Altmann. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/275040>. Acesso em: 25 nov. 2019.

KUNS, Eleonor. **Transformação didático pedagógica do esporte.** 6. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática e trabalho docente: a mediação do professor nas aulas.** Goiânia: PUC Goiás, 2018. (Trata-se de material de apoio da Disciplina Teorias da educação e processos pedagógicos (NEE0041), publicado no site do docente.). Disponível em: <https://goo.gl/ipTt8h>. Acesso em: 15 set. 2019.

LOURENÇO, Camilo Luis Monteiro *et al.* Comportamento sedentário em adolescentes: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 3, p. 23-32, 2018. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/6929> Acesso em: 16 fev. 2020

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 1. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. O Professor de Educação Física e a Educação Física Escolar: como motivar o aluno? **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 11, n. 1, p. 107-117, 2000. Disponível em: www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3805/2617. Acesso em: 18 set. 2019.



MERIDA, Marcos *et al.* Educação Física no Ensino Médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 13-19, 2006. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1288>. Acesso em: 5 out. 2019.

MINAYO, Maria Cecília Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf. Acesso em: 13 nov. 2019.

MONTENEGRO, Eduardo; MONTENEGRO, Patricia Ayres. Ética e docência na Educação Física. In: TOJAL, João Batista; COSTA, Lamartine Pereira da; BERESFORD, Heron (org.). **Ética profissional na Educação Física**. Rio de Janeiro: Shape: CONFEF, 2004. p. 257-268. Disponível em: https://www.listasconfef.org.br/arquivos/publicacoes/etica/livro_etica.pdf. Acesso em: 07 out. 2019

MOREIRA, Evando Carlos. **Pensando e planejando a Educação Física Escolar**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: http://www.concoce.xpg.com.br/trabalhos/seminarios/pensando_e_planejando_a_educacao_fisica_escolar.pdf. Acesso restrito. Acesso em: 10 dez. 2019.

MOREIRA, Evando Carlos; PEREIRA, Raquel Stoilov. **Educação Física Escolar: desafios e propostas**. 2. ed. reimpressão. Várzea Paulista - SP: Fontoura, 2011.

MOREIRA, Evandro Carlos. Características, importância e contribuições da ação de planejar para a Educação Física Escolar. In: MOREIRA, Evandro Carlos (org.). **Educação Física Escolar: desafios e propostas** 1. 2. ed. Jundiaí - SP: Fontoura, 2009. p. 43-54. Disponível em: <https://goo.gl/JhKSsT>. Acesso em 12 out de 2019.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. **Educação Física, escola e cultura: o enredo das diferenças**. Orientador: Jocimar Daolio. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/274916/1/Oliveira_RogérioCruzde_M.pdf. Acesso em: 12 fev. 2020.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evandro Carlos. A Participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista da Educação Física/ UEM**. Maringá, v.16, n. 2, p.121-127, 2.º sem. 2005. Disponível em: www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3381/2427. Acesso em: 21 out. 2019.



RANGEL, Irene Conceição Andrade, *et al.* Os Objetivos da Educação Física na Escola *In:* DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (org.). **Educação Física na Escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 37-49 (Educação Física no Ensino Superior).

RANGEL-BETTI, Irene Conceição. **O prazer em aulas de Educação Física Escolar:** a perspectiva discente. 1992. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas. Disponível em: repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/274846/1/Betti_IreneConceicaoRangel_M.pdf. Acesso em: 19 nov.2019.

SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. *In:* ADELMAN, Miriam; SILVESTRIN, Celsi Brönstrup (org.). **Coletânea gênero plural.** Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 33-46.

SANCHES NETO, L. & BETTI, M. Convergência e integração: uma proposta para a educação física de 5.^a a 8.^a série do Ensino Fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 5-23, jan./mar. 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-514141>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SAUERESSIG, Ingrid Becker *et al.* Prevalência de dor musculoesquelética em adolescentes e sua associação com o uso de dispositivos eletrônicos. **Revista Dor.** São Paulo, v. 16, n. 2, p. 129-35, abr./jun. 2015; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdor/v16n2/1806-0013-rdor-16-02-0129.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SILVA, Diego Augusto Santos *et al.* Nível de atividade física e comportamento sedentário em escolares. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 11, n. 3, p. 299-306, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACA/O_FISICA/artigos/Nivel_at_fisica_comportamento_sedentario.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

SILVA, Elaine Cristina; MOREIRA, Evandro Carlos. **Planejando o trabalho docente.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle>. Acesso restrito. Acesso em: 11 out. 2019.

SILVA, Elaine Cristina; MOREIRA, Evandro Carlos; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. **Objetivos e conteúdos para o ensino e aprendizagem da Educação Física na Escola.** São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec]. 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/143104/mod_resource/content/1/index.html. Acesso restrito. Acesso em 11 out. 2019.

SILVEIRA, Denie Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. *In:* GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa.** 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-43. Disponível em:



<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira. **Educação Física Escolar e a questão de gênero**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec]. 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138391/mod_resource/content/2/index.html. Acesso restrito. Acesso em: 6 out. 2019.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas coeducativas em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 143-151, set./dez. 2003. Disponível em: www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1009. Acesso em: 07 out. 2019.

SOUZA, Aline Santos; LEITÃO, Arnaldo; PRODÓCIMO, Elaine. Práticas Educativas de Professores de Educação Física do Ensino Fundamental e sua relação com a Teoria dos estilos parentais. **Conexões**. Campinas - SP, v. 14, n. 1, p. 66-86, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/conex.v14i1.8644767>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SOUZA, Érica Renata de. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cad. Pagu** [online], n. 26, p. 169-199, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332006000100008>. Acesso em: 18 fev. 2020.

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quanti-quali: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na perspectiva em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29099>. Acesso em: 30 nov. 2019.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: Para uma formação cultural da infância e juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 25-42, set. 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930>. Acesso em: 08 out. 2019.



APÊNDICES

APÊNDICE A – Carta de Apresentação de Projeto de Pesquisa

À Diretoria de Ensino da Região de Itararé

Assunto: **Apresentação de Projeto de Pesquisa**

Eu, Ana Laura Bereta de Godoi, professora e mestranda da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus de Bauru, apresento o projeto de pesquisa “A perspectiva dos estudantes sobre a não participação nas aulas de Educação Física”.

A pesquisa tem como objetivo analisar os motivos que dão início ao processo de não participação dos(as) estudantes do Ensino Fundamental II nas aulas de Educação Física. Para tal, o projeto vai:

- Verificar, através da revisão da literatura, quais são os autores que pesquisaram sobre a não participação dos(as) estudantes nas aulas, de uma forma geral e, especificamente, nas aulas práticas de Educação Física;
- Averiguar quais são os fatores que desencadeiam a não participação dos(as) estudantes nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II;
- Analisar e discutir os dados levantados sobre a não participação dos(as) estudantes nas aulas de Educação Física.

Espera-se que os resultados da pesquisa sirvam de subsídio para a compreensão dos motivos, possibilitando a reflexão e a busca por estratégias de enfrentamento desta problemática.

As informações a serem oferecidas para o pesquisador não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Além disso, durante ou depois da pesquisa é garantido o anonimato de tais informações.

A pesquisa será orientada pela Prof.^a Dr.^a Andresa Souza Ugaya, docente do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade Estadual Paulista de Bauru e ao Núcleo de Educação à Distância da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – NEAD/UNESP.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos.

ANA LAURA BERETA DE GODOI
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF



APÊNDICE B – Termo Consentimento Livre e Esclarecido

Bom Sucesso de Itararé, ____ de _____ de 2019.

Prezado responsável,

Essa pesquisa chamada “A Perspectiva dos(as) Estudantes sobre a não participação nas aulas de Educação Física” será desenvolvida pela pesquisadora no curso de Mestrado Profissional em Rede PROEF da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Bauru sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya. O objetivo deste estudo é levantar os principais motivos que levam os alunos a não participar das aulas de Educação Física.

Para a coleta de dados, será utilizado de um questionário com questões que serão respondidas pelos(as) alunos(as). Também serão realizadas observações das aulas em que os(as) estudantes participam durante o período de dois meses e posteriores ações pedagógicas. O uso dos dados coletados é exclusivamente acadêmico e científico e, durante todo o processo, o nome do(a) seu(sua) filho(a) será mantido em sigilo. Os riscos a que estarão submetidos nesta pesquisa corresponde a se sentir intimado ou constrangido; ser exposto a alguma situação constrangedora; chateações; quedas, torções, choques físicos e lesões.

A participação nessa pesquisa não envolve nenhum tipo de pagamento ou ressarcimento para os (as) participantes e seus responsáveis. Esclareço ainda que, a participação é voluntária, não sendo obrigatório o fornecimento de informações ou colaboração com as atividades solicitadas pela pesquisadora. O(a) estudante pode deixar de colaborar a qualquer momento que desejar, não sofrendo nenhum tipo de constrangimento.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados da pesquisadora responsável, o que facilitará os esclarecimentos que considere necessário em qualquer etapa do estudo.

Eu _____
_____, RG n.º _____, declaro o meu consentimento para meu(minha) filho(a) _____ a participar da pesquisa aqui apresentada, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura do responsável

Pesquisadora Responsável: Prof.^a Ana Laura Bereta de Godoi
Contatos: beretalaura@hotmail.com / (15) 98104-2798
Assinatura: _____

Comitê de Ética – Unesp Bauru
cepesquisa@fc.unesp.br (14) 3103-9400



APÊNDICE C – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Bom Sucesso de Itararé, ____ de _____ de 2019.

Prezado(a) Estudante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa sobre “A perspectiva dos(as) estudantes sobre a não participação nas aulas de Educação Física”. Neste estudo pretendemos levantar quais são os motivos que você reconhece como fatores de afastamento e não participação nas aulas, sendo assim sua participação é muito importante.

Para o levantamento de dados, utilizaremos de um questionário que será entregue a você para que responda a questões relativas as aulas de educação física. Também serão realizadas observações das suas aulas o período de durante dois meses. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo professor-pesquisador. Seu nome será mantido em sigilo.

Para participar deste estudo, seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum gasto e nem receberá qualquer vantagem financeira. Será esclarecido em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se, bem como, seu responsável poderá retirar o consentimento da sua participação a qualquer momento.

Os riscos a que estará submetido nesta pesquisa corresponde a se sentir intimado ou constrangido; ser exposto a alguma situação constrangedora; chateações; quedas, torções, choques físicos e lesões. Você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do(a) menor

Pesquisadora Responsável: Prof.^a Ana Laura Bereta de Godoi
Contatos: beretalaura@hotmail.com / (15) 98104-2798

Assinatura: _____
Comitê de Ética – Unesp Bauru
cepesquisa@fc.unesp.br (14) 3103-9400



APÊNDICE D – Questionário Final

Escola: _____
Nome: _____
Idade: _____
Gênero: _____

1) Assinale em qual ano do Ensino Fundamental você está matriculado?
() 6.º ano () 7.º ano () 8.º ano () 9.º ano

2) O que você já aprendeu nas aulas de Educação Física?

3) O que você pensa sobre as aulas de Educação Física na sua formação?

- () muito importante
() importante
() pouco importante
() não importante
() não sei

Por quê?

4) Você participa das aulas de Educação Física?

- () sim () não () às vezes () nunca

Por quê?

5) O que faz você querer participar das aulas de Educação Física?

6) O que faz você não querer participar das aulas de Educação Física?

7) Você acha que os lugares e os materiais da Educação Física são/estão adequados para as aulas?

sim não mais ou menos não sei

E o que você pensa sobre os lugares e os materiais para a aula de EF?

8) Durante as aulas, você já presenciou situações de preconceito? (gênero, habilidades, tipo físico, deficiência, etc.).

sim não às vezes nunca

Se sim, o que você pensa sobre isso?

Já aconteceu com você? Se sim, isso fez você deixar de participar das aulas? Por quê?

9) Você considera que a atitude do(a) professor(a) em motivar o(a) aluno(a) influencia na participação em aula?

() sim () não () às vezes

Fale o que você pensa a respeito.

10) Você percebe se o(a) professor(a) de Educação Física planejou a aula?

() sim () não () às vezes () nunca

Quais são os elementos que te levam a ter essa opinião?

Você considera que o planejamento das aulas deve ser feito pelo(a) professor(a)?
Por quê?

11) Você se sente bem nas aulas de Educação Física?

() sim () não () às vezes () nunca

Obrigada pela colaboração!!!!

APÊNDICE E – Roteiro de observação de aula

Pesquisadora responsável: Mestranda Prof.^a Ana Laura Bereta de Godoi

Escola: _____

Docente: _____

Data: ___/___/___

Ano: _____

Total de Alunos	Participantes	Não-participantes	Desistentes

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO
Como é o início da aula? <ul style="list-style-type: none">- Cumprimenta? (bom dia, boa tarde?)- Na sala, pátio, quadra?- O que o professor faz/fala; o que os alunos fazem?- Explica o que vai acontecer?
Conteúdo <ul style="list-style-type: none">- Qual o conteúdo?- Relação professor e conteúdo? (conhecimento; relações com o cotidiano, etc.)- Relação alunos e conteúdo? (gostam; se sentem motivados; reclamam, etc.)
Didática <ul style="list-style-type: none">- Planejamento- Organização- Estratégias- Atitudes e comportamentos- Materiais e espaços
Interação <ul style="list-style-type: none">- Professor e alunos?- Alunos e alunos?
Situações de exclusão <ul style="list-style-type: none">- Preconceitos- Discriminações- <i>Bullying</i>- Machismo- Professor solicita/tira da aula- Autoexclusão- Outras observações



APÊNDICE F – Diário de Campo

As anotações são parte das descrições e percepções da pesquisadora sobre as observações e foram registradas conforme o andamento da aula, levando em conta os critérios do roteiro de observação. Os(as) alunos(as) não participantes foram identificados(as) como aqueles(as) que, em nenhum momento da aula, participaram das atividades propostas.

Diário de Campo I - 24/09/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 35

Total de participantes: 29

Não Participantes: 6 (1 menino e 5 meninas)

A aula iniciou em sala, os(as) alunos(as) estavam agitados(as) e queriam aula prática. O professor entrou e cumprimentou os(as) alunos(as); durante a chamada a sala conversava bastante e o professor chamou a atenção várias vezes. Após a chamada, pediu para os(as) alunos(as) descerem pra quadra, não houve um direcionamento sobre o que iam realizar lá. Após os(as) discentes descerem, o professor desceu e buscou duas bolas, uma de vôlei e outra de futsal e os(as) alunos(as) vieram perguntar se a aula era livre, como se já estivessem acostumados; o professor falou que a aula era livre. A aula se desenvolveu como aula prática, livre, futsal e vôlei, sem direcionamento. Os(as) alunos(as) se organizaram conforme interesse e muitos(as) mudavam de atividades durante a aula: ora futsal, ora vôlei, não havia uma constância. Cerca de seis aluno(as) não participaram, sendo 5 meninas e 1 menino; ficaram na arquibancada, às vezes mexiam no celular ou conversavam entre si. As meninas se mostravam bem desanimadas com o que estava acontecendo. O professor não pediu a participação dos(as) alunos(as) que estavam sentados(as), apenas ficou observando as atividades e controlando o tempo, assim não houve uma contextualização. Durante o futsal, houve desentendimento entre os(as) alunos(as) que estavam jogando, devido ao fator habilidade e o professor olhou



a discussão, mas não falou nada, manteve-se quieto, observou o jogo de vôlei e corrigiu alguns movimentos de algumas meninas. Houve risada dos colegas, mas nenhuma atitude foi tomada. Houve situações de discriminação, desentendimentos, autoexclusão, não houve contextualização nem planejamento anterior. Ao bater o sinal, o professor recolheu o material e os(as) alunos(as) subiram para sua sala.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 28

Total de participantes: 21

Não Participantes: 7 (5 meninas e 2 meninos)

A aula iniciou na sala, os(as) alunos(as) esperavam o professor sentados(as), assim que ele chegou, o mesmo cumprimentou os(as) alunos(as) e falou que a aula iria ser prática. Os(as) discentes comemoraram e pediram pra ser aula livre; o professor não respondeu na hora e se pôs a fazer a chamada. Os(as) alunos(as) estavam conversando entre si, após a chamada o professor os(as) liberou para descerem na quadra e depois, pegou o material enquanto que os(as) alunos(as) já estavam na quadra correndo e outros(as) já estavam sentados(as). O professor chegou com a bola, distribuiu e falou para os(as) que estavam sentados(as) que eles(as) tinham que participar. O desenvolvimento ocorreu como aula livre, sem atividades dirigidas. O professor fez chamada e os(as) alunos(as) desceram a quadra, houve futsal, voleibol, 7 estudantes não participaram sendo 5 meninas e 2 meninos, mesmo o professor cobrando a participação, os(as) mesmos(as) se negavam a participar. Alguns colegas vinham convidar pra jogar, porém mesmo assim não iam. Alguns colegas que estavam jogando achavam ruim dos(as) outros(as) não participarem e reclamavam, até xingavam os(as) que estavam sentados(as). O professor interferiu nesse xingamento repreendendo o aluno e permaneceu ao lado da quadra observando os(as) que jogavam vôlei e futsal e conversava com os(as) alunos(as) participantes, mas não dirigiu nem contextualizou a aula. Os meninos e meninas que estavam sentados observavam a aula e conversavam, todavia não mostravam interesse em participar; 1 menina estava com celular, o professor pediu pra guardar, a mesma não gostou mas guardou. Alguns(as) alunos(as) mudavam de



atividade e às vezes ficavam sentados(as) um pouco e depois voltavam a participar, foram constatadas situações de discriminação, xingamento; os(as) alunos(as) que estavam em quadra estavam descontentes, pois faltava aluno pra completar o time e por isso xingavam quem estava de fora e não queria participar, fato que comprovou a autoexclusão. Ao bater o sinal, o material foi recolhido e o professor falou que a próxima aula ia ser teórica e liberou os(as) alunos(as) para voltar a sala, não houve contextualização a aula foi livre.

Diário de Campo II - 27/09/2019 - Sexta-Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professora D

Horário de início: 09h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 35

Total de participantes: 27

Não Participantes: 8 (5 meninas e 3 meninos)

A aula iniciou com a professora esperando os(as) alunos(as) chegarem na sala (sala ambiente), durante esse tempo a mesma ficou conversando com os(as) discentes que se faziam presentes; os(as) alunos(as) que chegavam iam se sentando, observei que a maioria estava com celular e fone de ouvidos. Após todos chegarem, a professora iniciou a chamada, os(as) estudantes continuavam com celular e fones de ouvido, após a chamada alguns(as) alunos(as) perguntaram se era prática e a professora confirmou que a aula era prática. Os(as) alunos(as) já foram abrindo o baú e pegando o material e a professora falou que era para os(as) mesmos(as) levarem as bolas para quadra, após todos(as) saírem, ela fechou a sala, muitas meninas pareciam cansadas, com sono e apáticas. Assim que chegaram em quadra, a mesma foi dividida pelos alunos com futsal, vôlei e basquete no mesmo local, a professora liberou o material e ficou ao lado na arquibancada observando e controlando as situações que ocorriam, os(as) alunos(as) se dividiram entre basquete, vôlei e futsal, circulavam entre as três atividades, às vezes iam conversar com quem estava sentado, havia muita descontração entre eles, não participaram da aula 5 meninas e 3 meninos, os(as) mesmos(as) ficaram na arquibancada com fones de ouvido, conversando e escutando música, às vezes riam do que acontecia em quadra, a



professora tentou incentivá-los a participar, mas não obteve sucesso. Observei que na aula não houve um planejamento, nem direcionamento das atividades, o relacionamento professor e aluno esteve presente de forma tranquila e sem muitas cobranças, no comportamento aluno e aluno não foram percebidas situações de discriminação, preconceitos, entre outros, somente a autoexclusão. Ao final, a professora recolheu os materiais e os(as) alunos(as) se dirigiram a outra sala, não houve uma discussão final nem preparação para próxima aula, somente o sinal e os(as) estudantes que estavam participando ficaram chateados(as) de ter terminado a aula e os(as) que não participavam foram embora indiferentes.

Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30min - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 33

Total de participantes: 26

Não Participantes: 7 (5 meninas e 2 meninos)

A aula iniciou em sala, os(as) alunos(as) estavam conversando e esperando a professora; assim que ela chegou, cumprimentou-os(as), alguns responderam e perguntavam o que seria a aula (prática ou teórica); a mesma respondeu que eles(as) iriam para a quadra, mas não deu detalhes da aula, houve uma alegria geral. Após a chamada, os(as) alunos(as) foram para quadra em fila. Na quadra, se organizaram, enquanto a professora pegava o material, uma bola de futsal e uma de vôlei. A aula se desenvolveu com conteúdo livre, futsal, não houve direcionamento e os(as) estudantes apenas se juntaram conforme interesse, a professora, simplesmente apitou o jogo e marcou o tempo entre as equipes, (7) alunos não participaram sendo (2) meninos e (5) meninas, durante o decorrer da aula algumas meninas jogaram vôlei em um canto da quadra e se revezaram com os meninos no futsal. Havia uma motivação maior por parte dos meninos. A professora, durante a aula, conversou com os(as) alunos(as) de forma descontraída. Os meninos dominaram o espaço da quadra e reclamavam quando a bola de vôlei entrava na quadra de futsal. As meninas do vôlei reclamaram do lugar onde estavam jogando para professora e esta falou que não tinha outro lugar. As meninas ficaram desanimadas, às vezes brigavam com os meninos, quando os mesmos brigavam com elas, devido a bola de vôlei ir para quadra de futsal,



a professora olhava mas não intervinha. Alguns alunos mudavam de atividade entre futsal e vôlei ou sentavam um pouco na hora que seu time saia do jogo. Os(as) alunos(as) que estavam sentados e não participaram em nenhum momento da aula, ficaram conversando no canto da quadra, não prestaram atenção. Outros(as) entravam e saíam da atividade iam conversar com eles, alguns meninos que estavam jogando pediram para que os que estavam sentados entrassem para jogar, mas sem sucesso. A interação dos(as) alunos(as) entre si era de amizade e diversão, houve no início na escolha dos times de futsal uma pequena discussão sobre que time ia ficar as meninas, pois o time “mais forte” não queria que as meninas participassem a professora interveio e as meninas que queriam jogar futsal foram encaixadas nos times. Após esse desentendimento a aula continuou em um clima de descontração entre os alunos. A aula foi livre aparentemente sem planejamento, sem estratégias, houve (7) alunos que não participaram em nenhum momento da aula, os meninos ficaram conversando entre si e as meninas ficaram conversando sentadas ou deitadas no chão, davam risadas, andavam de um lado para o outro, mas em nenhum momento, mesmo a professora pedindo a participação delas, elas não entraram. A professora não ficou insistindo, só falou que quem não participasse não teria ponto, A aula continuou com futsal e as trocas de times até o final e alguns alunos batendo bola de vôlei no canto. Ao som do sinal, os(as) alunos(as) retornaram à sala, não houve conversa final nem contextualização do que fizeram em aula, a autoexclusão se fez presente.

Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B1

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 36

Total de participantes: 36

Não Participantes: 0

A aula iniciou em sala, o professor entrou estavam todos(as) os(as) alunos(as) conversando, ele os (as) cumprimentou e pediu silêncio para fazer chamada. Eles (as) ficaram em silêncio rapidamente o que me chamou a atenção, após a chamada o professor falou que a aula ia ser teórica, os(as) alunos(as) ficaram decepcionados e reclamaram, mas o professor em um tom mais ríspido, confirmou a teoria, pediu



silêncio, Nesse momento, percebi que a turma ficou meio intimidada. O desenvolvimento culminou em aula teórica em sala, professor trabalhou o conteúdo de ginástica rítmica, explicando oralmente na sala, fez perguntas para os(as) alunos(as), quando um(a) deles(as) fazia graça ou conversava demais atrapalhando o professor, era advertido(a) imediatamente e a sala voltava ao silêncio. Após as explicações e perguntas, o professor pediu para os(as) alunos(as) respondessem as questões do caderno do aluno. Aparentemente a aula foi planejada e organizada, os(as) estudantes quase não conversavam entre si, o professor manteve uma postura firme e rígida quanto ao silêncio e à atenção, percebi que muitos(as) alunos(as) tinham medo de conversar ou falar e serem repreendidos(as), quando um colega era repreendido, havia um ar de risada da turma e o professor quando percebia chamava a atenção no geral. A aula terminou com os(as) alunos(as) preenchendo as atividades no caderno e os que terminavam levantavam a mão para mostrar ao professor. Ao final, o professor se despediu, um aluno perguntou sobre a próxima aula, o mesmo falou que iria ser prática, porém só iria quem terminasse e assim terminou a aula, assim que o professor saiu, todos(as) começaram a conversar alto e andar pela sala.

Ano: 9.º A/EC

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min - **Horário Final:** 16h10min

Total de Alunos(as): 31

Total de participantes: 27

Não Participantes: 4 (1 menino e 3 meninas)

A aula iniciou com a professora esperando os(as) alunos(as) voltarem do intervalo, demoravam pra entrar, enquanto eles(as) chegavam, ela fazia a chamada e os cumprimentava e repreendia por demorarem, durante a chamada, os(as) estudantes estavam de pé e conversando, após todos chegarem, ela pediu silêncio e falou que a aula iria ser na quadra, Os(as) alunos(as) ficaram eufóricos, aula iniciou em quadra sem direcionamento, eles(as) se organizaram e jogaram futsal, 1 menino não participou, 4 entravam e saíam das atividades, e 3 meninas ficaram só na arquibancada conversando, não houve por parte da professora uma proposta de atividades, apenas controlou o tempo e material. O menino que estava na arquibancada é cardíaco e não faz aula, os outros meninos que participavam da aula



às vezes saiam um pouco e iam conversar com ele, depois voltavam jogar, o menino ficou o tempo todo no celular, as meninas ficaram também no celular e não prestaram atenção na aula. A professora tentou convidá-las para participarem de algo, as mesmas fingiram não escutar. Já entre os alunos, o clima era de descontração, algumas meninas ficaram jogando vôlei no pátio acima da quadra. A professora controlou o material e o tempo da aula, conversou com alguns(as) alunos(as), deu risada com eles, mas não contextualizou e nem propôs uma atividade. No final da aula, recolheu o material e os(as) alunos(as) voltaram a sala, nessa aula não foram observadas situações de exclusão por parte dos colegas, preconceito ou discriminação, somente a autoexclusão.

Diário de Campo III - 01/10/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 35

Total de participantes: 35

Não Participantes: 0

Aula iniciou em sala, o professor chegou e cumprimentou os(as) alunos(as), que estavam agitados(as) e conversavam bastante. O professor avisou que a aula era teórica, houve muita reclamação por parte dos meninos, algumas meninas gostaram da aula ser teórica. A turma conversava bastante, uns meninos reclamaram que não tinham caderno, que haviam esquecido, o professor falou que copiassem em outra matéria. A aula se desenvolveu como aula teórica, o professor passou o texto na lousa o tema foi as diferenças de conceitos entre jogo e esporte. Os(as) alunos(as) conversavam muito durante a aula, tiravam sarro um do outro, os meninos mexiam com as meninas, o professor chamou a atenção várias vezes, mas sem um resultado efetivo. Após terminar de passar o texto, o professor fez uma breve explicação e deu visto nos cadernos, falou que só participaria da próxima aula prática quem tivesse copiado. Durante a aula, houve muita reclamação sobre ela ser teórica, conflito entre os(as) alunos(as) e o professor que queria explicar e alguns(as) não deixavam; as meninas foram as mais participativas e as que terminaram primeiro o texto, a aula



observada teve um planejamento prévio, mais não houve nenhuma fala sobre contextualização na prática, a interação entre os(as) alunos(as) foi marcada por brincadeiras discriminatórias entre os meninos e meninas e com o professor houve conflitos sobre o objetivo da aula. O professor repreendeu as brincadeiras discriminatórias entre os alunos e explicou a importância da aula teórica. Ao final da aula, o professor deu visto nos cadernos de quem tinha terminado e avisou que só iria para quadra na próxima aula quem estivesse com a matéria em dia, houve muita reclamação e a aula terminou sem uma preparação para a próxima aula.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 26

Total de participantes: 22

Não Participantes: 4 (3 meninas e 1 menino)

A aula iniciou em sala, os(as) alunos(as) estavam agitados(as), o professor chegou e os (as)cumprimentou, mas nem escutaram o, “boa tarde” do professor que pediu silêncio e falou que a aula seria prática e que conforme respondiam a chamada, poderiam ir descendo para quadra. Durante a chamada, pediu para dois alunos pegarem as bolas de futsal e vôlei e após a chamada ele desceu para quadra, os(as) alunos(as) já estavam organizados(as) e jogando. O desenvolvimento da aula foi livre sem atividades dirigidas, 4 alunos não participaram, sendo que 3 meninas não participaram ficando a aula toda sentadas e 1 menino ficou pra fora mexendo no celular, apesar de o professor chamar a atenção, o mesmo não guardou o aparelho. O professor se manteve ao lado da quadra, observando a aula, às vezes chamava a atenção de um movimento errado, ou dava risada de situações que aconteciam em quadra, conversava com os alunos sentados e com os(as) estudantes que estavam participando, mas sem contextualizar, ou direcionar as atividades, não houve aparentemente um planejamento ou organização. Alguns(as) alunos(as) entravam e saíam das atividades, os(as) que não participaram estavam conversando e não mostravam interesse na aula e houve muitas discussões entre os(as) alunos(as) sobre o jogo de futsal e também no vôlei sobre as jogadas. Alguns meninos falaram que as meninas eram ruins, que não iam na bola, houve algumas discussões entre os alunos,



mas não houve intervenção do professor. Foram observadas discriminação, exclusões e autoexclusão. A aula terminou sem contextualização ou preparação para aula seguinte e apenas quando bateu o sinal, o professor recolheu o material e os(as) alunos(as) subiram para sala.

Diário de Campo IV- 04/10/2019 - Sexta-Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professora D

Horário de início: 9h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 32

Total de participantes: 24

Não Participantes: 8 (3 meninos e 5 meninas)

A aula iniciou com a professora esperando os(as) alunos(as) chegarem na sala enquanto esperava, ela conversava com eles(as) que queriam saber se a aula era teórica ou prática, muitos faziam uso de celulares e fones de ouvido, assim que todos(as) chegaram, ela falou aos(às) alunos(as) que a aula era prática. O desenvolvimento da aula foi livre sem direcionamento, professora pegou o material, bolas de vôlei, futsal e basquete, os(as) alunos(as), após a chamada, desceram pra quadra e se dividiram nos esportes basquete, futsal e vôlei, ficando em pequenos grupos, muitos entravam e saíam da quadra, a professora só observava enquanto (8) alunos não participaram, ficaram sentados sendo (5) meninas e (3) meninos, os mesmos ficaram conversando e mexendo no celular. As meninas jogaram Uno, os meninos que não participavam olhavam os colegas e as situações em quadra enquanto mexiam nos seus celulares. Alguns(as) alunos(as) trocavam de atividade, houve reclamações dos(as) alunos(as) que participavam que não tinham equipe, pois cada um fazia uma coisa, a professora escutou e não propôs nenhuma mudança. Não houve um direcionamento nem aparentemente planejamento da aula, a professora se colocou ao lado da quadra e apenas observou o que acontecia, conversou com alguns(as) alunos(as) que não participavam, mas sem intervir nessa não participação, foi observado autoexclusão, ao término da aula recolheu o material e os(as) discentes foram para aula seguinte. Não houve preparação para próxima aula.



Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30min - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 23

Não Participantes: 11 (4 meninos e 7 meninas)

Aula iniciou em sala, a turma estava agitada, a professora chegou e logo na porta foi indagada se a aula iria ser prática. Ela cumprimentou os(as) alunos(as) e respondeu que sim e eles(as) ficaram mais agitados ainda. Ela pediu silêncio e começou a chamada, precisou repreender os(as) estudantes e falou que se não conseguisse fazer chamada, eles(as) não iriam descer. Com isso, os(as) alunos(as) ficaram quietos(as), ao final da chamada, eles(as) foram em fila para a quadra e quando chegaram na quadra, perceberam que outra turma estava lá, por isso os(as) alunos(as) ficaram desmotivados(as), alguns pediram pra voltar pra sala e a professora dar teoria, mas ela resolveu continuar. O desenvolvimento da aula foi livre dividida com outra turma da escola (8.º ano), 11 alunos do 6.º ano não participaram, sendo 7 meninas e 4 meninos. Alguns(as) alunos(as) entravam e saíam do jogo de futsal, mas esses 11 alunos não participaram do início ao final da aula. Alguns permaneceram sentados, 1 menino deitado ao lado da quadra, 3 sentados conversando e 2 meninas deitadas no colo de outras. O uso do celular se fez presente na mão de 2 meninos e 2 meninas que não participavam das aulas. Durante toda a aula, houve discriminações entre os(as) alunos(as), principalmente sobre as capacidades físicas, as meninas na maioria não quiseram se misturar com os meninos da outra sala, a quadra foi tomada pelos meninos e as meninas das duas salas ficaram brincando com a bola de vôlei. Foram observadas a autoexclusão, discriminação e preconceito entre os(as) alunos(as), muitos(as) reclamaram para a professora que se mantinha ao lado do professor da outra sala, organizando o tempo e observando os(as) alunos(as). Não houve direcionamento, nem contextualização, muitos(as) alunos(as) entravam e saíam da aula, houve algumas discussões que foram acalmadas pela professora e seu colega professor da outra turma, observei um espírito de competição grande entre os meninos, muitos meninos do 6.º ano, saíam dos jogos reclamando, de situações ocorridas, a professora olhava, escutava, mas não havia outra reação. Observei que muitos(as) alunos(as) ficaram chateados(as),



principalmente as meninas. Não houve um planejamento e nem organização, foram controlados o tempo, material e as equipes; os(as) estudantes que não participaram ficaram conversando e mexendo no celular, algumas meninas cantavam e estavam deitadas e apenas observavam o que acontecia. Após o sinal, retornaram à sala e nesse retorno houve várias reclamações dos alunos para a professora que escutou mas não comentou nada. Só balançava a cabeça em sinal que entendia a situação.

Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B1

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 36

Total de participantes: 34

Não Participantes: 2 (2 meninas)

A aula iniciou em sala com os(as) alunos(as) em silêncio esperando o professor, assim que ele chegou, os (as) cumprimentou e todos permaneceram em silêncio, um repreendendo o outro para que não houvesse bagunça, como se fosse algo já combinado pelos alunos. O professor fez chamada e falou que a aula era prática, percebi que houve uma comemoração mais discreta, dava a impressão que os(as) alunos(as) estavam com medo de o professor mudar de opinião. Após a chamada, os(as) alunos(as) desceram pra quadra, observei que eles(as) não fizeram o que de costume a maioria dos alunos fazem como correr pela quadra, conversar, pelo contrário eles(as) ficaram em formação em linha um do lado do outro e em silêncio. Observou-se. nesse momento uma certa submissão, o professor chegou à frente dos(as) alunos(as) e falou o que iria acontecer, uma menina demorou pra ficar em formação e conversou com a do lado, o professor a repreendeu na hora. Assim que todos(as) ficaram em silêncio, ele explicou o que ia fazer. O desenvolvimento da aula foi direcionado com conteúdo de handebol, 2 meninas não participaram da aula permaneceram sentadas, conversando, mesmo com o professor pedindo que elas participassem, pois valia nota, as mesmas negaram relatando que estavam com preguiça. O professor teve a todo o momento uma postura rígida, corrigindo os erros e chamando a atenção dos(as) alunos(as) que, por vezes, ficavam dispersos(as). As duas alunas que não quiseram participar foram repreendidas de forma rude; a aula se desenvolveu com os exercícios e jogos, os(as) alunos(as) conversavam entre si, mas



ficavam receosos(as) de errar ou não perceber a hora de entrar e serem repreendidos(as), pois quando alguém era repreendido, toda a turma ficava em silêncio. A aula foi planejada e direcionada o tempo todo até o final, percebi que a diferenciação de habilidades físicas estava presente tanto no(a) aluno(a) quanto no professor pela forma de correção e a autoexclusão e o medo de errar estavam presentes principalmente nas meninas, que pouco se mexiam e faziam o exercício com medo. Ao final, o professor, ao bater o sinal, liberou os alunos para ir para o intervalo.

Ano: 9.º A/EC

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min - **Horário Final:** 16h10min

Total de Alunos(as): 32

Total de participantes: 24

Não Participantes: 8 (2 meninos e 6 meninas)

A aula iniciou em sala com a professora esperando os(as) alunos(as) entrarem do intervalo. Após todos chegarem, ela passou um trabalho de pesquisa para eles(as) entregarem sobre o beisebol e pediu para que eles(as) voltassem mais rápido do intervalo. Os(as) alunos(as) reclamaram um pouco do trabalho, principalmente os meninos. Após a chamada, ela falou que o esporte que valeria ponto na aula era o basquetebol e só quem participasse teria ponto, houve reclamação. pois os meninos queriam futsal e as meninas falaram que não sabiam jogar basquetebol, mesmo assim a professora ao chegar na quadra iniciou a aula com um pequeno jogo de basquetebol, com quem quis participar, mesmo valendo nota houve a não participação de 8 alunos, sendo 2 meninos e 6 meninas que ficaram conversando na quadra, jogando Uno e mexendo no celular; duas meninas ficaram mais retiradas, pareciam com sono e apáticas só observando a aula. A professora convidou, pediu gentilmente para os alunos que estavam sentados participarem, mas não foi atendida. A interação entre professora e alunos(as) ocorria de forma tranquila, mas sem muitas cobranças, entre os(as) alunos(as) existia muita brincadeira principalmente entre os meninos, mas sem desavença, ou constrangimentos. O basquetebol durou 20 minutos e após isso, ela anotou o nome dos participantes e liberou os(as) alunos(as) para jogarem o que queriam. Durante o jogo de basquetebol, a professora jogou junto, foi ensinando umas



meninas, fazendo com que os meninos jogassem a bola para as meninas, não deixou haver discriminação, nem atitudes que acusassem constrangimento. Durante esses 20 minutos, ela comandou a aula, mas o conteúdo não foi contextualizado. Após esse momento, ela deixou os(as) alunos(as) livres; os meninos foram jogar futsal e as meninas ficaram no vôlei no pátio acima, junto com mais dois meninos, alguns alunos entravam e saíam dos jogos e iam ver os alunos que não participavam na arquibancada jogar Uno, depois retornavam aos jogos. A aula seguiu até seu final, a professora lembrou os(as) estudantes sobre o trabalho e após o sinal, eles(as) voltaram a sala.

Diário de Campo V - 08/10/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 20

Não Participantes: 14 (4 meninos e 10 meninas)

A aula iniciou em sala, o professor chegou, cumprimentou os(as) alunos(as) que estavam dispersos(as), pareciam com sono; a sala estava quieta, alguns meninos perguntaram se iriam pra quadra e as meninas lembraram do texto da aula anterior, o que causou uma pequena discussão entre alguns meninos e meninas. O professor então fez chamada e acalmou de forma tranquila a discussão. Após isso, o professor liberou os (as) alunos(as) para a quadra, que desceram e pegaram o material para o professor. O desenvolvimento da aula foi livre, futsal, aula não dirigida nem contextualizada, (14) alunos não participaram sendo (10) meninas e (4) meninos que ficaram mexendo no celular, sentados e conversando entre si. Os(as) alunos(as) que não participaram mostravam sinais de cansaço e sono, as meninas ficaram conversando e muitas encostavam a cabeça no colo das outras os meninos ficaram quietos e mexendo no celular; alguns(as) alunos(as) começaram a jogar mais pararam logo, o professor perguntou o que acontecia e alguns deles responderam que estavam com sono, as meninas falaram que estava chata a aula, o professor escutou mas não opinou ou respondeu, muito menos forçou a participação. Não houve um



direcionamento sobre a importância da participação, os(as) alunos(as) que participaram ficavam fazendo rodízio: uma hora no futsal e outra no vôlei o que desanimava os(as) que queriam jogar um só esporte, pois não formava-se time, houve muita reclamação tanto dos(as) que participavam quanto daqueles(as) que não participavam, houve discussão entre os(as) alunos(as) sobre não formar time pra jogar, alguns meninos falaram sobre seu descontentamento ao professor mas nada foi feito. O professor comentou que não iria forçar a participação de ninguém. A aula não foi dirigida nem contextualizada, não aparentou ser planejada e nem organizada, houve uma insatisfação geral por parte dos(as) alunos(as), observei a falta de reflexão do professor com os(as) estudantes, apesar de estar em quadra, houve um distanciamento de seu papel, percebi a autoexclusão, a discriminação e o descontentamento tanto por parte dos(as) alunos(as) quanto do professor. A aula seguiu assim até seu término, após o sinal os(as) alunos(as) voltaram a sua sala, não houve uma preparação para a aula seguinte nem contextualização da aula anterior que foi teórica.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 26

Total de participantes: 21

Não Participantes: 5 (4 meninos e 1 menina)

A aula iniciou na sala, os(as) alunos(as) estavam agitados(as) e conversando bastante, o professor chegou, não os(as) cumprimentou e eles(as) continuaram conversando enquanto ele fazia chamada. Depois, falou aos(as) alunos(as) que a aula era prática e que veriam o conteúdo de Ginástica; houve uma reclamação geral, pois os(as) alunos(as) queriam aula livre. A aula foi direcionada e planejada e o conteúdo foi ginástica artística, mas 5 alunos não participaram da aula, sendo 4 meninos e 1 menina. Os meninos resistiram ao tema proposto e queriam futsal, já as meninas sentiram um pouco de vergonha, mas participaram de toda a aula e eu observei que os meninos acabaram sentindo muita vergonha, tiravam sarro uns dos outros causando constrangimento. O professor chamou a atenção, mas não foi o suficiente, já que os comentários de alguns meninos geravam ao fundo uma risada. As meninas



acabaram por participar um pouco mais que os meninos, sentiram vergonha também e foram alvo de comentários dos meninos. Os(as) alunos(as) que não participaram ficaram na arquibancada observando, não fizeram uso do celular nem estavam dispersos(as), mas os meninos davam risada. O professor falou sobre esses constrangimentos e sobre a questão do conteúdo não ser exclusivamente feminino, mas não provocou uma reflexão sobre o mesmo. Ele pediu para os(as) que estavam sentados participassem, mas mesmo assim não conseguiu, pois os meninos falaram que era chato, que aquilo não era aula e a menina relatou preguiça; pude observar que a aula foi planejada, que apesar da vergonha, houve a participação e uma pequena reflexão. Ao final, os(as) estudantes saíram comentando a aula, com um pouco de vergonha, mas percebi que gostaram da vivência, houve a autoexclusão, percebi a discriminação de gênero e habilidade, porém houve uma reflexão, ainda que discreta, mas se fez presente, o professor interagiu e tomou posse de seu papel na aula. No final da aula, o professor deu a bola de futsal e de vôlei faltando uns 10 minutos e, após o sinal, os(as) alunos(as) voltaram para sala.

Diário de Campo VI - 11/10/2019 - Sexta-Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professora D

Horário de início: 9h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 31

Total de participantes:

Não Participantes: 12 (8 meninas e 4 meninos).

A aula iniciou em sala com a professora esperando os(as) alunos(as) chegarem; muitos(as) estavam com fone de ouvido e celular na mão. Depois, a professora comunicou que a aula seria teórica e eles(as) discutiriam sobre organização de festivais de dança. Durante a explicação da professora sobre o assunto, 2 meninas estavam deitadas em sua carteira dormindo, 4 estavam mexendo no celular e 7 meninos com fone de ouvido; a professora continuou a explicação pediu para que guardassem o celular mas não obteve resultado, então começou a perguntar para os(as) alunos(as) o que entendiam por festival. Os(as) estudantes não estavam muito participativos(as), se sentaram em grupos e o celular e fone de ouvido estavam



presentes durante toda a aula, poucos(as) alunos(as) interagiam e falavam. A professora pediu várias vezes para que guardassem o celular, mas não houve a colaboração, pois os(as) alunos(as) mexiam e até digitavam no *whatsapp*. A professora se deu por vencida e explicou o conteúdo para alguns meninos que estavam à frente e prestavam atenção e umas 4 meninas que estavam interagindo. A falta de vontade de participar dos(as) alunos(as) era visível. Após a teoria, os(as) alunos(as) foram dispensados(as) para quadra para finalizarem com atividades livres e, nesse momento, 8 meninas ficaram sentadas mexendo no celular e conversando e 4 meninos ficaram conversando e com fone de ouvido observando a aula. Pude observar que a aula foi planejada na teoria, mas não foi executada com sucesso, houve organização mas não participação efetiva dos(as) alunos(as) e isso deixou a professora desanimada. A interação da mesma com os alunos foi tranquila, porém sem sucesso, chamou a atenção, pediu para que prestassem atenção nos conteúdos, mas em nenhum momento gritou ou se alterou. Alguns(as) poucos(as) interagiram e mostraram interesse e a toda hora eles(as) pediam pra ir na quadra; conversas paralelas a todo momento e no final a professora fez a chamada, a aula terminou nesse momento e os(as) alunos(as) foram para outra sala. Pude perceber que os(as) discentes em sua maioria deram pouca importância à aula teórica e houve muito desinteresse.

Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30min - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 32

Total de participantes: 32

Não Participantes: 0

A aula iniciou em sala, os(as) alunos(as) estavam conversando bastante, a professora chegou, cumprimentou, falou que a aula seria teórica e houve um descontentamento, mas mesmo assim os(as) alunos(as) não ficaram pedindo para ir pra quadra. Ela pediu aos(às) mesmos(as) para pegarem caderno e estojo e irem para a sala de vídeo. Após isso, realizou a chamada, havia muita conversa, pediu para eles(as) ficarem em silêncio e falou que caso não colaborassem, não iriam pra quadra na aula seguinte, então eles(as) diminuíram a conversa. A aula foi teórica sobre o



voleibol, foi planejada e organizada, houve uma conversa inicial, sobre o que conheciam. Ela passou um vídeo e terminou com a atividade no Caderno do Aluno. Apesar das conversas paralelas, todos(as) participaram bem, interagiram e falaram sobre o voleibol, perguntaram se iriam aprender na quadra e demonstraram um interesse maior para que ela ensinasse e não só ficasse no bate bola do vôlei. Ela falou que iria passar atividades relacionadas na quadra, houve uma interação entre eles e percebi que a aula fluiu de maneira gostosa tanto para os(as) alunos(as) quanto para a professora. No final, ela olhou e corrigiu as atividades no caderno e preparou os(as) alunos(as) para a aula seguinte instigando-os(as) a participarem. A aula terminou com os(as) estudantes voltando para a sala.

Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B1

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 35

Total de participantes: 31

Não Participantes: 4 (2 meninos e 2 meninas)

A aula iniciou em sala, o professor cumprimentou os(as) alunos(as), fez chamada, eles(as) conversavam um pouco mas não levantaram do lugar. Após a chamada, o professor explicou o que iria realizar e falou que a aula seria prática, a aula foi direcionada para o voleibol, atividades com bola, 4 alunos não participaram ao todo, 2 meninos e 2 meninas. Eles(as) não fizeram uso de celular na aula, mas permaneceram sentados conversando, reclamaram de cansaço e preguiça, os meninos falaram que não gostavam do vôlei, o professor insistiu mas mesmo assim não conseguiu fazer com que eles participassem, mesmo cobrando a participação de forma enérgica. A aula continuou com os exercícios relacionados ao voleibol, houve uma cobrança para os(as) alunos(as) realizarem o movimento com mais perfeição e vontade, percebi muito medo de errar nas meninas que ficavam envergonhadas quando eram corrigidas. A aula aparentemente foi planejada e organizada em uma sequência de exercícios, pois os(as) alunos(as) participaram mas não estavam muito animados(as), havia muito medo de errar o que travava o movimento, os mais habilidosos eram elogiados, o que causava um desconforto nos(as) outros(as) alunos(as). Nessa aula, os(as) alunos(as) não ficaram saindo já que o professor não



permitia, se começasse tinha que ir até o fim nas aulas dirigidas era essa postura do professor. Percebi que alguns(as) tiravam sarro dos erros dos(as) colegas, não houve uma conscientização sobre essa problemática, do professor para o aluno, isso chateava alguns meninos e meninas. Houve a autoexclusão e a discriminação por habilidade. A aula terminou com os exercícios, mas não houve uma contextualização do conteúdo nem uma preparação para a aula seguinte, apenas bateu o sinal e os(as) alunos(as) foram dispensados(as) pelo professor para irem ao intervalo.

Ano: 9.º A/EC

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min- **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 30

Total de participantes: 24

Não Participantes: 6 (1 menino e 5 meninas)

A aula iniciou como da última vez, a professora esperando os(as) alunos(as) chegarem do intervalo, porém a mesma foi mais rígida e usou a aula prática como punição caso eles(as) continuassem a demorar para o retorno do intervalo. Eles (as) fizeram um combinado e disseram que não atrasariam na próxima, houve um diálogo sobre o assunto e ela tentou mostrar a importância de eles(as) participarem, inclusive pediu para as meninas que costumavam não participar que ela gostaria muito de vê-las participando. Após a chamada, falou que a aula iria ser prática e direcionada ao esporte basquetebol, mas só jogo simples; a professora falou para os(as) alunos(as) que quem participasse ganharia o ponto da aula, mas essa participação deveria ocorrer por pelo menos 20 minutos. Ela insistiu para alguns(as) alunos(as) participarem e jogou junto com eles(as), mesmo assim, não houve a participação de todos 1 menino permaneceu sentado e 5 meninas não entraram em quadra. Após esse tempo, ela marcou em sua caderneta o número de quem participou e o restante da aula os(as) estudantes foram jogar futsal e algumas meninas vôlei, a aula ocorreu praticamente como a anterior. A professora, durante o basquetebol, interagiu com os(as) alunos(as) incentivando e não deixando que ocorressem discriminações ou brincadeiras sem graça, fez com que as meninas se integrassem ao jogo e, após o tempo estipulado, terminou a aula direcionada e deixou o final da aula livre. Nesse



momento, alguns(as) sentaram um pouco, mexeram no celular e foram conversar com os(as) que não participavam, depois voltaram ao vôlei e futsal, Os(as) alunos(as) que não participaram ficaram mexendo no celular e conversando: duas meninas ficaram isoladas no canto e o menino e outras três meninas ficaram no celular e no Uno. Em nenhum momento prestaram atenção no que acontecia em quadra. A aula terminou com a professora lembrando o trabalho que eles(as) tinham que entregar e, após isso, voltaram para sala.

Diário de Campo VII - 18/10/2019 - Sexta-Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professora D

Horário de início: 9h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 33

Total de participantes: 24

Não Participantes: 9 (4 meninos e 5 meninas)

A aula iniciou com a professora esperando os(as) alunos(as) chegarem na sala, enquanto isso, ela conversava com os(as) que estavam ali. A aula seguiu com a chamada, os(as) alunos(as) estavam com celulares e fones de ouvido, a professora mais uma vez pediu para que eles(as) não usassem o celular, mas não houve uma cobrança efetiva só a conscientização. Após a chamada, ela lembrou os grupos para a organização do festival, alguns(as) falaram que não pertencia a nenhum grupo e nesse momento ela cobrou mais participação e interesse nas aulas teóricas, relatando o descaso da aula anterior, mesmo assim o celular e o fone não saíram da mão dos(as) alunos(as), Após essa reflexão, a mesma falou que a aula era prática e os meninos estavam ansiosos para sair, pediram pra levar o material e foram na frente da professora para quadra. As meninas estavam mais calmas, até apáticas diria, sem muita vontade. Ao chegar na quadra, não houve direcionamento das atividades, a aula não aparentou ser planejada, os(as) alunos(as) se organizaram como queriam, utilizaram a quadra de basquete de rua, que ficava do lado e na quadra principal realizaram o vôlei e o futsal. Os(as) alunos(as) entravam e saíam das atividades e mudavam do futsal para o vôlei ou basquete conforme o interesse e o grupo de amigos. A professora se manteve observando e conversando com eles(as), às vezes



corrigia um(a) aluno(a) que estava fazendo brincadeira de mal gosto, houve a não participação de 9 alunos , sendo 4 meninos e 5 meninas, que ficaram na arquibancada conversando, mexendo no celular e conversando sem olhar para a quadra, fazendo tarefas de outras disciplinas. A professora falou para que participassem, mas sem cobrar efetivamente. Alguns(as) falaram que não gostavam das atividades e estavam cansados(as), uma menina pediu pra terminar uma tarefa e foi atendida, não participando da aula. A professora, apesar de conversar com os alunos muito, não ocasionou uma reflexão sobre a não participação, apenas quando via que eles(as) não iam participar, falava e pedia pra participar. Se o(a) aluno(a) negasse, o assunto morria ali, a aula não teve um direcionamento, nem organização, não houve uma reflexão ou contextualização, pois os alunos simplesmente se dividiram e começaram a jogar o que queriam. A aula terminou assim , ao bater o sinal, a professora pediu pra um dos meninos recolher as bolas e eles(as) voltaram para a sala. Não houve uma preparação para aula seguinte.

Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30min - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 31

Total de participantes: 31

Não Participantes: 0

A aula iniciou na sala com a chamada, os(as) alunos(as) estavam entusiasmados(as), a professora cumprimentou e falou que a aula seria prática e teria como conteúdo o voleibol. Os(as) estudantes ficaram animados(as), mas, mesmo assim, ainda pediram o futsal, ela disse que não que ela daria uma atividade que eles gostariam. Alguns(as) alunos(as) não acreditaram muito e estavam desanimados(as). Após a chamada, desceram pra quadra e a professora foi buscar o material; havia uma rede montada e vários panos coloridos, os(as) alunos(as) perguntaram do que se tratava e naquele momento percebi que a aula foi planejada e organizada didaticamente. Os(as) alunos(as) ficaram tão curiosos(as) que ninguém se sentou na arquibancada. A professora reuniu os(as) alunos(as) no centro e explicou que a atividade seria o Panobol, um jogo de iniciação do voleibol e pediu para formarem equipes com 8 alunos, mistas que tivessem meninos e meninas. Os(as) estudantes



estavam interessados(as), até os fanáticos por futsal esqueceram dele e após os times montados, foi explicada a dinâmica e os(as) alunos(as) começaram a jogar. A professora a todo momento interagiu, corrigiu pedagogicamente, não deixou situações de exclusões ocorrerem, conversou e explicou o sentido de equipe, todos participaram; no final, ela contextualizou, com a aula anterior e falou da importância de todos(as) participarem e eles(as) pediram pra jogar de novo na próxima aula, minha percepção foi que os(as) alunos(as) saíram realizados(as) da aula e da vivência que tiveram, a aula terminou com o sinal e os(as) alunos(as) retornaram a sala.

Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B1

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 22

Não Participantes: 12 (8 meninas e 4 meninos)

A aula iniciou na sala, o professor chegou os(as) alunos(as) estavam em silêncio, não havia quase conversas paralelas, ele os(as) cumprimentou e falou que a aula ia ser prática, deixando os(as) alunos(as) felizes, mas contidos na sua comemoração. Após a chamada, foram pra quadra, ao chegar lá o professor percebeu que a quadra estava ocupada, mas mesmo assim preferiu dar continuidade e permaneceram lá. A aula não foi dirigida nem contextualizada, foi dividida com o 9.º ano, aula livre futsal e handebol; 12 alunos não participaram da aula sendo, 8 meninas e 4 meninos, algumas meninas estavam deitadas e quando o Professor B1 foi perguntar, falaram que estavam com preguiça, o mesmo as repreendeu e pediu que sentassem e participassem, mas mesmo assim as mesmas continuaram sentadas sem fazer uso de celular. Os meninos estavam sentados conversando e um deles desenhando, os alunos que participaram da aula tiveram que jogar junto com os alunos do 9.º ano, percebi um certo desconforto da maioria dos alunos do 6.º ano, pois sempre perdiam as jogadas, isso causava uma certa frustração. A aula foi dividida em futsal para os meninos e handebol para as meninas, as meninas do 6.º não sabiam jogar direito e o professor as repreendia na frente dos demais, o que causava um pouco de vergonha e desconforto àquelas que estavam participando. Não houve reflexão sobre as diferenças e sobre as discriminações ocorridas. Alguns(as)



participavam um pouco, paravam um pouco e voltavam em seguida, os mais habilidosos eram elogiados pelos alunos do 9.º ano, já os(as) que tinham mais dificuldades acabavam sofrendo na mão dos maiores. Os professores não se posicionaram sobre essas discriminações, simplesmente organizavam a entrada e saída, controlavam o tempo e, às vezes, apitavam ou corrigiam algo. Os(as) alunos(as) que optaram por não participar, não prestaram atenção na aula, ficaram conversando até o final. A aula terminou com o sinal do intervalo e foi possível perceber que os alunos do 6.º ano estavam insatisfeitos de dividir a quadra, mas quando reclamaram, o professor respondia que não havia outro jeito e assim foram para o intervalo e a aula acabou.

Ano: 9.º A/EC

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min - **Horário Final:** 16h10min

Total de Alunos(as): 31

Total de participantes: 28

Não Participantes: 4 (1 menino e 3 meninas)

A aula iniciou em sala, com chamada e os(as) alunos(as) não demoraram pra chegar do intervalo, cumpriram com o acordo feito na última aula. A professora fez chamada e recolheu os trabalhos de quem ainda não tinha entregue e, logo após, foram para a quadra. Nessa aula, percebi um certo descontentamento dos(as) alunos(as), pois pela 3 aula seguida o conteúdo de participação foi o basquete e eles(as) se mostraram cansados(as), queriam outro esporte, pediram o futsal, mas a professora permaneceu com o basquete; alguns(as) se revoltaram e fizeram uso do celular e fone de ouvido durante a aula. A turma foi direcionada ao esporte do dia, Basquetebol; 4 alunos ficaram sentados, sendo 1 menino (diagnóstico de cardiopatia leve), 3 meninas e muitos alunos entravam e saíam das atividades e jogavam Uno com o menino que não participa da aula. Já as 3 meninas ficavam isoladas no canto da quadra conversando e mexendo no celular, muitas vezes deitadas no colo uma da outra. O uso do celular se fez presente durante toda aula, tanto para os(as) alunos(as) que participavam, que às vezes saíam para olhar o celular, ou durante o jogo olhavam no dispositivo, ou faziam uso de fones de ouvido, quanto aos(às) que não participavam. A professora os(as) repreendia, porém sem sucesso e o uso de celular



e Uno ocorriam durante a aula. As meninas apresentavam sinais de sonolência e apatia. Dessa vez, a professora não jogou junto, apenas observou, corrigiu alguns erros, apontou para os alunos que a bola deveria passar por todos, tanto meninos quanto meninas, pediu para que não usassem o fone e o celular no meio do jogo, mas não obteve sucesso, pois os(as) alunos(as), não colaboraram com a dinâmica da aula que acabou sem um direcionamento efetivo. Após uns 15 minutos, ela liberou os alunos para jogarem o que queriam (no caso futsal) e as meninas foram para o voleibol no pátio acima com mais 3 meninos, muitos(as) alunos(as) depois do basquetebol entravam e saíam da quadra e acabavam por jogar um pouco de Uno com o menino que não participava da aula. A professora se manteve ao lado da quadra no restante da aula apenas observando os(as) alunos(as), alguns reclamaram do basquetebol e ela citou a possibilidade de mudar para a próxima aula, mas não os (as) preparou para aula seguinte, só esperou bater o sinal e recolheu o material e os(as) estudantes voltaram pra sala. Senti um clima de decepção tanto na professora, quanto nos alunos.

Diário de Campo VIII - 22/10/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 27

Não Participantes: 7 (2 meninos e 5 meninas)

A aula iniciou em sala, o professor chegou cumprimentou os(as) alunos(as), fez chamada. Os(as) alunos(as) estavam mais comunicativos(as) que na aula anterior e foram logo perguntando se a aula seria prática, o professor respondeu que sim, mas frisou que eles(as) precisavam participar. Uma aluna perguntou se ele ia dar algo diferente, o mesmo respondeu que seria vôlei e futsal, pude perceber o desânimo no rosto da adolescente e suas colegas. Após isso, todos desceram pra quadra e enquanto o professor buscava as bolas, os(as) alunos(as) foram se organizando na quadra de vôlei e futsal. Alguns(as) já se sentaram na arquibancada e ali ficaram, o professor deu a bola aos(as) discentes em quadra. A aula aparentemente não foi planejada, não teve conteúdo contextualizado, ficou baseada nos jogos esportivos.



Os(as) alunos(as) conforme saiam do jogo de futsal, subiam para o vôlei e vice-versa. A aula foi livre, 7 alunos não participaram, sendo 5 meninas e 2 meninos. Estes(as) faziam uso de celular e ficaram observando a aula e conversando, as meninas estavam deitadas no colo uma da outra, o professor olhou pediu para que elas levantassem e fossem participar, mas não obteve sucesso. Percebi a reclamação de uma delas, que falou que não faz sentido e estava cansada de jogar vôlei e alguns(as) alunos(as) que estavam participando às vezes sentavam junto dos(as) que não participavam conversavam e depois voltavam a jogar. Houve também o caso de um menino que iniciou a aula participando, porém durante uma jogada, um dos colegas entrou mais forte nele e ele preferiu sair; os colegas não gostaram e houve um pequeno bate boca. O professor pediu aos que estavam jogando para terem mais cuidado, mas não houve uma reflexão, ele se sentou e não participou mais e contabilizei o mesmo no grupo dos 2 meninos que não participaram dessa aula. O professor ficou ao lado da quadra observando, comentando uma jogada ou outra, deu muitas risadas com os(as) alunos(as) que jogavam vôlei, mas não direcionou nem corrigiu situações de exclusão e agressão, foi passivo nesse sentido. Alguns(as) alunos(as) em suas relações acabavam por diminuir os que não eram tão habilidosos, principalmente os meninos e no vôlei percebi algumas meninas bravas com outras que não conseguiram realizar o movimento com êxito; isso acabava por desanimar algumas meninas que ficavam com vergonha de serem corrigidas pelas colegas. Percebi que isso gerava uma tensão maior e quando havia troca, essas meninas sempre saíam, percebi uma frustração delas. A aula terminou ao sinal e não houve preparação para a próxima aula, nem contextualização ou reflexão sobre tudo que aconteceu. Simplesmente foram recolhidas as bolas e os(as) alunos(as) retornaram a sala.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 28

Total de participantes: 28

Não Participantes: 0



A aula iniciou em sala, os(as) alunos(as) estavam agitados(as) e conversando muito apreensivos(as) se a aula seria prática ou teórica. O professor chegou, cumprimentou e logo de início falou que a aula seria teórica, então os(as) alunos(as) ficaram desapontados(as) e tentaram reverter a situação, insistindo para o professor mudar, ele não atendeu à solicitação e a aula seguiu sendo teórica. O professor pediu para que eles(as) pegassem o Caderno do Aluno enquanto fazia a chamada. A aula foi desenvolvida em cima do tema do handebol, o professor passou um texto na lousa e os(as) alunos(as) copiaram. A sala conversava muito, havia muitas brincadeiras e o professor não interveio em nenhum momento. Depois de copiarem, ele fez uma leitura coletiva e foi ao mesmo tempo explicando para os(as) alunos(as) sobre o handebol. Após a explicação já ao final da aula, ele deu visto nos cadernos e falou que a próxima aula prática seria sobre o tema do handebol; percebi que a aula foi planejada, ele contextualizou buscando exemplos e pedindo pros(as) alunos(as) falarem o que conheciam sobre o tema. Os(as) estudantes, apesar de no início não quererem a aula, no final foram bem participativos, principalmente as meninas que deram exemplos. A aula terminou ao sinal.

Diário de Campo IX - 25/10/2019 - Sexta Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professora D

Horário de início: 9h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 33

Total de participantes: 25

Não Participantes: 8 (2 meninos e 6 meninas)

A aula iniciou como todas as outras, a professora esperando os(as) alunos(as) chegarem à sala, enquanto esperava, conversava sobre a festa que iria ter na cidade no fim de semana. Os(as) alunos(as) foram chegando com o celular e fone de ouvido, percebi que o uso é bem acentuado nessa sala dos celulares. Após todos chegarem, a professora fez a chamada e os(as) alunos(as), conforme respondiam, iam saindo para a quadra. O material foi levado por um dos alunos que saiu primeiro sendo uma bola de futsal, uma de vôlei e uma de basquetebol. Ao final, algumas meninas se juntaram à mesa da professora para saber sobre a montagem da organização do



festival de dança e esportes. A professora se dirigiu pra quadra conversando com as meninas sobre o assunto, tentando empolgá-las e ao chegarem na quadra, os alunos que estavam participando já estavam divididos no futsal, no vôlei e no basquete. A aula foi mista com várias atividades na quadra, mas sem ser dirigida, 8 alunos não participaram sendo 6 meninas e 2 meninos, em nenhum momento a aula foi dirigida pela professora e as meninas que vieram conversando foram participar das atividades, e as outras permaneceram sentadas na arquibancada. A professora tentou incentivar, mas as mesmas não quiseram, dois meninos ficaram no celular e não participaram da aula por momento algum, os que estavam de fora tanto meninos quanto meninas não mostravam interesse no que acontecia em quadra, ficavam conversando entre eles e mexendo no celular. Vários(as) alunos(as) mudavam de atividade, duas meninas abandonaram a aula logo no início e acabaram não participando mais, muitos(as) alunos(as), algumas vezes, vinham sentar na arquibancada ficavam um pouco conversando e depois voltavam a jogar; em nenhum momento houve intervenção da professora, pois os(as) alunos(as) jogavam entre si e resolviam os problemas que apareciam entre eles(as), inclusive divergências sobre a participação ou alguma jogada. Alguns(as) não gostavam e acabavam se sentando ou mudando de atividade, alguns(as) alunos(as) ficavam empolgados(as) pela aula ser livre outros(as) se entediavam facilmente. A aula aparentemente não teve planejamento, organização e reflexão e, ao final, foi recolhido o material e todos(as) voltaram pra sala.

Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30min - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 33

Total de participantes: 33

Não Participantes: 0

A aula iniciou em sala, quando cheguei a professora já estava em sala fazendo chamada e os(as) alunos(as) conversavam bastante e já estavam com o material em cima da mesa. Percebi que a aula era teórica, alguns meninos não estavam muito contentes com essa aula, ficava perceptível em seus semblantes e assim a aula se desenvolveu, a professora continuou falando e explicando o voleibol. Os(as) alunos(as) estavam agitados(as) e conversavam muito. Após passar o texto na lousa,



a professora pediu para que eles(as) fizessem as atividades do Caderno do Aluno. A aula foi tranquila, a professora estava segura do que falava e respondeu as dúvidas dos meninos e meninas, houve algumas brincadeiras entre os meninos, que causou um constrangimento de um menino. A professora prontamente repreendeu e falou que não queria brincadeiras do tipo. A aula aparentemente foi planejada e organizada, os(as) estudantes participaram, no final ela avisou que quem não terminasse e entregasse não iria para a quadra na próxima aula e alguns meninos que conversaram, a aula inteira, ficaram bravos e reclamaram. A aula terminou assim, ao sinal.

Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B1

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 35

Total de participantes: 32

Não Participantes: 3 (1 menino e 2 meninas)

Aula iniciou em sala com o professor fazendo chamada, percebi que o mesmo estava muito cansado, a turma estava agitada, conversando mais que o normal para aula dele. Ele pediu silêncio por duas vezes, mas de uma forma mais tranquila, percebi que alguns(as) alunos(as) notaram que ele estava diferente, perguntaram se ele estava bem, ele respondeu que sim, após a chamada ele falou que iriam para a quadra. Ao chegarem na quadra os(as) alunos(as) se colocaram em fila como de costume, ele falou que seria aula prática livre, handebol e queimada divididas entre meninos e meninas por tempo, que ele marcaria o tempo e os alunos poderiam escolher qual atividade iam participar. Percebi uma tranquilidade maior dos(as) alunos(as) na quadra, se soltaram mais no movimento, houve a não participação de 2 meninas e um menino que desistiu logo no primeiro tempo do futsal (esse menino foi culpado pelos colegas devido ao gol q levou e acabou desistindo de jogar). Ele ficou de lado chateado com a situação, o professor viu, mas não tomou partido, o menino ficou só observando os outros alunos jogarem; alguns(as) chamaram-no para a queimada mas não obtiveram sucesso. As meninas que não participaram ficaram sentadas no canto da quadra conversando entre elas, outras meninas se juntavam a elas. Quando o tempo da queimada acabava, elas foram convidadas a jogar pelas



colegas mas se negaram e não participaram da aula. A aula aparentemente não foi planejada, não houve uma reflexão, mas percebi um clima mais leve, os(as) alunos(as) estavam mais soltos(as), não houve tanta cobrança deles entre si e o professor não os repreendeu como de costume, assim a aula chegou ao final, não houve uma reflexão nem preparação para a próxima aula. Ao sinal, os(as) alunos(as) foram dispensados(as) para o intervalo.

Ano: 9.º A/EC

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min - **Horário Final:** 16h10min

Total de Alunos(as): 31

Total de participantes: 24

Não Participantes: 7 (4 meninos e 3 meninas)

A aula iniciou em sala, quando cheguei, a professora já estava fazendo a chamada, havia muita conversa. Após a chamada, ela se direcionou à quadra, não sabia se ela havia combinado com os(as) alunos(as) o que iam realizar, assim percebi que seria direcionada ao voleibol. Já de início, 4 meninos se recusaram a participar, ela insistiu falou que valia ponto mas os alunos não participaram, ficaram jogando Uno e mexendo no celular com os colegas. Havia muita risada e conversa e em nenhum momento prestaram atenção no que acontecia em quadra. Cerca de 3 meninas também não participaram, sendo as mesmas das últimas aulas e se isolaram em um canto da quadra e não prestaram atenção em nada, mexiam no celular e se mostravam fechadas para conversa. Observei que a professora já não insistia mais para elas participarem e durante o voleibol, a professora jogou junto, pediu aos meninos cuidado para não acertarem forte nas meninas que estavam jogando, corrigiu alguns movimentos e ao final dos 20 minutos anotou o nome dos que participaram. Assim, ela liberou o resto da aula para os(as) estudantes jogarem o que queriam. Como a quadra estava com a rede de vôlei, os meninos ficaram desestimulados para jogar futsal e ficaram brincando de gol a gol, alguns ficaram na rede e brincaram de toque ali, uns saíam e iam conversar com os que estavam sem participar, olhavam o jogo de Uno. A aula tinha um clima agradável, foi direcionada por alguns minutos sendo livre depois; o conteúdo foi esportivo como sempre e, ao final, a professora



recolheu o material e retornaram a sala, não houve uma reflexão ou contextualização nem preparação para aula seguinte.

Diário de Campo X - 05/11/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 34

Não Participantes: 0

A aula iniciou em sala, o professor entrou e cumprimentou os(as) alunos(as) que estavam falantes. Antes de fazer a chamada, comunicou que a aula seria teórica, houve uma decepção geral, pois eles(as) pediram pra ir pra quadra, mas o professor estava tranquilo calmo e respondeu que não e que iam continuar com a aula teórica. Os(as) alunos(as) pediram então para sair no final da aula se sobrasse tempo, o professor riu e falou que ia pensar, houve uma felicidade momentânea. O tema da aula foi a continuação das diferenças entre jogo e esporte e a vivência de seus praticantes; o professor pediu que os(as) alunos(as) pegassem caderno e estojo e foram para sala de multimídia. Alguns(as) aparentavam estar sem vontade e interesse, algumas meninas abaixaram a cabeça como se quisessem dormir. O professor passou dois vídeos sobre voleibol, em duas situações distintas e tentou levar os(as) alunos(as) a refletir sobre tais situações, então percebi que a maioria dos alunos estava desmotivada e na verdade queriam mesmo que aquilo acabasse logo para poderem ir para quadra. Os(as) alunos(as) respondiam ao professor sem pensar e pediam pra ele ir rápido, pois não ia sobrar tempo para irem pra quadra. O professor percebeu e falou que eles(as) não iriam descer para quadra, pois a teoria era muito importante. Os meninos ficaram bravos e o professor, depois de perceber esse comportamento, pediu um trabalho para a turma e falou que quem não entregasse não iria para quadra na próxima aula. Os(as) alunos(as) ficaram bravos(as) e o professor, após pedir o trabalho, voltou com eles(as) para sala; não houve uma reflexão sobre as aulas teóricas e sua importância, alguns(as) alunos(as)



comentaram entre si que não iriam fazer o trabalho, que Educação Física era prática, o professor não comentou nada ficou em silêncio até o sinal tocar e a aula acabar.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 27

Total de participantes: 27

Não Participantes: 0

A aula iniciou em sala, o professor chegou e cumprimentou a todos (as) que estavam agitados(as) e conversando bastante. Após a chamada, o professor falou que a aula era prática, a sala toda comemorou. Desceram para a quadra e o professor desceu uns minutos depois com uma bola de handebol e falou que a aula ia ser direcionada. Dois meninos falaram na hora que não iam participar, o professor exigiu que os mesmos participassem, eles não gostaram, mas foram ver o que o professor ia passar. A turma estava meio descrente que seria legal; o professor dividiu a turma em 4 equipes e explicou como funcionaria o jogo e que todos(as) tinham que prestar atenção. pois entrariam a qualquer momento no jogo, a dinâmica iria ser rápida. Eles (as) estavam apreensivos, mas começaram a jogada que consistia em ataque e defesa com mudança de times. No início, os(as) alunos(as) demoraram pra pegar o jeito, isso causou alguns desentendimentos, os(as) que entenderam a dinâmica mais rapidamente brigavam com aqueles(as) que ainda não tinham entendido e demoravam a perceber. Os(as) alunos(as) que eram criticados(as) ficavam desapontados(as) e começaram a não querer participar. Nesse momento, o professor parou a aula e explicou que ele corrigia e que não era pra ninguém brigar com ninguém e sim terem paciência. Alguns(as) alunos(as), pelo semblante, não gostaram, mas continuaram participando. Algumas meninas estavam perdidas, o jogo retornou e o professor foi explicando mais devagar, até que a turma entendeu. Depois dessa fase inicial, o jogo ocorreu de forma tranquila os(as) estudantes interagiram ajudando e se divertindo. O professor foi corrigindo e comandando o jogo, a aula foi aparentemente planejada e foi reflexiva, todos participaram, houve a reflexão sobre a participação e as críticas dos colegas. No final, percebi que os(as) alunos(as) gostaram, saíram mais agitados(as) e queriam continuar jogando. Os meninos, que no início não queriam



jogar, se engajaram no jogo de forma intensa. Ao final da aula, os(as) alunos(as) queriam continuar e reclamaram que “quando a aula era legal, acabava logo”; escutei esse comentário vindo das meninas que tomavam água para voltar para sala. Isso me fez perceber que quando a aula é dirigida e contextualizada, consegue alcançar a todos(as).

Diário de Campo XI - 08/11/2019 - Sexta-Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professora D

Horário de início: 9h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 33

Total de participantes: 33

Não Participantes: 0

A aula iniciou com os(as) alunos(as) chegando à sala e a professora esperando por eles(as) para começar a chamada. Estavam com o celular na mão e fones no ouvido. A professora comunicou que a aula iria ser teórica e a sala no geral não gostou. O semblante dos(as) alunos(as) mudou na hora, ficaram desanimados(as). Ela falou para que se reunissem em grupos para que pudesse entregar o plano de execução da organização do festival. Houve reclamação geral, mas a professora se manteve firme e falou que se eles(as) tivessem entregado na aula passada, naquela aula iriam pra quadra, mas como não o fizeram, teriam aula teórica. Muitos(as) alunos(as) estavam no celular, se reuniram em grupos e foram discutindo como fariam sua parte; alguns(as) participavam, mas os meninos estavam mais engajados do que as meninas que não deixavam de usar o celular. A aula permaneceu nessa dinâmica e organização até o fim. Houve muita conversa e muitos(as) alunos(as) andavam pela sala indo de grupos em grupos. Percebi que algumas vezes era pra conversar sobre o trabalho, outras vezes era só pra jogar conversa fora. A professora foi passando pelos grupos tirando dúvidas, até que o sinal bateu. A aula foi dirigida e planejada, no início, os(as) alunos(as) não gostaram, mas depois realizaram as atividades mesmo com o uso do celular e muita conversa, percebi que os meninos se engajaram mais que as meninas e a professora estava sempre pronta para tirar as dúvidas.



Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30m - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 35

Total de participantes: 32

Não Participantes: 3 (3 meninas)

A aula iniciou em sala com os(as) estudantes agitados(as), a professora chegou cumprimentou e até conversou um pouco antes de fazer a chamada. Informou que a aula ia ser prática, os(as) alunos(as) ficaram contentes na hora, uma das meninas perguntou se ia ser atividades para todos, a professora respondeu que a aula era livre e que ia ser futsal e vôlei. Percebi que a menina ficou desanimada, isso mostrou que alguns(as) alunos(as) esperam que a aula seja desenvolvida para englobar todos(as). Já os meninos, na hora que a professora falou em futsal, a maioria ficou feliz. Ao chegarem na quadra, as meninas pegaram a bola de vôlei e os meninos se dividiram em times e começaram a jogar. A aula aparentemente não foi planejada, não foi contextualizada e nem organizada pela professora que ficou ao lado da quadra conversando com os(as) alunos(as) e controlando o tempo e algumas desavenças de jogo, mas sem refletir sobre as atitudes que ali se manifestavam. A aula foi livre sem direcionamento, futsal, 3 meninas sentadas conversando durante a aula toda, o restante das meninas no canto brincando com a bola de vôlei, não houve não participação dos meninos nessa aula porque todos os meninos participaram, alguns jogavam um pouco, se sentavam e depois voltavam a jogar. As meninas ficaram em um canto brincando de toque e manchete, houve o uso do celular discretamente por algumas meninas, a professora pediu que o guardassem. Um grupo de meninas falou que não tinha nada pra fazer e reclamaram para a professora que escutou e falou que era para elas jogarem vôlei ou futsal. Elas falaram que não queriam, que queriam outra atividade e a professora respondeu que naquele dia a atividade era aquela. Aquelas que não participaram, ficaram o tempo todo conversando, às vezes umas meninas do vôlei vinham conversar e voltavam a jogar depois, mas só 3 meninas não participaram da aula inteira. A aula terminou sem reflexão nem contextualização, o conteúdo foi esportivo e os alunos se organizaram, não houve um direcionamento para a aula seguinte. As meninas saíram bem desanimadas da aula, ao sinal todos(as) retornaram à sala.



Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B1

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 28

Não Participantes: 6 (2 meninos e 4 meninas)

Aula iniciou em sala, o professor estava irritado, mas cumprimentou todos(as) que estavam calmos. Dois meninos perguntaram se a aula ia ser prática e o professor falou que não, que a aula iria ser teórica; percebi uma decepção nas crianças e o professor fez a chamada. Os(as) alunos(as) pediram para o professor para que ele deixasse a teoria para próxima aula, e o mesmo acabou mudando de planos e falou que ia dar aula prática, houve uma agitação geral e os(as) alunos(as) até gritaram,, após isso, o professor liberou a ida à quadra e foi pegar o material, chegando na quadra, os(as) alunos(as) estavam em fila como de costume, o professor apenas falou que as atividades seriam handebol e futsal e que ele controlaria o tempo. Os meninos se organizaram, percebi que dois meninos durante a escolha dos times foram excluídos e ficaram sem jogar e isso levou os mesmos a não participarem do resto da aula. Alguns meninos jogaram handebol também, 4 meninas não quiseram jogar e ficaram mexendo no celular sentadas no canto da quadra, o professor apesar de ver, não chamou a atenção e não pediu para que guardassem. A aula aparentemente não teve um planejamento nem organização, não houve reflexão sobre os comportamentos excludentes dos colegas e nem sobre o uso dos celulares. A aula se baseou no handebol e futsal, durante os jogos, vários(as) alunos(as) saíam, entravam, discutiam entre si, mas não houve um direcionamento. A aula foi livre e se manteve assim até o final, os(as) alunos(as) que gostam de futsal ficaram contentes, as meninas deram bastante risadas, mas não houve a participação de todos(as), percebi a autoexclusão, a discriminação e a exclusão de colegas devido às habilidades.

Ano: 9.º A/EC

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min - **Horário Final:** 16h10min

Total de Alunos(as): 31

Total de participantes: 31



Não Participantes: 0

A aula iniciou com a professora mais uma vez esperando os(as) alunos(as) voltarem do intervalo e eles(as) estavam desanimados(as) e bravos(as), principalmente os meninos, pois estava chovendo e não desceriam para quadra. A professora conversou com eles(as) e entraram num acordo em fazer aula no pátio, todos(as) concordaram, pois não queriam teoria. Após fazer a chamada, a professora liberou os(as) alunos(as) no pátio coberto do refeitório que possuía duas mesas de tênis de mesa, uma de pebolim e a professora buscou xadrez, damas e o Uno se fizeram presentes também. Os(as) alunos(as) se revezaram no tênis de mesa e a professora jogou junto o que levou a mais meninos quererem participar pra poder tirar a professora, as meninas, ficaram conversando e jogando Uno e xadrez; duas participaram do tênis de mesa. Eles(as) revezavam as atividades, quando cansavam do tênis de mesa iam para o xadrez e outros(as) alunos(as) que não estavam jogando ficavam em volta olhando, às vezes falavam as jogadas, tiravam sarro do erro do colega, mas percebi que nesse momento eles(as) levavam na brincadeira. A professora chamava a atenção de alguma brincadeira dos meninos que corriam atrás um do outro ou ficavam se batendo; houve muito o uso do celular e fone de ouvidos, no final da aula teve até uma minicompetição de tênis de mesa. Percebi que a aula foi tranquila e os(as) alunos(as) se divertiram apesar de não terem decido na quadra. A aula não foi planejada, mas todos(as) participaram, inclusive o menino que tinha problema cardíaco, as 3 meninas que nunca participavam ficaram jogando xadrez. A aula terminou com os(as) alunos(as) retornando à sala ao sinal.

Diário de Campo XII - 12/11/2019 - Terça Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 28

Não Participantes: 6 (2 meninos e 4 meninas)



A aula iniciou sem sala, o professor chegou e cumprimentou os(as) alunos(as), avisou que a aula seria prática e nesse momento houve uma comemoração. O professor avisou que eles(as) podiam ir descendo para quadra assim que respondessem a chamada. Percebi que a cada aula, o professor agia de uma forma, ao final da chamada, o professor desceu para quadra e entregou uma bola de futsal e uma bola de vôlei com aula livre sem conteúdo específico e 6 alunos(as) não participaram e outros(as) 5 entravam e saíam das atividades a todo momento para mexer no celular. Dos 6 alunos, quatro eram meninas e dois meninos, todos faziam uso de seus aparelhos celulares. Aparentemente, não houve planejamento anterior, nem contextualização e o professor ficou ao lado da quadra conversando com os(as) alunos(as) que não participaram e que faziam uso de celulares, mas não houve uma cobrança para que guardassem os aparelhos. Os(as) estudantes entravam e saíam das atividades e alguns(as) meninos(as) faziam uso do fone de ouvido quando jogavam. Os(as) alunos(as) mesmos(as) se organizaram e se entenderam nas desavenças, houve situações de exclusões e discriminações, que não foram corrigidas pelo professor que, nessa aula, se manteve observando e conversando. A aula se baseou no vôlei e futsal; percebi que os(as) alunos(as) iam se desmotivando no decorrer da aula e saíam das atividades, se sentavam, conversavam um pouco e depois retornavam na mesma ou trocavam, o que acabava desanimando aqueles(as) queriam jogar sério, fato que ocorreu com mais intensidade no final da aula. A aula seguiu assim até o final e os (as) alunos(as) retornaram à sala.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 26

Total de participantes: 22

Não Participantes: 4 (1 menino e 3 meninas)

A aula iniciou em sala, os(as) alunos(as) estavam agitados(as) e queriam descer para quadra; o professor entrou, cumprimentou e começou a fazer a chamada. No final, falou para eles(as) que a aula seria livre na quadra; eles(as) desceram e pediram ao professor se podiam buscar o material; então dois meninos foram buscar as bolas enquanto na quadra já havia um o pessoal do vôlei a maioria meninas e os



meninos já estavam decidindo quem ia no time de quem. Percebi que houve exclusão e discriminação nessa hora, no vôlei algumas meninas e meninos queriam mandar no jogo e acabavam dando risada ou brigando com quem não acertava. O professor ficou ao lado observando, às vezes corrigia ou comentava alguma jogada, acerto ou erro; percebi muitas reclamações de atitudes dos(as) colegas para o professor, mas o mesmo não interveio nas discriminações, exclusões e desentendimentos, apenas ficou observando. A aula não teve um planejamento nem organização, as atitudes não foram refletidas e a aula foi livre, baseada no esporte organizado pelos(as) alunos(as), que entravam e saíam da atividade, mas somente 4 alunos não participaram da aula toda, sendo 3 meninas e 1 menino. O menino ficou num canto olhando os amigos jogar futsal, triste e cabisbaixo, já as meninas ficaram sentadas na grama ao lado da quadra conversando e dando risada e não houve por parte do professor o incentivo à participação, pois o professor apenas ficou observando e conversando com alguns(as) alunos(as). No final da aula, não houve reflexão, nem contextualização e nem preparação para próxima aula; ao sinal, os (as) estudantes retornaram à quadra.

Diário de Campo XIII - 19/11/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 34

Não Participantes: 0

A aula iniciou em sala com alunos(as) agitados(as) e discutindo se seria teórica. O professor chegou, cumprimentou os(as) alunos(as) e confirmou que a aula iria ser teórica, por isso eles(as) não gostaram muito, mas o professor prosseguiu e após a chamada pediu que os(as) estudantes formassem grupos de 7 alunos e os (as) deixou se organizarem. Percebi que a aula foi planejada, organizada, teórica e o tema foi organização de campeonatos esportivos. Em conversa prévia com o professor, pedi permissão para fazer a entrevista com os(as) alunos(as) dessa sala que não participavam e enquanto eles(as) se organizavam, entrevistei aqueles(as) que não participavam da aula. Saliento aqui que as entrevistas ocorreram nas aulas, pois não



obtive autorização para realizá-las fora da aula de Educação Física, pois a direção não queria que atrapalhasse o andamento das outras aulas, já que estávamos no final do bimestre.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 25

Total de participantes: 25

Não Participantes: 0

A aula iniciou se em sala com os(as) alunos(as) calmos(as). O professor chegou, cumprimentou e começou a chamada. Eles(as) queriam saber se a aula seria prática e o professor em tom de risada falou que seria teórica. Após a chamada, o professor deu início à teoria que foi planejada, o tema foi ritmo e os(as) alunos(as) gostaram dele, pois houve muitas perguntas e participações. Ao final da aula, em conversa prévia com o professor, pedi permissão para fazer a entrevista com os(as) alunos(as) dessa turma que não participavam da aula. Observo aqui que as entrevistas ocorreram nas aulas, pois não obtive autorização para realizá-las fora da aula de Educação Física, pois a direção não queria que atrapalhasse o andamento das outras aulas, já que estávamos no final do bimestre.

Diário de Campo XIV - 22/11/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professor D

Horário de início: 9h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 33

Total de participantes: 23

Não Participantes: 10 (9 meninos e 1 menina)

Ao chegar na escola, percebi que estava acontecendo a organização do festival, a professora estava na quadra com os(as) alunos(as) organizando e preparando o local para o festival. Nem todos(as) estavam participando, a aula se



desenvolveu em quadra e direcionada com ações de preparação executadas por alguns(as) alunos(as). A aula foi dirigida ao festival, as apresentações foram organizadas e 10 alunos não participaram, sendo 1 meninas e 9 meninos que ficaram apenas olhando seus colegas, conversando e mexendo no celular. A professora os(as) repreendeu, mas, mesmo assim, não houve participação na preparação. Percebi que as meninas estavam mais engajadas na preparação que os meninos. Como combinado anteriormente com a professora, utilizei uma parte da sua aula para entrevistar os(as) alunos(as) que não participavam da aula. Ressalto aqui que as entrevistas ocorreram durante as aulas de Educação Física, pois não obtive autorização para realizá-las fora do horário das aulas.

Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30min - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 33

Total de participantes: 31

Não Participantes: 2 (2 meninas)

A aula iniciou em sala com os(as) alunos(as) estavam conversando e andando bastante e muito agitados(as). A professora chegou e os (as) cumprimentou, mas nem a escutaram devido ao barulho. Ela mesma pediu silêncio e mais uma vez não foi ouvida e precisou gritar para que eles(as) a escutassem. Logo após, ela fez a chamada e avisou que a aula seria prática. Eles(as) comemoraram e perguntaram se seria livre, a professora falou que sim e, após a chamada, se dirigiram à quadra. A professora liberou a bola de futsal e algumas meninas e meninos pediram uma bola de borracha e perguntaram se podiam jogar queimada em um pátio próximo à quadra. A professora deixou, mas pediu que eles(as) não gritassem muito. Durante as atividades, 2 alunos não participaram, sendo duas meninas que ficaram conversando com a professora no canto da quadra por um tempo e depois foram observar os colegas jogarem queimada. Em nenhum momento quiseram participar, a aula não foi planejada, seu conteúdo foi livre, os meninos jogaram futsal e umas meninas e meninos jogaram queimada. Alguns meninos do futsal no final se juntaram na queimada enquanto a professora só observou e controlou o tempo, ia da quadra ao pátio lateral pra observar os(as) que estavam jogando queimada. Alguns(as)



alunos(as) mexeram no celular durante a aula, mas logo guardaram e continuaram jogando, houve desentendimentos devido a jogadas e movimentos errados no futsal, o que gerou desconforto entre os(as) alunos(as). A professora acabou não percebendo, pois estava no pátio observando a queimada. Como combinado anteriormente com a professora, utilizei a parte final de sua aula para começar a entrevistar os(as) alunos(as) que não participavam da aula. Reafirmo que as entrevistas ocorreram durante as aulas de Educação Física, pois não obtive autorização para realizá-las fora do horário das aulas.

Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B2

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 34

Total de participantes: 34

Não Participantes: 0

A aula iniciou em sala, os(as) alunos(as) estavam agitados(as), o professor chegou cumprimentou e começou a chamada. A turma começou a fazer silêncio, ao final da chamada, o professor relatou que a aula era teórica, os(as) discentes ficaram tristes, não gostaram muito. O professor pediu para que arrumassem o material e os (as) levou para a sala de vídeo. Ao chegar lá, o professor pediu silêncio e colocou variados áudios, o que despertou curiosidade. Eles (as) começaram a perguntar o que era aquilo pra que escutar todos aqueles áudios, uns meninos pediam ainda para ir pra quadra, nesse momento o professor foi mais firme e se excedeu falando que a aula era teórica e que eles prestassem atenção. Após os sons, o professor perguntou a que se referia o tema da aula, se eles(as) conseguiam perceber, houve várias respostas e o professor conseguiu instigá-lo(as) a participar. Houve uma grande participação e ao final um menino falou “é sobre sons” e o professor respondeu “quase” a turma ficou empolgada, o professor revelou que o tema era ritmo e começou uma conversa com eles(as). A aula foi planejada e organizada, houve contextualização e participação; os(as) alunos(as) ficaram interessados(as), a aula prosseguiu e terminou com a volta à sala. Como combinado anteriormente com o professor, utilizei uma parte da sua aula para começar a entrevistar os(as) alunos(as) que não participavam e saliento que as entrevistas ocorreram durante as aulas de



Educação Física, pois não obtive autorização para realizá-las fora do horário das aulas.

Ano: 9.º A/EC livre

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min - **Horário Final:** 16h10min

Total de Alunos(as): 31

Total de participantes: 25

Não Participantes: 6 (2 meninos e 4 meninas)

A aula iniciou em sala com a professora mais uma vez esperando os(as) estudantes entrarem do intervalo. Após a chamada, ela liberou para a quadra e avisou que a aula seria livre não haveria pontos nem esporte do dia. Os(as) alunos(as) se organizaram e jogaram futsal na quadra, muitos(as) fizeram uso de celulares, algumas meninas e meninos ficaram no pátio jogando vôlei, havia muita brincadeiras entre os meninos que tiravam sarro um do outro; muitos(as) sentavam na arquibancada para olhar o celular e conversar e depois retornavam a quadra jogar, um convidava o outro e assim foi a aula. No final, um dos meninos pediu a bola de basquete e terminaram jogando basquete. A professora se manteve observando, pediu algumas vezes para que guardassem o celular e para que participassem mais, mas quase não foi ouvida, alguns(as) alunos(as) ficaram conversando com ela durante um tempo. A aula não foi direcionada nem planejada, não participaram da aula inteira 6 alunos sendo 4 meninas e 2 meninos que ficaram jogando Uno, conversando enquanto a aula continuou e eu fui entrevistar os(as) que não participavam, como combinado anteriormente com a professora, utilizei uma parte da sua aula para começar a entrevistar aqueles(as) que não participavam. As entrevistas ocorreram durante as aulas de Educação Física, uma vez que não obtive autorização para realizá-las fora do horário das aulas.

Diário de Campo XV - 26/11/2019 - Terça-Feira

Ano: 9.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 7h50min - **Horário Final:** 8h40min

Total de Alunos(as): 32



Total de participantes: 25

Não Participantes: 7 (3 meninos e 4 meninas)

A aula iniciou em sala, a turma estava em clima de final de ano, agitada e conversando bastante. O professor chegou, fez a chamada, conversou sobre a formatura, notas e informou que a aula era livre. Logo depois, desceram para a quadra, onde o professor distribuiu as bolas e ficou observando a turma se organizar: os(as) alunos(as) jogaram futsal e vôlei como de costume, muitos(as) fizeram uso do celular e fones de ouvido, mudavam a todo momento de atividade, ou se sentavam para conversar e depois voltavam a jogar. O professor foi chamado na direção e os(as) alunos(as) ficaram na quadra o restante da aula sozinhos(as). A aula não foi dirigida nem planejada, foi livre e com atividades esportivas, 7 alunos não participaram, sendo 4 meninas e 3 meninos durante toda a aula. Ao bater o sinal, os(as) alunos(as) subiram e no final, chamei os(as) estudantes que faltava entrevistar para poder assim terminar as entrevistas com essa turma.

Ano: 6.º A/EA

Escola A/ Professor A

Horário de início: 13h20min - **Horário Final:** 14h10min

Total de Alunos(as): 27

Total de participantes: 24

Não Participantes: 3 (1 menino e 2 meninas)

A aula iniciou em sala, o professor chegou cumprimentou a turma e disse que a aula seria prática e livre. Os(as) alunos(as) comemoraram, o professor realizou a chamada e foram descendo para quadra. No final, o professor desceu e entregou os materiais, os(as) alunos(as) já estavam formando times e a aula não foi dirigida e nem aparentemente planejada. O professor ficou observando os(as) alunos(as) e conversando, não houve reflexões sobre o que acontecia em quadra; a maioria dos(as) alunos(as) participou do futsal ou do vôlei, apenas 3 alunos não participaram, sendo 1 menino e 2 meninas. O menino ficou o tempo todo conversando com o professor, já as meninas ficaram sentadas observando, dando risada e conversando, às vezes outras meninas e meninos vinham e se sentavam e ficavam conversando um pouco com elas mais depois voltavam a participar dos jogos. A aula continuou sem



intervenção do professor que ao sinal, recolheu o material e os(as) estudantes retornaram à sala. No final da aula, pedi ao professor autorização para terminar as entrevistas com aqueles(as) que não participavam e com o seu consentimento realizei a última entrevista dessa turma.

Diário de Campo XVI - 29/11/2019 - Sexta-Feira

Ano: 9.º B/ED

Escola D/ Professora D

Horário de início: 9h30min - **Horário Final:** 10h20min

Total de Alunos(as): 26

Total de participantes: 20

Não Participantes: 6 (3 meninos e 3 meninas)

A aula iniciou em sala, a professora estava sentada, corrigindo provas, enquanto os(as) alunos(as) chegavam. Havia poucos alunos que faziam uso de celulares e fones de ouvido. Conversaram com a professora sobre nota, como sempre em clima de amizade, após todos(as) estarem presentes, a professora fez chamada, e se dirigiram para quadra onde a aula aconteceu. A turma presente se dividiu na quadra entre vôlei e futsal, tudo ao mesmo tempo e três meninos pediram pra jogar basquete na quadrinha acima e a professora deixou, muitos(as), enquanto jogavam, faziam uso do celular e trocavam de atividades, sentavam e depois voltavam para a quadra. Neste dia, 6 alunos não participaram em nenhum momento, sendo 3 meninos e 3 meninas que ficaram na arquibancada mexendo no celular e observando os colegas jogarem; as meninas, além de estarem no celular, estavam lixando a unha. A professora, por sua vez, chamou a atenção das meninas, mas elas não guardaram e a professora fez cara de desagrado, mas sem nenhuma reação mais rígida. Como combinado anteriormente, pedi autorização para a professora para terminar as entrevistas e assim fui entrevistar os(as) alunos(as) que faltavam. A aula seguiu assim até seu final e ela recolheu os materiais e os(as) alunos(as) voltaram a sua sala com clima tranquilo, pois não percebi exclusão, nem brincadeiras discriminatórias, porém aparentemente a aula não foi planejada, aconteceu livre, esportivas e sem direcionamento.



Ano: 6.º A/EB

Escola B/ Professora B2

Horário de início: 12h30min - **Horário Final:** 13h20min

Total de Alunos(as): 32

Total de participantes: 25

Não Participantes: 7 (3 meninos e 4 meninas)

A aula iniciou em sala com estudantes agitados(as). A professora chegou, fez chamada e falou sobre notas e trabalhos, por um momento o silêncio se fez presente, na hora que ela falou da nota de cada um, achei bonitinho, a cada nota falada, uma comemoração alegre ou decepção ilustrava o rostinho dos(as) alunos(as), vergonha também, alguns(as) deram risada um do outro. Após isso, a professora falou que iriam para quadra, daí a alegria voltou. Ao chegar lá, já havia uma sala lá de 8.º ano e então a aula foi dividida com futsal, vôlei e queimada. No pátio, o professor do 8.º ficou cuidando do futsal e a professora da sala foi olhar a queimada, porém só observaram os(as) alunos(as) jogarem, sem intervi. Houve uma maior não participação, foram 7 alunos que não participaram, sendo 3 meninos e 4 meninas, eles ficaram observando, rindo e faziam uso do celular. Alguns(as) que jogavam também estavam com o celular e às vezes tiravam para olhar, a aula seguiu assim com alguns desentendimentos, exclusões, discriminações que só foram observadas pelos professores e no máximo houve, um “para com isso” ou “ele também tem que participar”, sem reflexões. A aula aparentemente não foi planejada, organizada, contextualizada. No final da aula, como combinado anteriormente, pedi à professora autorização para terminar as entrevistas e assim a aula continuou nesse ritmo até o sinal, quando a professora recolheu o material e os(as) alunos(as) retornaram para sala.

Ano: 6.º C/EB

Escola B/ Professor B1

Horário de início: 14h10min - **Horário Final:** 15h

Total de Alunos(as): 29

Total de participantes: 28

Não Participantes: 1 (1 menina)



A aula iniciou em sala, os(as) discentes estavam quietos(as) e havia menos alunos(as) que o comum. O professor chegou e cumprimentou todos(as) e falou que na próxima aula iria falar as notas. Os(as) alunos(as), nesse momento, perguntaram da nota e começaram a conversar entre si, enquanto isso o professor fez chamada e ordenou que fossem para a quadra, mas que ele iria dar só queimada. Alguns meninos acharam ruim e queriam futsal, já a maioria das meninas gostou. Chegando na quadra, o professor pediu que eles(as) formassem o time e ficou observando. Como estava demorando, o professor interveio e organizou os times, apenas uma menina ficou de fora, o professor pediu que participasse um pouco, mas ela disse que estava cansada. Começaram a jogar e o professor ficou ao lado observando e ajudando, apontando e intervindo nos desentendimentos comuns. Os(as) alunos(as) estavam alegres, o professor estava calmo e percebi que as meninas se soltaram mais, sem tanto medo e receio de uma correção. Ao final do jogo, o professor liberou os alunos para jogar futsal e eu aproveitei para pedir autorização e poder terminar as entrevistas e assim fiz. A aula continuou com futsal com os alunos que queriam jogar e as meninas e alguns meninos ao lado brincando de toques de vôlei, assim foi até o final e os(as) alunos(as) foram dispensados(as) para o intervalo.

Ano: 9.º A/EC

Escola C/ Professora C

Horário de início: 15h20min - **Horário Final:** 16h10min

Total de Alunos(as): 29

Total de participantes: 23

Não Participantes: 6 (2 meninos e 4 meninas)

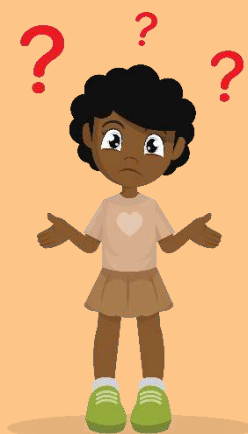
A aula iniciou com a professora na porta esperando mais uma vez eles chegarem do intervalo, houve uma certa demora e a professora ficou brava, assim que todos(as) chegaram, ela falou que eles é que estavam perdendo a aula e que estava cansada de esperar. Os alunos ficaram quietos meio que assustados, pois não esperavam a reação dela. Após a chamada, ela os (as) liberou para a quadra, os meninos estavam agitados, pulando uns nos outros, e batendo no braço, ela pediu que parassem com as brincadeiras. Assim que chegaram na quadra, 2 meninas foram se sentar na arquibancada e ficaram no canto isoladas, só mexendo no celular, e conversando, às vezes olhando pro nada como toda aula faziam, também houve um



grupo de 4 alunos sendo 2 meninos e de 2 meninas que não participaram ficaram jogando Uno na arquibancada. Os(as) outros(as) alunos(as) ficaram jogando futsal e basquete, entravam e saíam e faziam uso do celular; às vezes se sentavam um pouco e depois voltavam a jogar. A professora ficou observando e corrigindo trabalhos no canto da quadra. A aula aparentemente não foi planejada, organizada e contextualizada, não houve momentos de reflexão sobre atitudes da turma. Continuou assim até o final, não houve discussões entre alunos(as) e nem com a professora. Como combinado anteriormente, pedi no final para realizar as entrevistas com os(as) alunos(as) que faltavam e o assim fiz. A aula continuou até bater o sinal e todos(as) retornaram à sala.



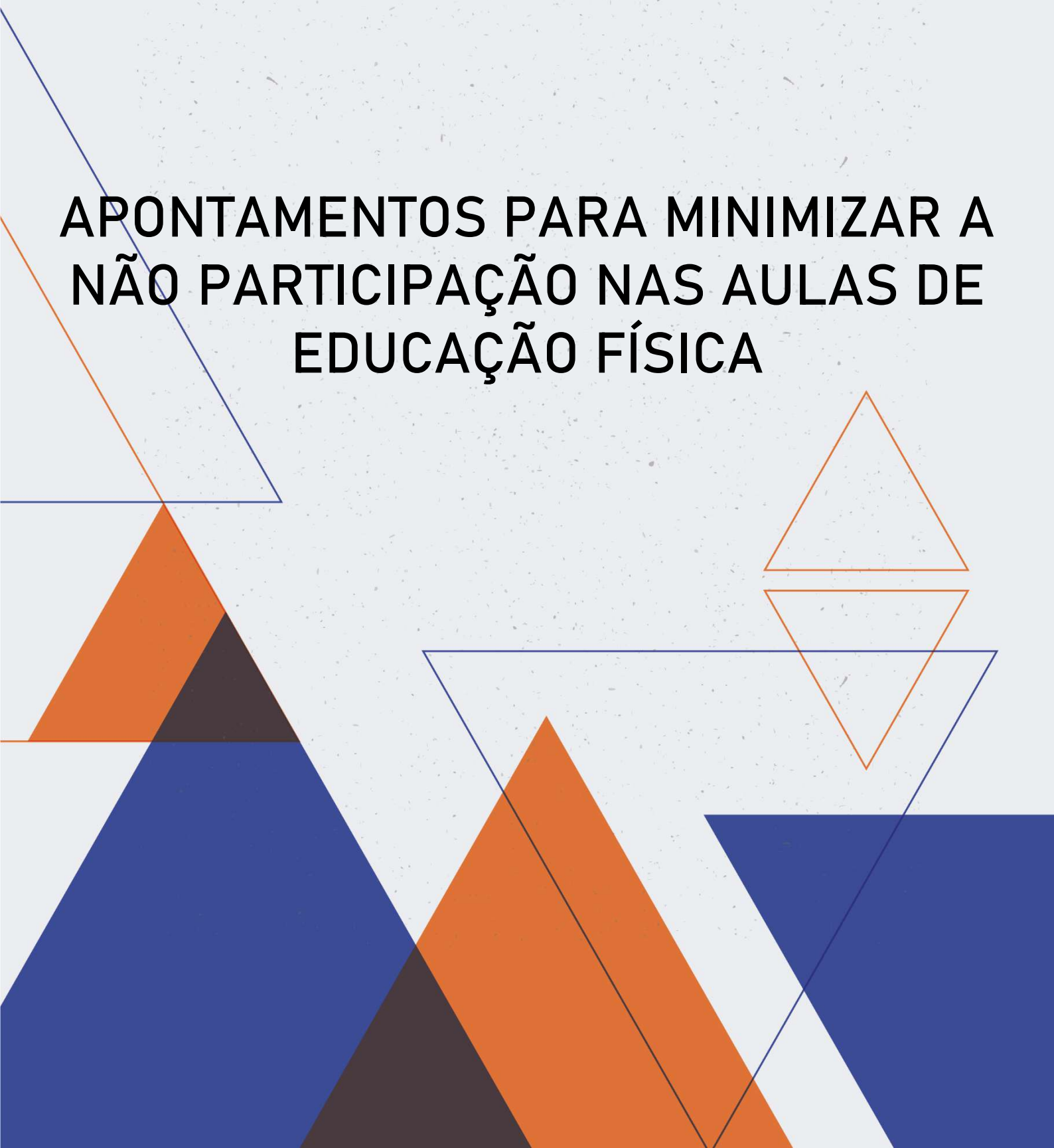
APONTAMENTOS PARA MINIMIZAR A NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA



ANA LAURA BERETA DE GODOI
ANDRESA DE SOUZA UGAYA

ANA LAURA BERETA DE GODOI

**APONTAMENTOS PARA MINIMIZAR A
NÃO PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**



Godoi, Ana Laura Bereta de.

Apontamentos para minimizar a não participação nas aulas de Educação Física / Ana Laura Bereta de Godoi ; orientadora: Andresa de Souza Ugaya. - Bauru : UNESP, 2020

42 f. : il.

Produto educacional elaborado como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF da Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru

1. Sedentarismo. 2. Dispositivos Eletrônicos. 3. Gênero. 4. Conteúdo. 5. Prática Pedagógica I. Ugaya, Andresa de Souza. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. III. Título.

REALIZAÇÃO

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho – UNESP

Faculdade de Ciências – FC

Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional
em Educação Física em Rede Nacional – PROEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – CAPES



SUPERVISÃO GERAL

Prof.^a Dr.^a Andresa de Souza Ugaya

ELABORAÇÃO

Prof.^a Ms. Ana Laura Bereta de Godoi

PROJETO GRÁFICO

Michele de Souza Moraes

REVISÃO

Lígia Serrano Lopes

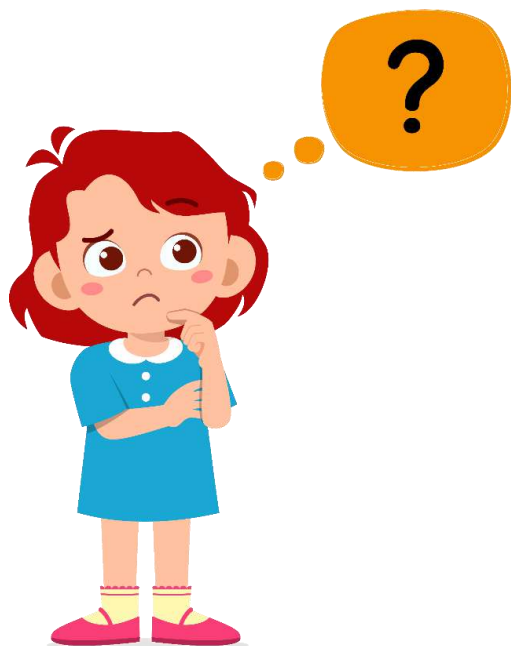
SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
EDUCAÇÃO FÍSICA É UM COMPONENTE CURRICULAR	7
A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	10
AS CAUSAS DA NÃO PARTICIPAÇÃO	13
PARA O ENFRENTAMENTO DA NÃO PARTICIPAÇÃO É PRECISO	19
ÚLTIMAS PALAVRAS	36
REFERÊNCIAS	38



APRESENTAÇÃO

Esse material é fruto da Dissertação de Mestrado intitulada “A perspectiva dos/das estudantes sobre a não participação nas aulas de Educação Física” de minha autoria, sob a orientação da profa. Dr.^a Andresa de Souza Ugaya.



A pesquisa, vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física Escolar em Rede – PROEF, teve o objetivo de identificar quais são os motivos que levam o(a) estudante a não participação nas aulas do componente curricular Educação Física, respondendo assim à questão: Por que os(as) estudantes deixam de participar das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental Anos Finais?

Os apontamentos tem como pressuposto contribuir como um apoio para que professores(as), gestores(as) e o público interessado pelo tema possam refletir sobre a não participação e buscar fomentar ações para o enfrentamento dessa problemática.



O material aborda um breve histórico da Educação Física, através de leis e decretos, a importância do componente curricular, as causas que levam a não participação, apontamentos para o enfrentamento dessa problemática e as considerações intituladas de últimas palavras.



**EDUCAÇÃO FÍSICA É
UM COMPONENTE
CURRICULAR**

1851 REFORMA COUTO FERRAZ

No Brasil, a Educação Física foi introduzida na escola em 1851 com a Reforma Couto Ferraz, que apresentou à Assembleia as bases para a Reforma do Ensino Primário e Secundário no Município da Corte. Em 1854, no primário e a dança no secundário após três anos, a sua regulamentação foi expedida, tornando obrigatórias a ginástica (BETTI, 1991).

Em 1882, em uma nova Reforma feita por Rui Barbosa, havia uma recomendação para que fosse oferecida a prática da ginástica para ambos os sexos nas Escolas Normais em parte da cidade do Rio de Janeiro e nas Escolas Militares (BETTI, 1991).

1882 RUI BARBOSA

1920 REFORMAS EDUCACIONAIS NOS ESTADOS

Só a partir da década de 1920, com as Reformas Educacionais, que vários estados incluíram a Educação Física que, até então, era chamada de Ginástica (BETTI, 1991).

A Educação Física passou a ser concebida como “[...] atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, psíquicas e sociais do educando, constituindo um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional” (BETTI, 1991, p. 104).

1971 DECRETO 69405

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional estabelece no artigo 26 que a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é um componente obrigatório da Educação Básica que é constituída por três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio.

1996 LDB

BNCC (2018)

A Educação Física é o Componente Curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo.

CURRÍCULO PAULISTA (2019)

Amparado pela perspectiva cultural, o ensino de Educação Física busca a compreensão do sujeito inserido em diferentes realidades culturais nas quais corpo, movimento e intencionalidade são indissociáveis, o que sugere, para além da vivência, a valorização e a fruição das práticas corporais, bem como a identificação dos sentidos e significados produzidos por estas nos diversos contextos.

COMPONENTE CURRICULAR

A Educação Física é um Componente Curricular e, assim sendo, é um direito de todos/as os/as estudantes o acesso a ela e a um ensino de qualidade.

EDUCAÇÃO FÍSICA

“Constitui-se um consenso de que o acesso à educação é um direito do cidadão e um dever do estado. Assim, sendo a Educação Física parte integrante do currículo escolar, é mais do que natural entendê-la como um direito de todos que pela escola passarem” (RANGEL *et al.*, 2005, p. 37).

[...] uma proposta para a Educação Física deve respeitar a diversidade humana em qualquer de suas expressões: gênero, biótipo, cor, raça, deficiência, etnia, sexualidade, aceitando e elegendo as diferenças individuais como fator de enriquecimento cultural (SILVA; LANDIM, 2003 *apud* CHICON, 2008, p. 16).

The background features a complex geometric pattern of overlapping triangles in shades of blue, red, and orange. The triangles vary in size and orientation, creating a dynamic and colorful composition. The colors transition from deep blue on the left to bright orange and yellow on the right, with red as a central accent color. The overall effect is modern and energetic.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física pode ser trabalhada dentro da perspectiva da Cultura Corporal de Movimento, essa entendida como parte da cultura humana, a qual é dinâmica e transformada a todo o momento (GALVÃO; RODRIGUES; NETO, 2005).

De acordo com Vago (2012, p. 9), “é também da Educação Física a responsabilidade de realizar uma ação educativa com o conhecimento que lhe é próprio [...]”. É a partir desse conhecimento, e do direito a um ensino de qualidade, que o(a) estudante se apropria do conhecimento e pode através dele ter consciência e desenvolver atitudes que o(a) torne mais autônomo(a) e crítico(a) perante a todo universo que o(a) envolve, onde é sujeito que possui, cria, recria e ressignifica culturas ao passo que é modificado(a) por ela.

Vale ressaltar que para Bordenave e Diaz (1994), a participação é o caminho que o/a estudante encontra para a satisfação de realizar atividades, dominar, conhecer a si mesmo e o mundo, a natureza, envolvendo e interagindo, a autoexpressão, o desenvolvimento do pensamento, o criar e o recriar.

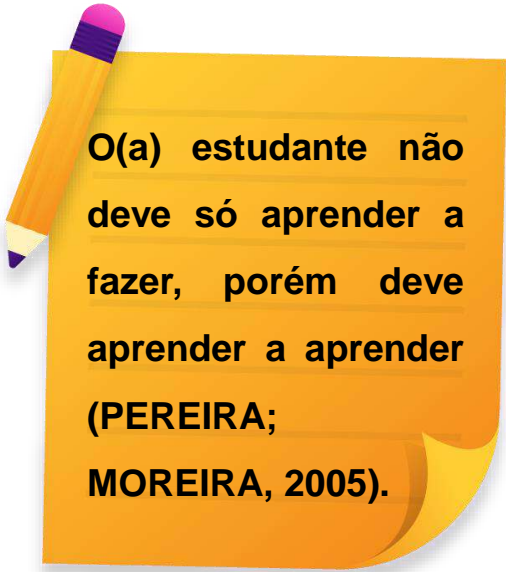
Partindo desse conhecimento, o(a) estudante tem a chance de analisar, interpretar, desenvolver, praticar, reinventar, reestruturar e produzir novos conhecimentos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) também a entendem como uma área de conhecimento da Cultura Corporal de Movimento e como o componente curricular que integra o(a) estudante nessa cultura.

É importante que o(a) estudante entre em contato com todos os elementos da Cultura Corporal de Movimento. A dança, a luta, o jogo, o esporte e a ginástica, entre outras manifestações corporais, que foram incorporadas como conteúdo da Educação Física, pois têm em comum a representação corporal de diferentes culturas humanas (GALVÃO; RODRIGUES; NETO, 2005).

A Educação Física deve levar o(a) estudante a compreender-se como sujeito inserido em diferentes contextos e realidades culturais, onde o corpo, movimento e intencionalidade trabalham juntas.

Assim para Galvão, Rodrigues e Neto (2005, p. 28), “não são só as regras, a técnica, a tática e o aprendizado desses conteúdos que são o foco dos estudos, mas o contexto que acontece a sua prática”.




O(a) estudante não deve só aprender a fazer, porém deve aprender a aprender (PEREIRA; MOREIRA, 2005).

Dentro da Cultura Corporal de Movimento, essas manifestações consistem em conteúdos que devem ser vivenciados e elaborados dentro de todas as suas dimensões: conceitos, procedimentos e atitudes. Devem ser propostas diversas vivências, garantindo a participação de todos(as) os(as) estudantes nas aulas do componente curricular (GALVÃO; RODRIGUES; NETO, 2005).

É de suma importância a inclusão de todos os(as) estudantes nas aulas, os conhecimentos gerados pela Educação Física, devem se constituir um direito e um instrumento que ajudem no combate à desigualdade social, no exercício da justiça e da liberdade e na construção de atitudes éticas, já que essas transformações devem ser garantidas na individualidade e na coletividade, promovendo sempre a colaboração e a solidariedade (GALVÃO; RODRIGUES; NETO, 2005).

De acordo com Silva e Landim¹ (2003, *apud* CHICON, 2008, p. 16):



[...] uma proposta para a Educação Física deve respeitar a diversidade humana em qualquer de suas expressões: gênero, biótipo, cor, raça, deficiência, etnia, sexualidade, aceitando e elegendo as diferenças individuais como fator de enriquecimento cultural. Desse modo, será possibilitada, a todas as crianças da escola, maior oportunidade de aprendizagem, interação com seu meio sociocultural e uma convivência positiva e rica entre todos os alunos.



AS CAUSAS DA NÃO PARTICIPAÇÃO



A não participação nas aulas de Educação Física, antigamente, era problema somente do Ensino Médio, mas passou a ser observado também no Ensino Fundamental II.

Partindo dessa problemática, elaboramos a seguinte pergunta: “Por que os(as) estudantes deixam de participar das aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II?”

Com essa indagação, a pesquisa teve como objetivo identificar quais são os motivos que levam o(a) estudante a não participar das aulas do componente curricular Educação Física.

Foram ouvidos(as) estudantes do 6.º ao 9.º anos de quatro Escolas Estaduais de cidades do interior do Estado de São Paulo.

As causas observadas e reveladas pelos(as) estudantes na pesquisa foram divididas em três categorias temáticas: Dispositivos Eletrônicos e Sedentarismo; Gênero; Práticas Pedagógicas e Conteúdos.



GÊNERO

Na categoria “**Gênero**”, identificamos que a não participação das meninas é maior e vários foram os motivos apontados por elas como não se sentirem confortáveis devido a exposição de seus corpos; conteúdos considerados repetitivos e “masculinos”; medo e insegurança causados pela falta de habilidade; o comportamento excludente e, muitas vezes, agressivo por parte dos(as) colegas e, em alguns momentos, dos(as) professores(as) e o não reconhecimento de seus esforços. As meninas precisam ser respeitadas, sem discriminações, precisam ter a segurança para arriscarem mais, ousarem mais e isso não pode ser negado a elas ou negligenciado pelos(as) professores(as). Um ponto que se faz relevante é a investigação do porquê alguns meninos também não participarem da aula. Apesar de ser em número inferior, este fator necessita ser analisado com mais atenção.



Também se torna urgente discutir sobre gênero, feminilidades e masculinidades, refletir sobre atitudes, comportamentos e valores que se apresentam enraizados em nossa sociedade e, inevitavelmente, na escola, analisar como esses elementos afetam o entendimento e a percepção que temos sobre corpo, práticas corporais e Educação Física.

Na categoria “Práticas Pedagógicas e Conteúdos”, pudemos compreender que os conteúdos repetitivos, as aulas livres e sem planejamento não incentivam a participação e provocam uma desvalorização do componente curricular. Como visto na pesquisa, no 9.º ano há um questionamento sobre a importância da Educação Física por parte dos(as) estudantes, visto que não veem sentido e significado no que é ensinado, bem como uma dissociação da disciplina com seus projetos futuros. A postura do(a) professor(a) e sua prática pedagógica também afastam o(a) estudante que muitas vezes se vê excluído(a), discriminado(a) tanto por seus colegas como pelo(a) próprio(a) professor(a). Foi perceptível uma troca de papéis, na qual, em muitas situações, os(as) estudantes escolhiam o que iam fazer e a forma que se organizariam. Já a função dos(as) professores(as) se resumia em fornecer os materiais, verificar o tempo, apitar o jogo, fazer a chamada e controlar alguns desentendimentos. Esses papéis invertidos levam a uma Educação Física que não funciona, a uma aula sem contextualização e fria de aprendizado. Há a necessidade de se entender os diferentes papéis entre os(as) professores(as) e os(as) estudantes, caso contrário, sempre teremos uma lacuna a ser preenchida.



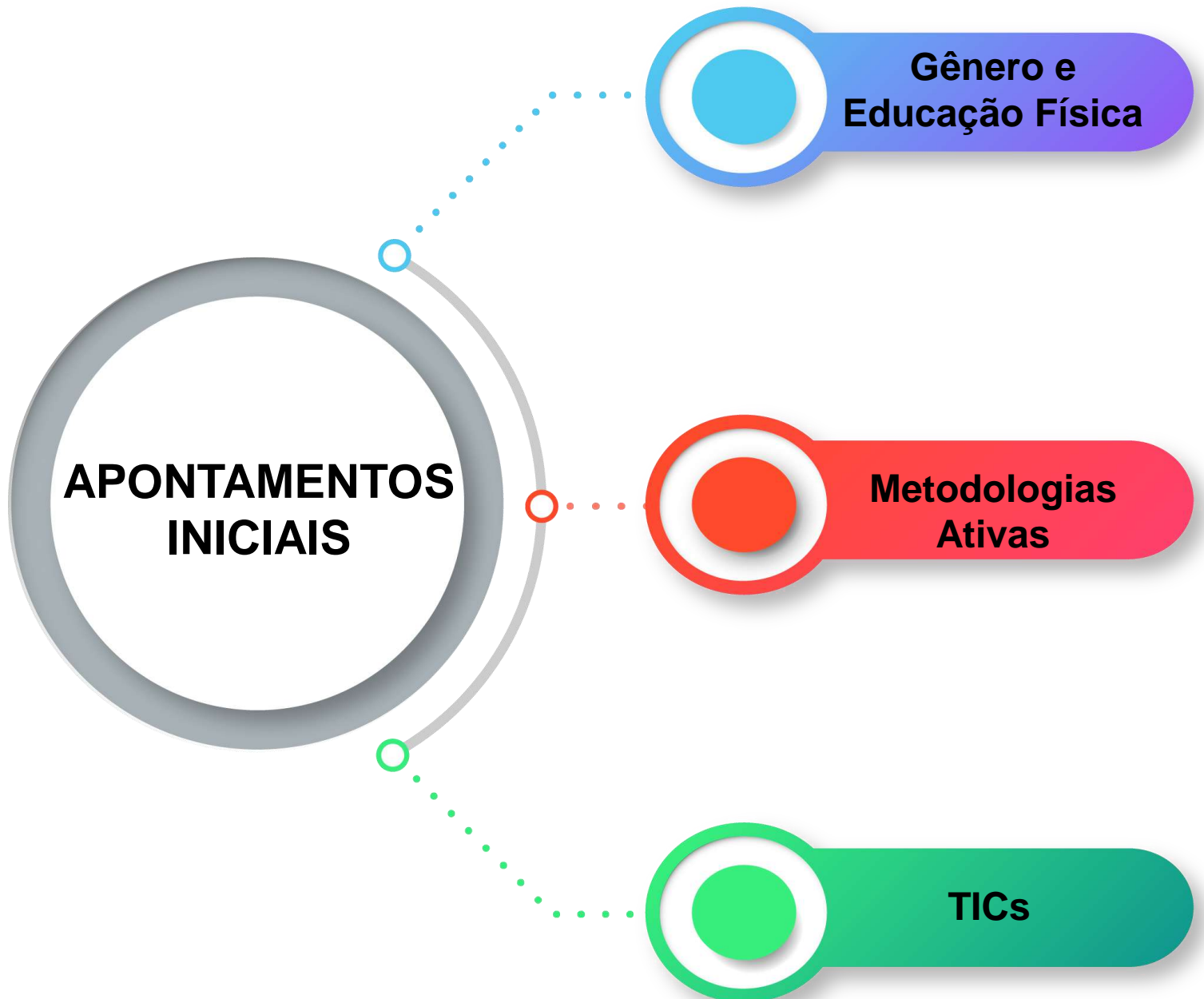
Ressaltamos que, de acordo com os estudos de Darido (2004), Pereira e Moreira (2005), a Educação Física é vista como o componente curricular que gera mais satisfação pelos(as) estudantes, mas no quesito importância, ela fica entre as últimas, o que foi confirmado através

dos dados desta investigação. Precisamos estar mais atentos à participação do(a) estudante, entendê-lo(a), compreendê-lo(a) em suas necessidades e em suas limitações; precisamos rever nossas responsabilidades de professores(as) comprometidos(as) com a Educação Física, assim, quem sabe, poderemos igualar o nível de importância ao nível de prazer. E esse prazer deve ser construído e ressignificado a cada ano, a cada novo ciclo.

The background features a complex, abstract geometric pattern composed of various sized triangles in shades of blue, red, and orange. The triangles are arranged in a way that creates a sense of depth and movement, with some larger triangles forming the outer edges and smaller ones scattered throughout. The overall effect is vibrant and modern.

**PARA O ENFRENTAMENTO
DA NÃO PARTICIPAÇÃO É
PRECISO...**

Nesta parte do Guia, apresentamos alguns apontamentos para o enfrentamento das causas da não participação. A partir do que foi revelado pelos dados da pesquisa realizada, enxergamos alguns possíveis passos a serem dados vislumbrando a minimização da não participação nas aulas de Educação Física.



PRECISAMOS DISCUTIR GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NA ESCOLA



De acordo com os dados, as meninas são as que menos participam. De um total de 39 estudantes, 26 (ou seja, 66,66%) eram meninas que relataram a não participação.

Foi constatado, na pesquisa que gerou esse Guia, que muitas meninas não se sentiam confortáveis, não gostavam de atividades práticas e participavam só de atividades teóricas. Muitas vezes isso se refere ao fato de sentirem vergonha da visibilidade corporal, pela falta de habilidade, por se sentirem incapazes, por sofrerem intimidações por parte dos meninos e sentirem invisíveis no processo de ensino do(a) professor(a) que muitas vezes acaba por privilegiar meninos e por colocar as meninas em situação de constrangimento e vergonha.

Durante muito tempo, a Educação Física diferenciou as atividades para homens e mulheres que eram vistas como frágeis e delicadas. Um decreto de Lei publicado em abril de 1941, Lei n.º 3.199, tratava da organização dos esportes no Brasil e em um dos seus artigos, mais especificadamente o de n.º 54, citava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos, incompatíveis com as condições da sua natureza” (BRASIL, 1941). Elas não participavam dos mesmos exercícios dados aos homens, isso gerava uma diferenciação que se tornou natural dentro da área por um período.

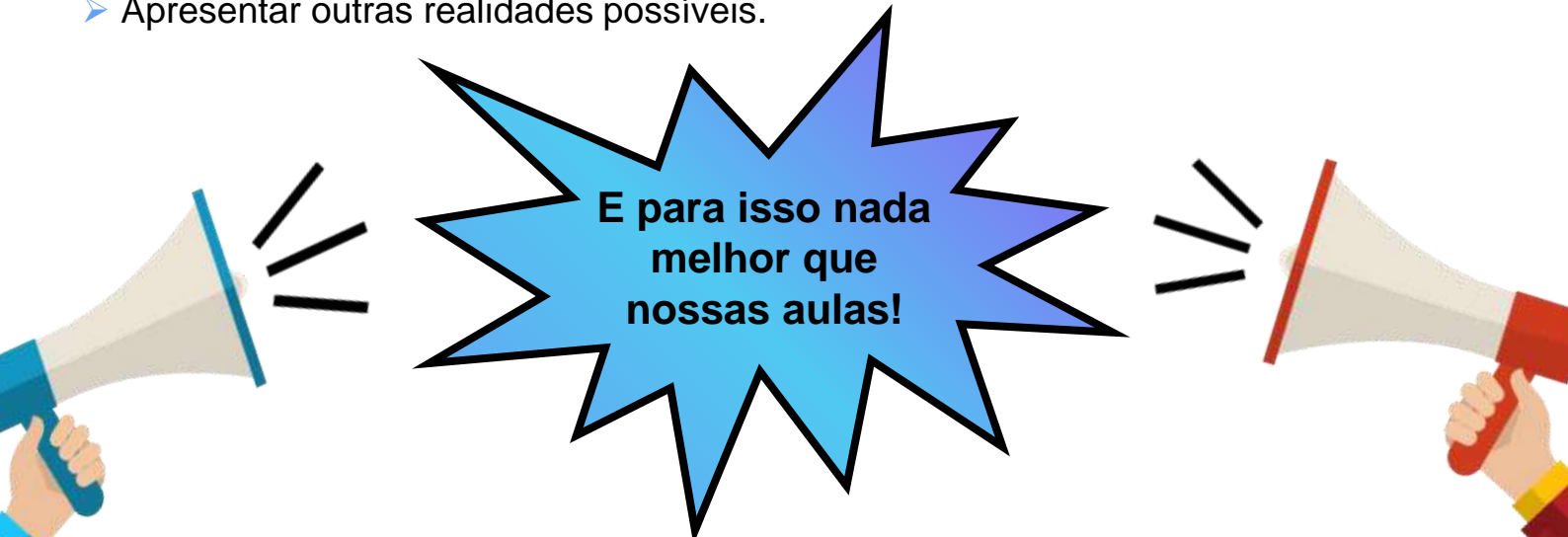
As práticas físicas permitidas se restringiam àquelas que se conciliavam com as ideias que prevaleciam sobre a natureza fraca do corpo e do sistema reprodutivo femininos. Houve um receio grande em relação ao exercício físico para as meninas (ALDEMAN, 2003, p. 446).

Essa construção cultural dos corpos masculinos e femininos não pode ser analisada como algo estanque no tempo e lugar, deve-se considerar os componentes social e histórico, pois cada grupo social constrói a sua imagem de masculino e feminino” (SOUZA JUNIOR; DARIDO, 2003, p. 144).

Nesse ínterim, meninos continuam recebendo mais estímulos para as práticas corporais, enquanto as meninas continuam se sentindo inábeis, com medo de errar, de serem expostas e julgadas. Infelizmente, continuam tendo vergonha de si mesmas e, conseqüentemente, participando menos das aulas de Educação Física na escola.

PRECISAMOS AGIR!

- Precisamos diversificar o repertório de atividades e incluir jogos que visem trabalhar a igualdade;
- Combater atitudes segregacionistas;
- Trabalhar com discussões e análise de posturas;
- Fazer de nossas aulas espaço para refletir sobre a igualdade, o respeito, a empatia e o trabalho coletivo;
- Combater toda forma de discriminação, *bullying* e conduta que fere o respeito ao ser humano;
- Todos precisam compreender que são iguais, necessitam respeitar e merecem respeito;
- Apresentar outras realidades possíveis.



**E para isso nada
melhor que
nossas aulas!**

Nossas aulas são espaços de interação contato que gerem situações riquíssimas que podem produzir aprendizado e não frustração, medo e preconceito.

- Se os meninos não passam a bola para as meninas, a atividade precisa ser interrompida e é necessário conversar sobre essa postura transformando-a em objeto de análise e crítica.



- Da mesma forma, se os meninos se recusam a participar das danças ou da ginástica, ou sofrem constrangimentos por isso, esse comportamento deve ser problematizado e discutido, gerando aprendizado para a turma.



O(a) Professor(a) não pode se ausentar dessa responsabilidade.

À ESCOLA CABE: implementar medidas que visem debater a questão do Gênero através de projetos, palestras entre outras possibilidades. Uma escola que se diz democrática não pode negligenciar essa problemática!

METODOLOGIAS ATIVAS

A falta de diversidade de conteúdos gera um descontentamento em alguns(as) estudantes que ao não verem sentido no que está sendo ensinado, não se sentem motivados a participar.

A pouca diversidade de conteúdos vai contra o que é recomendado pelos PCNs (BRASIL, 1998) que destacam as brincadeiras, jogos, esportes, ginásticas, lutas, atividades rítmicas e expressivas, conhecimento sobre o corpo, aprendizagens importantes para a formação dos(as) estudantes.



Um dos grandes motivos para que os(as) alunos(as) do Ensino Médio se afastem das aulas dessa disciplina, visto que os mesmos conteúdos sendo ministrados em todas as aulas podem fazer com que os(as) alunos(as), que já não possuem tanto interesse pelas mesmas, tenham cada vez menos e os(as) que se interessam, percam-no gradativamente (CHICATTI, 2000, p. 103).

Os(as) professores devem se empenhar em ensinar os conteúdos, diversificar as práticas corporais e intervir nelas (DARIDO; GONZÁLES; GINCIENE, 2018).

De acordo com os PCNs (BRASIL, 2000), o conhecimento deve ser contextualizado e, por isso, esse é o recurso que a escola tem para retirar o(a) estudante da condição de espectador(a) passivo(a) nas aulas.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 2000), o conhecimento deve ser contextualizado e, por isso, esse é o recurso que a escola tem para retirar o(a) estudante da condição de espectador(a) passivo(a) nas aulas.



As **Metodologias ativas** são formas de ensino que utilizam experiências reais ou simuladas, visando estimular a solução de desafios advindos da prática social, em diferentes contextos e que proporcionam a formação de um indivíduo ativo, crítico, reflexivo e ético por meio da aprendizagem significativa (BERBEL, 2012).

“Dentro de uma proposta ativa, o(a) professor(a) pode propor problemas dos mais variados, dando a oportunidade dos(as) alunos(as) resolverem da forma que acharem melhor, por meio da interação entre eles. Isso, inevitavelmente, gera mais diversidade nas atividades executadas e riqueza no desenvolvimento educacional deles” (VALLE, 2019).

CARACTERÍSTICAS DAS METODOLOGIAS ATIVAS

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os(as) alunos(as) sejam proativos(as), precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. “Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa” (MORÁN, 2015, p. 17).

- Aprendizagem por pares;
- Sala de aula invertida;
- Aprendizagem baseada em problemas;
- Aprendizagem baseada em projetos;
- *Desing Thinking*;
- Aprendizagem personalizada.

Outras possibilidades:

**Educação *Maker* ou
Cultura *Maker***

A Cultura *Maker* tem como principal objetivo a “mão na massa” possibilitar a invenção e a solução de problemas; onde criar, modificar ou construir algum objeto é o foco (PAULA; OLIVEIRA; MARTINS, 2019, p. 1).

Sabemos que na Educação Física necessitamos de vários materiais para as aulas. Que tal propor aos(às) estudantes a construção dos mesmos e também a elaboração de jogos e regras?

Construir juntos o conhecimento e trazer o(a) estudante como centro desse processo, é o que precisamos fazer para que as aulas se tornem um espaço rico de interação, criatividade e diversão.



Nas observações das aulas, notamos que muitos(as) estudantes que não participavam, usavam fones de ouvido conectado ao celular e faziam uso de maneira livre. Esse comportamento foi visto em todas as escolas, tanto nas aulas teóricas quanto nas práticas, com mais recorrências nas aulas nas quais não há mediação do(a) professor(a).

O desenvolvimento tecnológico ocorrido nos últimos anos tem aumentado e facilitado o acesso pessoal aos dispositivos eletrônicos. O uso desses dispositivos (computadores, *tablets*, celulares e jogos eletrônicos) tem transformado o cotidiano dos(as) adolescentes, tornando-se parte central em suas vidas, seja para fins de socialização, diversão, aprendizagem ou trabalho, ampliando o interesse dos(as) adolescentes (SAURESSIG *et al.*, 2015, p. 129).



Em pesquisa realizada por Darido, apesar dos estudantes, em todas as faixas etárias, terem a prática esportiva como atividade preferida, percebeu-se um aumento das atividades predominantemente sedentárias como assistir à TV, jogar videogame e usar o computador (DARIDO, 2004).



Então, como combater essa inatividade e o uso do celular sem fins pedagógicos?



Que tal apostar no uso das TICs?!

“Pode-se afirmar que as TICs compreendem todos os recursos que possam ser utilizados para se conectar com outra pessoa, assim como os meios utilizados para obtenção de informações, ou seja, o *smartphone* que usamos para ligar, mandar mensagens e acessar a internet é uma TIC completa e muito útil para a vida em sociedade atual” (FUJIVARA, 2014, p. 4).

A utilização das TICs é muito importante nos dias de hoje, pois elas auxiliam no raciocínio e o aprendizado dos(as) alunos(as) (SILVA, 2018).

- Jogos virtuais ;
- Pesquisa;
- Criação de jogos e simulações de atividades;
- Trazer o virtual para o real nas aulas;
- Discutir sobre o uso consciente para a formação do próprio estudante.



USO DE APLICATIVOS

- Kahoot;
- QRCode;
- Merge Clube;
- Goose Chase.

São opções para deixar a aula mais interativa e acoplar o uso do celular do(a) estudante.



Com isso, o(a) estudante acaba por se interessar mais na aula, o que pode acarretar em uma postura mais ativa, pois os conteúdos que estão sendo trabalhados estão em sintonia com seu mundo atual.

Para isso, devemos evitar as aulas livres e sem conteúdos.

Quanto mais o(a) estudante entender e compreender o que está aprendendo, melhor será sua participação.

Conhecer os reais interesses, planejar as aulas, diversificar os conteúdos, rever atitudes e proporcionar experiências que venham a ser significativas, são ações que podem contribuir para a diminuição da não participação.



OUTROS APONTAMENTOS: PRECISAMOS FALAR...

Para que as mudanças sejam significativas dentro das aulas de Educação Física, precisamos também falar sobre as três esferas a seguir:



PROFESSOR(A)

Ao(à) professor(a), figura fundamental no processo de ensino e aprendizagem, os desafios são inúmeros e para conseguir superá-los é preciso motivação, dedicação e apoio.

CONHECER, OBSERVAR E ESCUTAR...

Os(as) estudantes, suas famílias, suas realidades e necessidades. Suas atitudes e comportamentos na aula, na escola e sua interação com seus pares. Seus gostos, sonhos, aspirações, medos, inseguranças, insatisfações e dificuldades, acolhendo aquilo que estiver ao alcance.

O(a) estudante é o foco de todo processo educativo, portanto, deve ser observado(a), escutado(a) e acolhido(a) em suas dificuldades, medos e inseguranças.



CONSTRUIR...

uma relação de proximidade com os(as) estudantes, o que pode promover o estabelecimento de relações mais dialógicas, saudáveis e prazerosas. Uma vez se sentindo respeitados(as) e acolhidos(as), os(as) estudantes tendem a ser mais colaborativos(as) e engajados(as), contribuindo para um processo de ensino e aprendizagem mais construtivo e significativo. A formação de valores humanos como o respeito, a empatia, o compartilhamento, a coletividade, a afetividade, a interação social, entre outros, passa pela construção dessa relação entre todas as pessoas envolvidas no processo educativo. Essa construção é coletiva!

As interações durante as aulas de Educação Física são necessárias e é através delas que a afetividade e a interação são permitidas e ocorrem de forma intensa (DARIDO *et al.*, 2001).

deve ser algo incorporado em todas as aulas, pois “[...] é uma construção orientadora da ação docente que como processo organiza e dá direção a prática coerente com os objetivos a que se propõe” (BOSSLE, 2002, p. 31).

“[...] requer consciência do que se deseja fazer, o conhecimento da realidade deve ser o ponto de partida para a elaboração do planejamento” (MOREIRA JUNIOR, 2008, p. 45), assim, conhecendo os(as) estudantes o planejamento se torna mais significativo.

“a atividade deve se adequar ao(à) estudante e não o(a) estudante à atividade. O(a) professor(a) que se mantiver rígido(a) em atividades que não despertem o interesse do(a) aluno(a), termina por afastá-lo(a) da disciplina, auxiliando na formação dos não praticantes de atividades físicas” (DARIDO, 2004, p. 78).

Segundo Guimarães *et al.* (2001, p. 20), cabe ao(à) professor(a): “ter atitude de tomar a iniciativa para poder proporcionar, situações, que, dentro de seu planejamento prévio, aproveitariam as oportunidades de educar, formar ou desenvolver valores e atitudes consideradas desejáveis”.

Para Darido (2018), o(a) professor(a) deve se empenhar em ensinar os conteúdos, diversificando as práticas corporais e intervindo nelas. Então, faz-se necessário que deixe seu papel de espectador(a) e entre em cena. Acredita a autora que:

Para facilitar a adesão dos(as) alunos(as) às práticas corporais, torna-se imprescindível diversificar as vivências experimentadas nas aulas, para além dos esportes tradicionais (futebol, voleibol ou basquetebol). Na verdade, a inclusão e a possibilidade das vivências das ginásticas, dos jogos, das brincadeiras, das lutas, das danças podem facilitar a adesão do(a) aluno(a) na medida em que aumentam as chances de uma possível identificação. É importante ressaltar também que a Educação Física na escola deve incluir tanto quanto possível todos(as) os(as) alunos(as) nos conteúdos que propõem adotando para isto estratégias adequadas (DARIDO, 2001, p. 56).

MEDIAR ...

o processo de ensino e aprendizado oportunizando aos(as) estudantes serem protagonistas. Propor ações pedagógicas que permitam os diálogos, as discussões, as reflexões, as tomadas de decisão, as escolhas, criando um verdadeiro espaço democrático. Cabe a nós, professores(as), ouvirmos as vozes que têm muito a nos dizer fomentando um processo educativo que seja entendido como algo que acontece no presente e que alimentará o futuro. Autonomia, autoestima elevada, segurança, pertencimento, conhecimento, sentido, significado são aspectos importantes para a efetivação de uma educação transformadora.

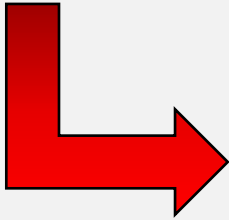
EDUCAÇÃO FÍSICA

```
graph TD; A([EDUCAÇÃO FÍSICA]) --> B([PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM]); B --> C[A visão dos(as) alunos(as), seus pontos de vistas e valores devem ser levados em consideração pelos(as) professores(as), sendo um dos princípios pedagógicos que devem orientar a Educação Física (BETTI, 1999 apud BETTI; LIZ, 2003).]; B --> D["Quando se admira um mestre, o coração dá ordens a inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe, passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro" (ALVES, 2002, p. 6).];
```

PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A visão dos(as) alunos(as), seus pontos de vistas e valores devem ser levados em consideração pelos(as) professores(as), sendo um dos princípios pedagógicos que devem orientar a Educação Física (BETTI, 1999 *apud* BETTI; LIZ, 2003).

“Quando se admira um mestre, o coração dá ordens a inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe, passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro” (ALVES, 2002, p. 6).



[...] a equipe de gestão de uma escola necessita ter um campo visual abrangente, direcionando o trabalho pedagógico em função de alunos(as) e professores(as). O gestor que observa e ouve seus pares profissionais, muda o que não está sendo produtivo e continua a aperfeiçoar o que está gerando benefícios pedagógicos na sua gestão. (SALGADO, 2017, p. 58)

A Educação Física é um Componente Curricular.



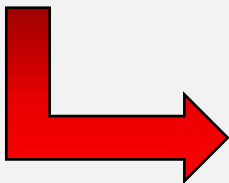
Valorizar a Educação Física como um Componente Curricular que possui um corpo de conhecimentos, ou seja, ela deve possuir a mesma relevância dos outros componentes curriculares. Ela deve ofertar sua parcela de contribuição no Projeto Político Pedagógico (PPP) e nos ATPCs, visto que as instituições escolares devem prezar por uma gestão democrática e participativa.

Educação Física como moeda de troca.

O(a) professor(a) de Educação Física deve ter voz nas discussões propostas pela escola, não ficando preso a ser meramente consultado na época de festas juninas, festivais, campeonatos ou outros afazeres que, muitas vezes, recaem sobre sua responsabilidade. Também é importante compreender que outros(as) professores(as) devem respeitar a autonomia do componente curricular, pois, muitas vezes, a aula de Educação Física torna-se moeda de troca.

O(a) professor(a) precisa saber que não está sozinho(a).

O apoio e a orientação da direção e coordenação se fazem nos desafios cotidianos do processo de ensinar, que inclui a falta de materiais, de espaços adequados, de motivação, dificuldades relaciona, entre outros fatores. Cabem às Diretorias, Secretarias Municipais de Ensino e escolas promover formações continuadas de qualidade que contribuam com uma atuação docente desejável, comprometida com a formação dos(as) estudantes.



Um gestor de qualidade é aquele que supervisiona, administra e organiza o ambiente escolar, mas que, sobretudo, reconhece e investe no ser humano, no profissional e na cultura (SALGADO, 2017, p. 52).

O(a) professor(a) deve se sentir valorizado(a) dentro da escola, necessita que sua autoestima seja recuperada. Encontrar acolhimento e apoio para as suas dificuldades e desafios é imprescindível.

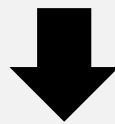
VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

É preciso ações dentro das políticas públicas que garantam os direitos trabalhistas à classe. Uma maior valorização profissional no que diz respeito às questões salarial, de condições do exercício do trabalho, progressão na carreira, aposentadoria etc. Dizer que o Brasil apresenta baixos índices na área da Educação e que isso precisa melhorar sem, no entanto, fazer um planejamento a curto, médio e longo prazo das ações e não realizar um investimento adequado, não trará melhoras significativas.



FORMAÇÃO CONTINUADA

É preciso que a formação continuada seja uma preocupação constante dos órgãos públicos ligados à Educação, esses devendo fomentar condições para que a classe docente possa investir em atualizações a partir da frequência em cursos, especializações, mestrado, doutorado e pós-doutorado. Garantir a oferta de bolsas de estudos e de tempo para as atualizações, sem que haja prejuízo para a progressão na carreira. Isso trará benefícios para as unidades escolares onde esses(as) professores(as) estarão inseridos(as).



“A garantia destes objetivos, por parte do Estado através das Políticas Públicas de Educação, das escolas sob a representação e intervenções de seus gestores e da ação pedagógica qualificada dos professores e condições de trabalho adequadas permitirá aos(as) alunos(as), em particular e à sociedade no geral, o conhecimento sobre as práticas corporais, satisfação e usufruto das aulas da Educação Física” (SALGADO, 2017, p. 57).



ÚLTIMAS PALAVRAS

“Meninos, meninas, adolescentes, jovens, professores(as): homens, mulheres. Sujeitos de todos os jeitos. De todas as formas, de todos os corpos, de todas as etnias. Aprendizes e mestres uns dos outros. Vivendo e compartilhando experiências culturais na Educação Física [...]. Aposto em um projeto de Educação Física como um dos tempos de realizar o humano direito a uma rica cultura de práticas corporais. Não como coisa dada. Mas como coisa conquistada e reconstruída. Tal como a vida. Um projeto em que alunos e alunas possam praticar essa cultura, sem exclusão por nenhum motivo – porque não há motivo que seja suficiente para justificar a exclusão das aulas de Educação Física; em que tenham respeitada a sua corporeidade, construída em sua história de vida; em que os sujeitos envolvidos (professores, crianças, adolescentes, jovens, adultos) possam colocar-se à disposição de si mesmos e de seus parceiros quando fruem, usufruem e recriam essas práticas na partilha da alegria. Reinventando-se a si mesmos. Reinventando a vida” (VAGO, 2009, p. 39).





REFERÊNCIAS

- ALDEMAN, Mirian. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v11n2/19131.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.
- ALVES, Rubem. Aprendendo porque amo. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, Folha Sinapse, 26 nov. 2002, p. 8. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u220.shtml>. Acesso em: 25 maio 2020.
- BERBEL, Neusa Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.
- BETTI, Mauro. Educação física, esporte e cidadania. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 20, n. 2-3, p. 84-92, 1999.
- BETTI, Mauro; LIZ, Marlene Terezinha Facco. Educação Física Escolar: a perspectiva de alunas do Ensino Fundamental. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 135-142, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/09n3/08MBetti.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.
- BORDENAVE, Juan Enrique Díaz. **O que é participação**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 84 p.
- BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino na educação física-uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2635>. Acesso em 17 jun. 2019.
- BRAGA DE PAULA, Bruna; OLIVEIRA, Tiago de; MARTINS, Camila Bertini. Análise do Uso da Cultura Maker em Contextos Educacionais: Revisão Sistemática da Literatura. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 17, n. 3, p. 447-457, dez. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/99528>. Acesso em: 25 maio 2020.
- BRANDOLIN, Fábio; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A Percepção dos alunos sobre a Educação Física no Ensino Médio. **Revista Educação Física/UEM**, v. 26, n. 4, p. 601-610, 4. trim. 2015. Disponível em: www.scielo.br/pdf/refuem/v26n4/1983-3083-refuem-26-04-00601.pdf. Acesso em: 10 nov. 2019.

BRASIL, Decreto-lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941 artigo 54. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial [da] União**, Rio de Janeiro, 18 abr. 1941. Seção 1, p. 7452 (Retificação). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 13 fev. 2020.

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física**, 3.º e 4.º ciclos, v. 7, Brasília: MEC, 1998. Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CHICATI, Karen Cristina. Motivação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, set. 2000. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/revista-educacao-fisica-uem-2000-n1-v11/>. Acesso em: 30 nov. 2019.

CHICON, José Francisco. Inclusão e Exclusão no contexto da Educação Física Escolar. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 13-38, janeiro/abril, 2008.

DARIDO, Suraya Cristina *et al.* A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 17-32, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://files.cursoeducacaofisica.webnode.com/200000047-421dd43179/PCNS%20E%20A%20EDUCA%20F%20FISICA.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2019.

DARIDO, Suraya Cristina. A Educação Física na Escola e o processo de formação dos não praticantes de atividades física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551>. Acesso em: 28 set. 2019.

DARIDO, Suraya Cristina; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; GINCIENE, Guy. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138389/mod_resource/content/1/index.html#. Acesso restrito. Acesso em: 06 nov. 2019.

FUJIVARA, Celso Toshikazu. O Uso das TIC's no Ensino da Educação Física. *In*: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas**, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.2. (Cadernos PDE). Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_edfis_pdp_celso_toshikazu_fujivara.pdf. Acesso em: 25 maio 2020.

GALVÃO, Zeneide; RODRIGUES, Luiz Henrique; NETO, Luiz Sanches. Cultura Corporal do Movimento. *In*: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (org.). **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 25-36.

GUIMARÃES, Ana Archangelo *et al.* **Educação física escolar: Atitudes e valores**. **Motriz**, v. 7, n. 1, p. 17-22, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n1/Guimaraes.pdf>. Acesso em 13. Nov 2019.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes Educação Física**. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <https://www.educabrazil.com.br/educacao-fisica/>. Acesso em: 25 de maio 2020.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (org.). **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas. Vol. II, 2015 Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 25 maio 2020.

MOREIRA, Evandro Carlos. Pensando e Planejando a Educação Física Escolar. *In*: CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., Cuiabá. **Anais [...]** 2008. Cuiabá: Faculdade de Educação Física – UFMT, 2008.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evandro Carlos. A Participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista da Educação Física/ UEM**. Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2.º sem. 2005. Disponível em: www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3381/2427. Acesso em: 21 out. 2019.

RANGEL, Irene Conceição Andrade, *et al.* Os Objetivos da Educação Física na Escola *In*: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade (org.). **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 37-49 (Educação Física no Ensino Superior).

SALGADO, Simone da Silva. Gestão e Educação Física Escolar: uma mudança de postura para uma mudança de cultura. **Temas em Educação Física Escolar**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 49-69, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/1140/843>. Acesso em: 25 maio 2020.

SAUERESSIG, Ingrid Becker *et.al.* Prevalência de dor musculoesquelética em adolescentes e sua associação com o uso de dispositivos eletrônicos. **Revista Dor**. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 129-35, abr./jun. 2015; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rdor/v16n2/1806-0013-rdor-16-02-0129.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SILVA, Claudio Gomes da. A Importância do Uso das TICS Na Educação. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, Ano 3, ed. 08, v. 16, p. 49-59, ago. 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tics-na-educacao>. Acesso em: 25 maio 2020.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas coeducativas em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 9, n. 3, p. 143-151, set./dez. 2003. Disponível em: www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1009. Acesso em: 07 out. 2019.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: Para uma formação cultural da infância e juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 25-42, set. 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930>. Acesso em: 8 out. 2019.

VALLE, Leonardo. **Metodologias ativas também são valiosas na educação física escolar**. Instituto Claro, São Paulo, 9 maio 2019. Educação. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/metodologias-ativas-tambem-sao-valiosas-na-educacao-fisica-escolar/>. Acesso em: 25 maio 2020.